

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política

**“QUEM NÃO TEM FILHO CAÇA COM CÃO”:  
ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO E AS CONFIGURAÇÕES  
SOCIAIS DE CUIDADO E AFETO**

Tese de doutorado apresentada  
ao Programa de Pós-Graduação  
em Sociologia Política do  
Centro de Filosofia e Ciências  
Humanas da Universidade  
Federal de Santa Catarina, como  
requisito parcial à obtenção do  
título de Doutora em Sociologia  
Política.

Prof.<sup>a</sup> Orientadora: Dra. Marcia  
Grisotti.

FLORIANÓPOLIS  
2017



### **Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política**


Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Campus Universitário - Trindade  
Caixa Postal 476  
Cep: 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil  
E-mail: [ppgsocpol@contato.ufsc.br](mailto:ppgsocpol@contato.ufsc.br)


## **“Quem não tem filho caça com cão”: animais de estimação e as configurações sociais de cuidado e afeto.**


**Kênia Mara Gaedtke**

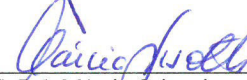
Esta tese foi julgada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pelos demais membros da Banca Examinadora, composta pelos seguintes professores.

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Grisotti  
(Presidente/Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Alexandre Bergamo Idargo  
(Membro)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia da Silva Mazon  
(Membro)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jean Segata  
(Membro)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Grisotti  
(Coordenadora)

FLORIANÓPOLIS, (SC), NOVEMBRO DE 2017.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gaedtke, Kênia Mara  
"QUEM NÃO TEM FILHO CAÇA COM CÃO" : ANIMAIS DE  
ESTIMAÇÃO E AS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DE CUIDADO E  
AFETO / Kênia Mara Gaedtke ; orientador, Marcia  
Grisotti, 2017.  
198 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política,  
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Sociologia Política. 2. Relações  
interespecíficas. 3. Animais de estimação. 4.  
Configuração social de afeto. 5. Luto. I. Grisotti,  
Marcia. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. III.  
Titulo.

“All animals are equal but some animal  
are more equal than others”  
*George Orwell, Animal Farm*



## AGRADECIMENTOS

O processo de doutoramento foi, seguramente, uma das passagens mais exaustivas e intensas da minha vida. Repleto de aprendizagens, rompimentos, de aprender e desaprender aspectos profissionais, acadêmicos, teóricos-metodológicos, existenciais. Sem ajuda, eu não seguiria adiante.

Meus agradecimentos primeiros são para aqueles que permitiram, com o seu amor, que eu estivesse aqui: meus pais, Mimo e Mari, a quem devo o que sou hoje.

Aos meus queridos irmãos, Junior e Bárbara, pela cumplicidade e parceria que se estenderá certamente pela vida toda. Cada um, à sua maneira, me apoiou ao longo dessa trajetória, mas à Bá devo especial gratidão, pelo apoio técnico, acadêmico e, muitas vezes, emocional.

O agradecimento mais especial é para a minha orientadora, minha mentora acadêmica desde a graduação, Márcia Grisotti, que sempre comprou minhas ideias, respeitou o meu tempo, me estimulou e contagiou a todos com a sua energia e disposição. A cada encontro, a cada email, me motivou a chegar até aqui – e sempre prevendo projetos futuros.

Aos professores Alexandre Bérnago e Jean Segata pelas inestimáveis contribuições na qualificação do projeto desta tese.

Às pessoas fantásticas da UFSC e do PPGSP, Albertina pelo apoio paciente e irrestrito, a todos os professores e professoras, mas principalmente à Julia Guivant, Ricardo Müller, Carlos Sell, Ligia Luchmann, Ilse Scherer Warren, Marisol Orchard, Alberto Groisman, que desde a graduação servem de inspiração em minha trajetória acadêmica. Aos professores do programa de Antropologia Social, Rafael Devos e Gabriel Barbosa, que, juntamente com os colegas da disciplina Sociedades e Meio Ambiente, contribuíram enormemente para as reflexões apresentadas aqui.

Às pessoas que se dispuseram a colaborar na pesquisa de campo, minha amiga Rhéa, às veterinárias e às responsáveis por animais que me concederam entrevistas, e às estudantes que aceitaram participar da realização do grupo focal.

Aos colegas da graduação, do mestrado e do doutorado, e aos do núcleo ECOS, tantos que eu me omito de citar nomes pela chance elevada de esquecer alguém querido.

Aos amigos, os novos e os de sempre, Kelly e Bico, Ju Gonçalves, Satie e Eloi, André(s) Sarturi e Martinello, Fê Schweitzer, às meninas da

Zimba Fê e Anini, ao César e ao Steven, Babi e Gabi; em Jaraguá, tenho feito e refeito tantas boas amizades que fica difícil elencá-las aqui.

Às minhas avós e tias, mulheres de garra, e às primas também.

Este trabalho não seria possível sem o apoio de algumas instituições, como a própria Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, minha “casa” desde 2002; o Instituto Brasil Plural - IBP, que viabilizou parte da pesquisa de campo; a Universidade Rovira i Virgili - URV, pelo estágio sanduiche, e o Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, onde desde 2013 eu me realizo na pesquisa, na extensão, mas principalmente no ensino.

No Instituto Federal de Santa Catarina, agradeço a paciência e apoio de muita gente, com a mais terna gratidão aos estudantes, todos e todas, que dão sentido ao que faço. Aos colegas, em especial Gustavo, Zé, Anne, Ana Paula, Josué, Jean, Luciana(s), Catia, Clodoaldo, Jaison, Kély, Mario, Caroline(s), e às que já não estão mais na instituição, mas que seguem no coração, Carla e Eliane. À Isabeli, que além de uma ótima colega e amiga, me auxiliou com a revisão da tese.

Nos encontros acadêmicos em que apresentei trechos das reflexões constantes nessa tese, tive contribuições valorosas, pelas quais agradeço imensamente, especialmente Andréa Osório, Felipe Vander Velden, Bernardo Lewgoy, além de contribuições recebidas nos encontros da ALAS e ANPOCS.

Pelo tempo que passei na Espanha, em um doutorado sanduiche na Universitat Rovira i Virgili presto, antes de mais nada, gratidão a uma rede inominável de pessoas que me encorajaram, emocional e financeiramente, a me aventurar em uma estadia sem bolsa, que foi fundamental para finalizar essa tese e crescer como pessoa. Agradeço a recepção do Professor Ángel Martínez Hernáez e o convívio com amigos e amigas maravilhosos, que estarão para sempre nas minhas melhores lembranças: Los cuatro Danis - Iglesias, Soro, Artemisa e Schwartz -, Bea, Gabi Fauth, Paul y Arantxa, Teresa, Giuliano y Zio Mauro, Paulo El Lobo, David, Benji, Vanessa, y todos más.

Ao Jeandrey, agradeço pelo vivido e pelo companheirismo, pelo aprendizado de sempre e para sempre, desejando com carinho uma trajetória de muita paz e felicidade.

Ao Fábio, pelo reencontro mais incrível da minha vida, repleto de amor e cuidado, pela presença paciente nesses últimos tempos de escrita de tese, fundamental para a minha sanidade e para eventualmente lembrar que a vida vai muito além de um doutorado.

*Mãe e pai,  
não haveria nenhuma razão no mundo  
para essa tese não ser para vocês.*





## RESUMO

Diante de relações entre humanos e animais de estimação cada vez mais complexas e visibilizadas, essa tese busca compreender tais relações a partir de uma perspectiva sociológica, explicitando as interdependências existentes entre indivíduos – humanos e animais -, família, mercado e Estado. A partir de um olhar acerca dos cuidados humanos nos processos de adoecimento, envelhecimento e morte de pets, as reflexões aqui apresentadas indicam que há hoje uma configuração social de afeto que coloca aos indivíduos humanos como amar seus animais, numa espécie de modelo a ser seguido sobre cuidados e consumos, profundamente influenciado pelos interesses de mercado pet (sobretudo das indústrias farmacêuticas e alimentícias) e pela vigilância biopolítica do Estado. Enquanto isso, aos indivíduos animais, agora inseridos num – sempre controverso – processo de antropomorfização, cabe uma existência cada vez mais vigiada, controlada e civilizada. Essas reflexões são provenientes de uma retomada da literatura da sociologia em específico e das ciências humanas em geral, bem como de pesquisa de campo em hospital veterinário e crematório de animais, entrevistas, grupo focal, análise imagética-discursiva de material publicitário e análise documental, caracterizando-se como um estudo predominantemente qualitativo.

**Palavras-chave:** Relações interespecíficas; animais de estimação; pets; configuração social de afeto; luto.



## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

ABINPET – Associação Brasileira da Indústria para animais de estimação

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DSM - Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais

FATMA – Fundação do Meio Ambiente

FDA – Food and Drug Administration

FUNDEMA – Fundação Municipal do Meio Ambiente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONGs – Organizações Não-Governamentais

SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SRD – Sem raça definida



## LISTA DE FIGURAS

1. Foto ilustrativa da matéria “Mãe de cachorro também é mãe?”. Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/lifestyle/mae-de-cachorro-tambem-e-mae/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.
2. Pingente *Tal mãe, tal pet*. Disponível em: <<https://doguim.com.br/produto/pingente-tal-mae-tal-pet-coracao-e-patinha-em-prata-950/>>. Acesso em: 07 ago. 2017.
3. Perfil de gato em rede social. Disponível em: <<https://www.facebook.com/eduardo.darocha.984>>. Acesso em: 15 ago. 2017.
4. Perfil de cachorro em rede social. Disponível em: <<https://www.instagram.com/manemanezinho/>>. Acesso em: 15 ago. 2017.
5. Florais de Bach para animais de estimação. São Paulo. Autoria própria. Captação em: ago. 2013.
6. Roupas para animais com deficiências físicas. São Paulo. Autoria própria. Captação em: ago. 2013.
7. Suplemento nutricional para animais – Spirulina. São Paulo. Autoria própria. Captação em: ago. 2013.
8. Urnas funerárias para animais de estimação. São Paulo. Autoria própria. Captação em: ago. 2013.
9. Folder de medicação animal. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
10. Folder de vacina animal. Material disponibilizado em clínica veterinária, 2015.
11. Folder de brinquedo para cães. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
12. Folder de cerveja para cães. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
13. Catálogo de snacks para cães. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
14. Folder de comida para cães. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
15. Folder de sorvete para cães. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
16. Folder de arranhadores para gatos. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
17. Folder de guias para animais. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.

18. Folder de ração felina. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2013.
19. Folder de camas para animais. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
20. Folder de móveis para animais. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
21. Folder de joias para animais. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
22. Catálogo de roupas e acessórios. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
23. Folder de acessórios para animais. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
24. Folder de acessórios para animais. Material disponibilizado na feira Pet South America, 2015.
25. Folder produtos higiene bucal. Material disponibilizado em Clínica Veterinária, 2016.
26. Folder de supermercado. Material disponibilizado no estabelecimento. 2016.
27. Postagem da página da Frente Parlamentar em Defesa dos Animais. Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/frenteparlamentar.defesadosanimais/photos/a.252751934906399.1073741828.229015890613337/279675802214012/?type=3&theater>>. Acesso em: 17 ago. 2017.
28. Postagem da página da ONG Castre um Bigodinho. Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/castreumbigodinho/photos/a.1502523803340832.1073741832.1500663590193520/1700166106909933/?type=3&theater>>. Acesso em: 01 set. 2017.
29. Relações de interdependência entre animais de estimação, indivíduo humano, família, mercado e Estado. Autoria própria.

## **LISTA DE QUADROS**

1. Teses e dissertações sobre animais de estimação defendidas em programas de pós-graduação de sociologia no Brasil
2. As maiores indústrias farmacêuticas do mundo e sua relação com a saúde animal
3. Quadro conceitual de termos presentes nos materiais publicitários de produtos e serviços pets





## SUMÁRIO

<b>1 OS ANIMAIS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: O QUE HÁ E O QUE PODERIA / DEVERIA HAVER.....</b>	<b>27</b>
1.1 RELAÇÕES SOCIAIS SÃO EXCLUSIVIDADE HUMANA? OU POR UMA SOCIOLOGIA QUE ENXERGUE ANIMAIS .....	29
1.2 AS PORTAS ABERTAS POR NORBERT ELIAS, GABRIEL TARDE E ZYGMUNT BAUMAN.....	47
1.3 OS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO NA PRODUÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS.....	53
1.4 O LUGAR DOS ANIMAIS NAS SOCIEDADES – E NAS HUMANIDADES .....	65
<b>2 AS FAMÍLIAS MULTIESPÉCIES E OS CUIDADOS NOS PROCESSOS DE ADOECIMENTO, ENVELHECIMENTO E MORTE DOS ANIMAIS.....</b>	<b>67</b>
2.1 A PESQUISA DE CAMPO .....	67
2.2 O CONCEITO E AS CARACTERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS MULTIESPÉCIES.....	71
2.3 DOENÇA E VELHICE DE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO: RACIONALIZAÇÃO, TECNOLOGIA, CONSUMO E CUIDADO .....	91
2.4 A MORTE DOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO E A ANTROPOMORFIZAÇÃO.....	105
2.5 GODOFREDO E O <i>ANJO DA MORTE</i> : NOTAS DO CAMPO .....	125
<b>3 A RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO DO PRIVADO AO PÚBLICO: INTERDEPENDÊNCIAS ENTRE AFETO, MERCADO E POLÍTICA.....</b>	<b>129</b>
3.1 OS PETS NO MERCADO E NA POLÍTICA: A PESQUISA DE CAMPO E AS ANÁLISES DE DADOS.....	129

3.2 O MERCADO PET E AS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E MEDICAMENTOS .....	134
3.3 AS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DO UNIVERSO PET: REFLEXÕES ACERCA DE IMAGENS E TEXTOS .....	148
3.4 AS RELAÇÕES INTERESPECÍFICAS E A NOÇÃO DE CLASSE: UMA REFLEXÃO INEVITÁVEL .....	163
3.5 DIREITOS ANIMAIS E OS USOS POLÍTICOS DO AFETO	167
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>178</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>182</b>

## INTRODUÇÃO

Esta tese trata das relações entre humanos e animais de estimação, enfocando os cuidados humanos nos processos de adoecimento, envelhecimento e morte dos animais, bem como as implicações culturais, políticas e econômicas desses cuidados. A questão maior que permeou esta pesquisa é o que essa intensificação nas relações entre seres humanos e animais de estimação representa hoje? O que há de necessariamente emergente nessa relação, que difere de outros tempos? Partindo de uma perspectiva sociológica, analisei essa questão observando sua relação com as instituições sociais e com os processos de sociabilidade e configuração das sociedades contemporâneas. A pesquisa teve como pergunta de partida “como os cuidados humanos nos processos de adoecimento, envelhecimento e/ou morte de cães e gatos<sup>1</sup> estão relacionados às transformações nas sociedades contemporâneas?”. Como estes processos são reveladores de papéis sociais, dos humanos e dos não-humanos?

As respostas para estas perguntas pressupõem a investigação dos seguintes aspectos:

- O modo como a temática vem sendo tratada pelas ciências humanas, pelas ciências sociais e mais especificamente na teoria sociológica, através de um levantamento e análise bibliográfica sobre a *animal sociology* e demais vertentes de análise sociológica que considerem a relação humano/animal não-humano, enfocando na análise especialmente a produção nacional sobre a relação entre humanos e animais de estimação.
- A emergência e difusão do consumo de bens e serviços que envolvam o afeto e os cuidados nos processos de envelhecimento, adoecimento e/ou morte de animais de estimação.
- A compreensão das implicações dessa configuração social de cuidado e afeto por animais de estimação nas dinâmicas culturais, econômicas e de consumo, bem como nos espaços decisórios da política brasileira e nas políticas públicas.

---

<sup>1</sup> Restringir o recorte para tratar cães e gatos como animais de estimação - e não contemplar demais espécies – foi uma escolha baseada nos números referentes aos animais de estimação no Brasil. Ainda assim, a relação da espécie humana com outras espécies animais, para além destas, aparece ao longo do texto.

Ao longo do contato com essa temática, a própria definição de *animal de estimação* mostrou-se problemática<sup>2</sup>. Segundo Thomas (2010, p. 159), no início da idade moderna na Inglaterra, há três traços particulares que distinguem o animal de estimação dos demais: permissão de entrar na casa; recebimento de um nome pessoal e individualizado; e a impossibilidade de servir como alimento. Sobre estas características, já haveria fontes documentais a partir do século XV. Por outro lado, para Ritvo (*apud* BEVILACQUA & VELDEN, 2016), animal de estimação é aquele que não precisa trabalhar, mas vive apenas para ser sujeito de afeto humano.

Em trabalhos mais atuais, porém, as definições daquilo que se considera um pet<sup>3</sup> se tornam mais complexas. Para Wrye (2009, p. 1037), sociólogos e outros estudiosos, particularmente aqueles que trabalham no campo das relações animal-humano, devem lembrar que traçar essas definições deve ser um exercício cauteloso, pois investir em um dualismo pet/não-pet suspeitosamente lembra afirmações do humano como exceção, que situa os seres humanos em oposição aos animais.

Animais de estimação não têm características essenciais e são exclusivamente criados pela visão que os seres humanos têm deles. Esta é provavelmente a razão pela qual não está acordada uma definição do que torna um animal um animal de estimação – há simplesmente muitos traços que ambos os animais - de estimação ou não – possuem (WRYE, 2009, p. 1043, tradução minha).

No entanto, ainda que consciente dessa dificuldade em classificar animais de estimação, é possível encontrar uma recorrência na literatura que dá conta do tema, que traz as seguintes características: animais que passam a ser encarados como membros da família, muitas vezes como “irmãos” ou “filhos”, ou como sujeitos de direitos, tendo no contexto familiar o papel de satisfazer às necessidades humanas de companhia, amizade e amor incondicionais. Animais que oferecem aos humanos

---

<sup>2</sup> Utilizo ao longo do texto, prioritariamente, a expressão “animal de estimação”, ou “pet”. No entanto, muitas vezes, me refiro a estes indivíduos como “animais de companhia”, geralmente quando se trata de alguma citação indireta em que o(s) autor(es) utilize(m) essa expressão.

<sup>3</sup> Por mais que se trate de uma palavra estrangeira, optei por usá-la sem itálico, a fim de enfatizar que seu uso é cada vez mais recorrente e está incorporado em nossa sociedade.

novas identidades e cujas presenças incentivam novas formas de consumo. (CARVALHO & PESSANHA, 2012; PASTORI, 2012; SEGATA, 2012; OLIVEIRA, 2006).

De acordo com Steiger (2007), animais de estimação são todos aqueles mantidos pelos seres humanos em sua casa, para desfrute próprio e companhia. Ele lembra que o *Consejo de Europa para la protección de los animales de compañía* define que animais de estimação são aqueles previstos para esse fim, destinados à reprodução também para esse fim, “vira-latas” e a primeira geração nascida destes. Excluem-se animais para fins de produção de alimentos, lã, outras produções agrícolas, zoológicos, circos, exibição, experimentação e fins científicos. O autor ainda aponta a polêmica que envolve o animal “selvagem”, já que algumas espécies consideradas como tal podem ser, simultaneamente, consideradas de companhia em outros contextos.

A partir disso, tem-se a constatação de que é preciso pensar relacionalmente: O pet não é necessariamente um tipo de animal em si; é uma condição que se dá na relação. É algo definido por uma espécie, a humana, que convencionou que outras determinadas espécies são boas para algo – boas para comer, boas para amar, boas para trabalhar, etc.<sup>4</sup>. Ter clareza disso, que é algo bastante elementar para a discussão, foi uma das minhas primeiras e grandes aprendizagens nesta pesquisa.

A relação entre humanos e animais de estimação, aliás, passava longe de meu objeto de estudo inicial do doutorado. Entrei no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política com o objetivo de continuar minhas pesquisas sobre conselhos de saúde, que iniciei no mestrado<sup>5</sup>, que partiria então para uma análise no conselho nacional de saúde.

No entanto, por questões de ordem familiar, acabei entrando em contato com o universo dos *pet shops* e hotéis para cães e com consumidores/responsáveis por animais afoitos por novidades e produtos e serviços de qualidade. Foi quando ouvi de uma senhora, com quem conversava a respeito de seu explícito carinho pelo cachorro que levava no colo, que “quem não tem filho caça com cão”. Minha curiosidade sociológica não resistiu a isso, e comecei a pesquisar o que havia da sociologia a respeito dessa relação. Me surpreendi com o fato de que as

---

<sup>4</sup> Uma discussão interessante sobre como a antropologia trabalha com as noções de “animais bons para quê?” está em Osório (2011).

<sup>5</sup> GAEDTKE, Kênia Mara. **As relações intersetoriais nos conselhos municipais de saúde: um estudo de caso nos Conselhos de Joinville, Jaraguá do Sul e Balneário Barra do Sul – SC** [dissertação de mestrado]. Florianópolis, SC: PPGSP/UFSC, 2011.

pesquisas a respeito ainda eram raras (apesar de estarem em ascensão), especialmente na produção sociológica brasileira. Depois disso, passei a me dedicar a essa relação entre humanos e animais de estimação a partir de um olhar sociológico.

O ponto de partida continuou sendo a sociologia da saúde, onde se situavam minhas pesquisas anteriores, mas agora também pensando as questões de afeto e consumo. A pesquisa foi predominantemente qualitativa e baseada em extenso trabalho empírico. A metodologia contou com os seguintes percursos:

- a) Levantamento e análise da produção acadêmica sobre a relação entre humanos e não-humanos, em especial sobre a relação entre humanos e animais de estimação. Foi dada atenção às Ciências Humanas em geral, e depois afinando o olhar para as Ciências Sociais, e para a Sociologia – afinal, um dos pontos que defendo nesta tese, é o de que há inúmeros motivos para que a sociologia dê mais atenção às relações interespecíficas. A partir de um levantamento, verifiquei a produção nacional no Banco de Teses da CAPES, em dossiês específicos e em anais de eventos científicos;
- b) Pesquisa de campo em um hospital veterinário em Curitiba – PR: foram duas inserções nesse campo: uma em janeiro e outra em agosto de 2015. Foi possível observar os processos de luto e encaminhamentos pós-morte (cremação), conversar com responsáveis por animais e profissionais. Entrevistei formalmente duas veterinárias e uma estagiária da área, o proprietário do crematório para onde são destinados grande parte dos animais falecidos, e três clientes cujos animais haviam falecido recentemente, além das conversas informais com clientes e profissionais.
- c) Pesquisa de campo no evento comercial *Pet South America*, em São Paulo – SP, nas edições de 2013 e 2015. Trata-se do maior evento para empresas da área veterinária e de *pet shops* no Brasil. Nesta parte da pesquisa, foi possível conhecer os lançamentos de produtos e serviços, fotografar os *stands* e conversar com os expositores;
- d) Análise documental e imagética de materiais publicitários sobre produtos e serviços destinados ao cuidado nos processos de adoecimento, envelhecimento e/ou morte de animais de estimação, seguindo a metodologia da sociologia da fotografia e da imagem apresentada por Martins (2013).

- e) Levantamento de informações referentes aos investimentos das indústrias farmacêuticas na área de saúde animal, e dos discursos que evocam os direitos animais em plataformas políticas brasileiras.
- f) Grupo focal, realizado em dezembro de 2016, com três estudantes que já haviam atuado como *pet sitter* e/ou empregadas domésticas em residências em que há animais de estimação. Essa proposta metodológica surgiu posteriormente, quando as questões de classe se tornaram mais evidentes em outras frentes da pesquisa empírica.
- g) Estágio sanduíche sob a orientação do Professor Dr. Angel Martínez Hernáez do *Departament d'Antropologia, Filosofia i Treball Social* da Universidade Rovira i Virgili (Tarragona, Espanha), entre março e agosto de 2016. Através do sanduíche foi possível obter maior qualidade no processo de análise dos dados empíricos da pesquisa, visto que o professor Hernáez apresenta interessantes experiências etnográficas em espaços e contextos ligados à lógica clínica psicofarmacológica, analisando as oposições existentes na forma como as ciências sociais e as ciências médicas encaram os fenômenos (Martínez Hernáez, 1998).

A relação entre humanos e animais está envolta em um conjunto de construções históricas, culturais e materiais extremamente complexas, e a descoberta disso, para mim, foi ocorrendo aos poucos, tanto a partir de leituras quanto da vivência no campo. Um dos textos que me ajudou a compreender a magnitude dos significados que envolvem a relação entre humanos e animais é de autoria do antropólogo norte-americano Marvin Harris. *Cows, Pigs, Wars and Witches: The riddles of culture* (HARRIS, 2001) demonstra como a visão ocidental que se tem a respeito da sacralidade das vacas na Índia é geralmente equivocada, pois desconsidera os aspectos materiais, econômicos e ecológicos que envolvem tal relação.

Aquilo que pode ser visto como atraso a partir de uma perspectiva ocidental é, de acordo com Harris, ao contrário, o facilitador das condições de existência naquela sociedade: a vaca sagrada seria uma incansável devoradora de desperdícios, e, nesse sentido, o amor às vacas não teria nada de antieconômico, seguindo, inclusive, uma lógica quase protestante (HARRIS, 2001, p. 30).

O que eu afirmo é que o amor às vacas é um elemento ativo em uma ordem material e cultural complexa e bem articulada. O amor às vacas ativa



a capacidade latente dos seres humanos para manterem-se em um ecossistema com baixo consumo de energia, em que há pouca margem para o desperdício ou a indolência (HARRIS, 2001, p. 34, tradução minha).

Pensar o amor pelas vacas na Índia a partir do texto de Harris nos faz lembrar que as relações interespecíficas são muito mais complexas do que parecem ser a priori. Ao estender essa reflexão para as relações com pets, o olhar analítico se torna muito mais atento ao conjunto de variáveis que envolvem o fenômeno. É preciso, além disso, considerar que o recorte empírico desta pesquisa aqui apresentada é muito característico: A pesquisa de campo não adentrou em situações de negligência visível, abandono e/ou maus-tratos a cachorros e gatos, ainda que conversas sobre isso surgiram com as informantes. Outra questão deve ser ressaltada: também não problematizei as informantes quanto à sua relação com as demais espécies animais – como por exemplo, por que amam algumas espécies animais e outras não.

Além disso, a pesquisa está majoritariamente localizada num contexto socioeconômico de classe média e média-alta, em que muitas vezes o afeto em relação ao animal pode acabar sendo medido pelo quanto se gasta em tratamento médico ou ração. Mantendo atenção a estes pontos, parece possível e profícuo empregar os resultados desta pesquisa na compreensão destas relações interespecíficas.

Segue-se aqui a proposta de Bevilaqua e Velden (2016), para quem é preciso observar os animais em contextos:

Trata-se, assim, não de sustentar um sentimento empático universal e generalizado pela natureza, mas de investigar cuidadosamente as modalidades de convivência e interação com seres cuja importância e posição em quaisquer gradações de valor só podem ser definidas etnograficamente (BEVILAQUA & VELDEN, 2016, p. 37)

A partir disso, pensar em contexto é entendido como considerar as especificidades de cada relação, o tempo e o espaço em que se dá, mas ainda assim levantando reflexões mais amplas que envolvem as ideias de humanidade e animalidade.

No primeiro capítulo, busco refazer os caminhos das ciências sociais sobre a relação entre humanos e animais, especialmente animais de estimação. Nessa análise do estado da arte, é possível observar que,

assim como outras áreas das ciências humanas, há uma preocupação crescente em estabelecer as relações interespecíficas como objeto de pesquisa. O destaque, como já se presumia, está na antropologia, cujo cenário nacional desponta com grupos de trabalho em eventos, grupos de pesquisa em pós-graduações, diversos livros e edições especiais de revistas publicados, e que inevitavelmente acaba influenciando também outras áreas disciplinares, como é o caso da sociologia nacional, que - ainda que timidamente se colocada em comparação com sua disciplina-irmã - apresenta trabalhos recentes bastante interessantes, que vinculam as conexões interespecíficas com a teoria sociológica. Também nesse primeiro capítulo, faço as minhas próprias defesas de quais teorias podem nos auxiliar na compreensão de tal fenômeno, com destaque para Norbert Elias, Zygmunt Bauman e Gabriel Tarde.

Já no capítulo dois, inicio a discussão dos dados empíricos, sempre vinculados aos trabalhos anteriores dos meus pares. Parto das experiências de campo no hospital veterinário, no crematório de animais e das reflexões posteriores ao grupo focal, para pensar a forma como os conceitos de domesticação, antropomorfização, humanização ou petshismo estão presentes nas chamadas famílias multiespécies. Ao construir, aliando trabalhos anteriores e as constatações do campo, algumas características das famílias multiespecíficas, mapeio este *locus* de sentimentos intensos e por vezes ambivalentes, apresentando em seguida uma discussão sobre os cuidados humanos presentes nessas famílias.

Por fim, no terceiro capítulo, surgem as reflexões decorrentes da proposta inicial, que era a de observar os cuidados diante das doenças, da velhice e da morte dos animais - apresentada no capítulo anterior. Deste modo, essa última parte da tese expande a discussão para as questões sociais, políticas e econômicas que envolvem essa relação interespecífica, utilizando dos dados obtidos a partir da pesquisa de campo na feira do setor de *pet shops* e das pesquisas documentais. De início, apresento um levantamento dos investimentos em pesquisas e de expansão de mercado das multinacionais farmacêuticas e alimentícias. Em seguida a isso, faço uma análise de materiais publicitários de produtos e serviços para pets, propondo reflexões que relacionam afeto e consumo. Aqui, a questão de classe surge com uma reflexão breve - mas necessária; também há uma discussão acerca dos usos políticos dos discursos sobre direitos animais nas plataformas de partidos e candidatos brasileiros. Por fim, vinculo as ponderações destes dois capítulos, defendendo que, ao analisar os aspectos materiais e subjetivos da relação entre humanos e animais de estimação, iremos encontrar um modelo configuracional de afeto

profundamente relacionado com consumo, distinção e reconhecimento moral.

Talvez caiba aqui, antes de seguir adiante, uma explicitação sucinta do meu contato com o tema deste trabalho (já que percebi que é completamente impossível tratar do assunto sem entrar nas questões pessoais): Não tenho animais de estimação em minha casa atualmente, mas já tive; pretendo não os ter mais – mas não há fortes razões para eu não mudar de ideia. Prefiro gatos a cães. Na minha família há atualmente, além dos humanos, três cachorros e um canário, cuidados pelos meus pais e irmã, e eles são parte considerável em nossas tomadas de decisão familiares (viagens, passeios, compras, etc.). Nunca participei de nenhum grupo de defesa animal. Sou vegetariana estrita há quase dois anos, depois de muitos anos sem ingerir carne, mas não me considero necessariamente uma ativista. Ainda assim, estou consciente de que, inevitavelmente, as leituras sobre abolicionismo animal e veganismo influenciem esta tese. Já revi inúmeras vezes meus julgamentos morais diante das relações interespecíficas observadas; certamente farei isso muitas mais. Consegui responder à maioria das questões surgidas no início deste projeto com a pesquisa, mas incontáveis outras perguntas acerca das relações humano-animal continuam surgindo.

## 1 OS ANIMAIS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: O QUE HÁ E O QUE PODERIA / DEVERIA HAVER

Neste capítulo, busco refazer alguns caminhos teóricos, mapeando as relações interespecíficas no interior das ciências sociais, especialmente as que envolvam animais de estimação. Após apresentar um conjunto de argumentações pelas quais se crê que cientistas dessa área devam dar cada vez mais atenção ao tema, retomo autores que vêm atuando junto aos Estudos Animais, dando enfoque à produção brasileira. A verificação do estado da arte é feita com base no banco de teses e dissertações da CAPES, em anais de eventos acadêmicos nacionais e em dossiês temáticos de revistas nacionais de ciências sociais.

Em geral, as ciências sociais francesa e estadunidense mostram-se pioneiras no estudo sistemático das relações humanos-animais. Já há na produção internacional revistas importantes que vêm compilando os trabalhos que relacionam as sociedades humanas e os animais. De acordo com Serpell (2011, p. 16), os primeiros *journals* a se dedicarem exclusivamente à publicação de trabalhos sobre a interação entre humanos e animais foram *Anthrozoös* (publicado desde 1987) e *Society & Animals*, este último publicado desde 1993 e de onde foram retirados muitos dos trabalhos utilizados como referência ao longo desta tese. De acordo com o editorial no site<sup>6</sup> da revista, *Society & Animals*

publica estudos que descrevem e analisam as nossas experiências com animais não-humanos a partir da perspectiva de várias disciplinas dentro de ambas as ciências sociais (por exemplo psicologia, sociologia, antropologia, ciência política) e humanas (como história e crítica literária). A revista trata especificamente de temas como a relação humano-animal em várias configurações (crueldade contra os animais, os usos terapêuticos dos animais), os usos aplicados de animais (investigação, educação, medicina e agricultura), a utilização de animais na cultura popular (por exemplo, briga de cães, circo, animais de companhia, pesquisa com animais), as atitudes para com os animais em função de diferentes agências de socialização e estratégias,

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.brill.com/society-animals>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

representações de animais na literatura, a história da domesticação dos animais, a política de bem-estar animal bem como a constituição do movimento pelos direitos animais (SOCIETY & ANIMALS [online], 2015, tradução minha).

Por mais que alguns dos trabalhos publicados nessas e em outras revistas sejam apresentados aqui, esta tese não irá se deter no aprofundamento do estado da arte internacional, buscando, por agora, dar mais atenção à produção nacional. Isso, contudo, não retira a importância de, posteriormente, realizarmos levantamentos mais densos que mapeiem esses trabalhos.

No Brasil, ainda não há uma publicação exclusiva para os Estudos Animais, mas vão surgindo algumas experiências exitosas. A publicação da Revista Brasileira de Direito Animal, desde 2006, demonstra a abertura que a área do direito vem dando à temática no país. Ainda que a revista esteja bastante focada nas questões jurídicas, há trabalhos publicados ali que dialogam com outras áreas. Segundo o site da revista,

a sua importância não está apenas no fato de ser a primeira revista na América Latina dedicada aos direitos dos animais. Ela logo se tornou um foro de debate e pesquisa internacional, contribuindo de forma significativa para a evolução do pensamento em direção ao reconhecimento dos direitos dos animais. Nela já foram publicados artigos sobre o especismo, o status jurídico dos animais, o habeas corpus para os grandes primatas, o abolicionismo animal e outros temas inovadores, que vieram introduzir novas teorias nesse ramo do Direito. (Revista Brasileira de Direito Animal [online], 2017)<sup>7</sup>.

A produção brasileira acerca da interação interespecífica, ao seguir a tendência da Academia internacional, vem crescendo, em várias áreas ligadas às ciências humanas, ciências jurídicas e linguagens, seguindo uma trilha que há muito já havia sido traçada pelas ciências naturais - que se fortaleceram com uma perspectiva ecológica e holística em suas análises muito antes que as demais áreas. A verdade é que nós, das

---

<sup>7</sup> Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/about/editorialPolicies#focusAndScope>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

ciências sociais, temos nos permitido “redescobrir” as relações intrínsecas entre humanos e animais, tantas vezes negadas em nome de uma civilidade antropocêntrica.

### 1.1 RELAÇÕES SOCIAIS SÃO EXCLUSIVIDADE HUMANA? OU POR UMA SOCIOLOGIA QUE ENXERGUE ANIMAIS

Se a relação entre humanos e seus animais de estimação ainda sofre certo silenciamento por parte da sociologia, isso pode estar relacionado à própria origem da disciplina enquanto ciência e seus propósitos iniciais que, velada ou abertamente, são ainda hoje disseminados entre a comunidade acadêmica ligada à área. Se pensarmos o contexto de surgimento da sociologia, o encantamento com a modernidade que impulsionava a produção intelectual e artística da época estava fortemente vinculado às noções de racionalidade, desenvolvimento científico-tecnológico, e numa relação entre homem e natureza em que o primeiro carregava o direito e o dever de se utilizar da segunda em prol do avanço civilizatório.

Diante das agendas consagradas da pesquisa sociológica, pode parecer deslocado propor a relação interespecífica como objeto principal. No entanto, são cada vez mais numerosos os estudos que demonstram as transformações ocorridas ao longo da modernidade na forma como se concebe o humano, o sujeito, a razão e especialmente as dicotomias defendidas durante tanto tempo. Há uma série de discussões que tornam praticamente impossível ignorar as novas nuances que permeiam um limite fundamental e presente ao longo da história do pensamento: aquele que separa a humanidade da animalidade. Essa discussão dicotômica é antiga, contudo atual, e está calcada num posicionamento do homem quanto ao modo de se perguntar sobre sua própria existência, como afirmou Tim Ingold:

De modo geral, os filósofos têm tentado descobrir a essência da humanidade na cabeça dos homens, em vez de procurá-la em suas caudas (ou na ausência delas). Mas, na busca dessa essência, eles não se perguntaram sobre "o que faz dos seres humanos animais de determinada espécie?" Ao contrário, eles inverteram a pergunta, indagando: "O que torna os seres humanos diferentes dos

animais, como espécie?" Essa inversão altera completamente os termos da questão. (INGOLD, 1995, s/p)

Assim como outras dicotomias, o limite que separa animais de homens vem sendo cotidianamente borrado, por um lado, e reafirmado, por outro. Desde o final do século XX, a cultura científica lida com o fato de que a fronteira entre o humano e o animal está rompida. Caíram as fortalezas da defesa do privilégio da singularidade humana – a linguagem, o uso de instrumentos, o comportamento social, os eventos mentais; nada disso estabelece, realmente, de forma convincente, a separação entre o homem e o animal (HARAWAY, 2009, p. 40).

Donna Haraway, que dentre seus estudos de biologia, primatologia e história da consciência escreveu, na década de 1980, o hoje consagrado “manifesto ciborgue”, enfatizou as relações de poder e conflito que estão por detrás destas dicotomias.

Certos dualismos têm sido persistentes nas tradições ocidentais; eles têm sido essenciais à lógica e à prática de dominação sobre as mulheres, as pessoas de cor, a natureza, os trabalhadores, os animais – em suma, a dominação de todos aqueles que foram constituídos como outros e cuja tarefa consiste em espelhar o eu [dominante]. (HARAWAY, 2009, p. 90)

Dominique Lestel (*in* MACIEL, 2011) nos questiona sobre as razões pelas quais nós, seres humanos, temos tanta necessidade de introduzir animais em nossas sociedades. Para ele, o humano é incapaz de construir comunidades indiferentes à animalidade – seríamos todos nós, assim, partícipes de “comunidades híbridas”.

A proliferação de animais de estimação em nossas culturas toma a feição de um fenômeno considerável. Nós ainda não começamos a compreender em que medida isso diz respeito a algo essencial na forma como funcionamos em comunidade. Se essa necessidade de comunidade com os animais é tão difícil de apreender, é porque ela repousa sobre uma incapacidade real de compreender o que é verdadeiramente o animal (LESTEL *in* MACIEL, 2011, p. 47).

Esse seria o motivo, segundo Lestel (2011), do “mal-estar dos teóricos”: uma lógica perigosa, a de definir o animal em contraposição ao humano, e não por sua complementaridade, fatalmente nos conduz à exclusão de todo um conjunto de questões, e nenhuma cultura jamais poderia sustentar que nunca desenvolveu laços com ao menos uma espécie animal – afetivos, econômicos, sagrados, ou meramente gastronômicos.

Essa dificuldade não é exclusividade da sociologia. As ciências humanas em geral demoraram a reconhecer a agência dos outros animais, daqueles que não são humanos. Pastoreau (2015), por exemplo, lembra que durante muito tempo os historiadores não deram muita atenção aos animais, e que ele mesmo, no fim da década de 1960, encontrou muita dificuldade para conseguir apresentar um bestiário medieval como assunto de tese. Mas as coisas foram mudando. De lá para cá, com a parceria entre as áreas (especialmente com zoólogos, antropólogos, etnólogos e linguistas) e alguns trabalhos pioneiros – como o de Robert Delorf, *Les animaux ont une histoire* [Os animais têm uma história], lançado em 1984 – os animais tornaram-se verdadeiro objeto da história (PASTOREAU, 2015, p. 10). Aqui, vale lembrar da análise a partir da história das mentalidades de Darnton (2011) a respeito do massacre de gatos ocorrido na França do Antigo Regime e sua relação com simbolismos medievais e conflitos entre trabalhadores e patrão.

De fato, aquilo que a antropologia vem chamando de virada animalista (SEGATA, 2012) parece ocorrer também em outras disciplinas, que tardaram, mas que vêm se abrindo para os estudos animais, como a economia e a psicologia, por exemplo (como levantado por THOMAS, 2010; DRISCOLL & MACDONALD, 2010; SERPELL, 1996), mostrando que essa abertura vem ocorrendo em toda a grande área das Ciências Humanas.

Segundo DeMello e Joseph (2010), os estudos da relação humanos-animais ainda encontram uma série de impedimentos para sua ampliação – como a falta de inovação teórica nos estudos interdisciplinares, uma confusão com ativismo de direitos animais e um profundo antropocentrismo, que faz com que dentro e fora das universidades ainda se veja estes estudos como ameaçadores, superficiais, ou dignos de pouca credibilidade.

Não há como desconsiderar, além disso, que houve ao longo da história humana (especialmente ocidental) uma busca pela separação entre humanidade e animalidade, normalmente vinculada a uma constante necessidade de afirmar o humano em detrimento do animal, traçando uma linha divisória bem evidente (THOMAS, 2010; ELIAS, 1994;



FOUCAULT, 1978). Contudo, essa dicotomia humano/animal vem tendo cada vez mais dificuldade em ser sustentada, especialmente com os avanços nos estudos biológicos, etológicos, zoológicos e arqueológicos. E o diálogo sobre esses estudos entre as diferentes áreas acadêmicas torna-se urgente.

Reflexões acerca da ideia de Outro, seja ele humano ou animal, ganham espaço há bastante tempo no interior das ciências sociais. As reflexões sobre a distinção entre natureza e cultura, classicamente, fizeram com que a antropologia se dedicasse às representações sobre as espécies animais, aspecto bastante evidente nas obras de C. Lévi-Strauss e M. Douglas. A antropologia contemporânea tem retomado esta questão clássica com bastante força nas três últimas décadas, assim como a história e a filosofia. Não é possível deixar de citar também os trabalhos de E. Durkheim (1989) e M. Mauss (2001) que destacam a importância da simbologia animal para o estudo das sociedades.

Quando se trata da sociologia, a verdade é que repensar-se enquanto ciência é um exercício a que essa disciplina se propõe a fazer desde sua gênese, e isso tem lhe rendido credibilidade. Pensar seus objetos de pesquisa – e incorporar alguns que eram até então incomuns – faz parte disso, e é preciso que novas articulações analíticas, que levem em consideração não somente as relações entre humanos, mas também desses com os animais, estejam cada vez mais presentes na produção sociológica. Ao se propor a isso, a sociologia se aproxima das premissas de interdisciplinaridade que estão ligadas a revisar algumas dicotomias clássicas, especialmente aquela que divide ciências naturais e humanas, pois esse mesmo paralelismo [animalidade/humanidade] é encontrado na divisão do trabalho intelectual, entre as ciências naturais – que se ocupam da composição e das estruturas do mundo material (inclusive organismos vivos) – e as "humanidades", que incluem o estudo da linguagem, da História e da civilização. Além disso, a interdisciplinaridade está subjacente também às permanentes discussões entre cientistas integrantes de ambos os lados dessa fronteira acadêmica acerca do significado de "natureza humana" (INGOLD, 1995, s/p).

O conjunto do que vem se convencendo chamar Estudos Animais ou Estudos Humano-Animal – multidisciplinar em sua essência – tem se aproximado cada vez mais da sociologia. DeMello e Joseph (2010), por exemplo, apontam a importância de que estudantes de sociologia tenham contato com essa discussão. Para essas autoras, currículos vinculados aos estudos da relação humano-animal permitem aos estudantes compreender e analisar as formas como os animais são utilizados nas sociedades humanas; examinar as complexas relações

biológicas e sociais entre homens e animais; refletir sobre como os animais são representados nas artes, religião e literatura, bem como sobre a relação entre exploração de animais e marginalização de grupos sociais humanos; acompanhar a discussão sobre as questões morais, éticas, filosóficas e científicas que envolvem os animais hoje. Além disso, a presença desses estudos contribuiria para que estudantes buscassem entender os papéis desempenhados pelos animais de companhia na sociedade moderna. (DEMELLO & JOSEPH, 2010, p. 9).

Partindo da revisão bibliográfica, é possível fazer a defesa de que a sociologia expanda o olhar para a relação entre seres humanos e animais de estimação, justificando tal defesa a partir de, pelo menos, quatro pontos principais: em primeiro lugar, os processos de sociabilidade que envolvem indivíduos humanos com seus animais de estimação refletem importantes transformações ocorridas na sociedade moderna; segundo: as relações entre humanos e animais de estimação podem reafirmar ou representar material e/ou simbolicamente as desigualdades e a distinção entre os próprios seres humanos. Além disso, um terceiro aspecto é o de que, dado o impacto dessa intensificação da relação com animais de estimação nas sociedades contemporâneas, a sociologia já não tem mais a opção de desconsiderar as implicações culturais, econômicas, ambientais e políticas vinculadas às relações de humanos com os pets. O quarto ponto de defesa é que, por mais que a relação humanos/animais de estimação não seja um objeto consagrado da disciplina, é possível encontrar frentes de pesquisa promissoras nesta área e amparo teórico em várias correntes sociológicas clássicas – que veremos adiante.

Defender um olhar sociológico para as relações interespecíficas parecia, para mim, no início do projeto de pesquisa, algo que ficaria restrito à justificativa para a qualificação. No entanto, mais de quatro anos depois do início do doutorado, parece-me ainda elementar manter este discurso. Após apresentar um *paper* no Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS (GAEDTKE, 2014) especificamente com essa defesa, após discutir minha pesquisa em vários eventos nacionais e internacionais de sociologia e de outras áreas e conversar pelos corredores dos departamentos de sociologia, é perceptível que ainda pairam sobre esse tema insistentes ares de incredulidade, ironia ou incompreensão. Há quem julgue um ato de amor “estudar bichinhos” ou suponha que eu seja ativista de alguma ONG; por outro lado, há quem diga que, diante de tantas questões mais relevantes, a sociologia tem se perdido em caminhos “culturais demais”.

Quanto a mim, fui aprendendo algo com cada uma das reações com as quais convivi nesse tempo, que foram reforçando em mim a importância de justificar aquilo que, cada vez mais, já parece justificado.

Afinal, as sociedades humanas se constituíram, desde seu início, em relação profunda com outras espécies. O processo de sedentarização da espécie humana, estabelecida em núcleos de moradia durável, permitiu que animais e plantas, devidamente selecionados e adaptados, fossem se juntando ao nicho. Sob uma perspectiva ecológica, é necessário considerar a presença tanto de espécies inseridas intencionalmente pelos seres humanos (para proteção, trabalho, companhia, alimento, etc.) quanto das “indesejáveis”, a fauna e a flora que se desenvolvem em diversos meios criados, como por exemplo o meio ruderal – a área do lixo.

O Iluminismo europeu do século XVIII consolidou no imaginário ocidental a vitória do homem sobre outras espécies como tema central. Dizia-se que a verdadeira origem da sociedade humana estava na associação dos homens para se defenderem das feras. Depois vieram a caça e a domesticação. E domesticar o cão teria sido, então, o ato humano fundamental (THOMAS, 2010, p. 37).

Os interesses que os animais representam para a comunidade humana não são somente materiais, utilitários, mas também – e sobretudo – são geradores de sentido. Para Konrad Lorenz (1973), que, influenciado pela teoria da evolução de Darwin, foi um dos autores que formulou as bases da etologia – o estudo do comportamento animal –, o *blasé* homem moderno tende a procurar excitações sempre novas, e esse amor pela novidade acaba por afetar todas as relações que os seres humanos são capazes de manter com o mundo exterior.

Para o autor, essa “doença cultural” de buscar excitação constante atinge não só a relação dos homens com objetos de consumo, como sapatos ou carros, mas também suas relações com humanos e com outros animais. Os humanos podem ter, segundo Lorenz, uma má influência sobre o desenvolvimento dos animais de companhia:

Sabemos com que rapidez o comportamento social pode se degradar quando a seleção natural para de interferir. Os animais domésticos e até mesmo certas espécies selvagens posteriormente criadas em cativeiro o demonstram. [...] No conjunto, o animal doméstico é uma ridícula caricatura de seu dono. [...]. Nosso sentido dos valores estéticos exerce uma influência direta nas transformações físicas dos animais de criação. Uma musculatura frouxa, uma barriga saliente, a adiposidade, o

encurtamento da base do crânio e das extremidades são sinais característicos da domesticação, tão feios no animal quanto no homem. Pelo contrário, prezamos os sinais opostos, que conferem uma aparência nobre a quem os possui. (LORENZ, 1973, p. 77)

Nas últimas décadas, os trabalhos de Tim Ingold (1994a; 1994b; 2000; 2011) trouxeram um aprofundamento nas discussões sobre domesticação no interior das ciências sociais, a partir de um diálogo interdisciplinar. Segundo Sautchuk e Stoeckli (2012, p. 231), a noção de domesticação aparece em Ingold como ferramenta de comunicação com a ecologia, e expõe a defesa de que o animal seja compreendido não como mero objeto ou insumo natural a ser apropriado pelo homem, mas sim como um ser dotado de volição, de intenção e subjetividade, em constante movimento e engajamento com o meio e com os humanos. Ingold propõe que tratemos os animais como sujeitos nas relações sociais tanto quanto os humanos, ainda que seja preciso lembrar que, desta relação que é uma via de mão dupla, temos apenas o registro das perspectivas dos humanos (INGOLD, 2000). Para Sautchuk e Stoeckli,

o autor de maneira primordial ataca certa visão que retrata os seres humanos como seres capazes de impor concepções simbolicamente construídas a um mundo exterior (*world out there*), tratado como material bruto a ser moldado pela cultura e pelo intento consciente da humanidade. Rever a noção de domesticação torna-se, assim, uma forma de crítica da modernidade, justamente porque a distinção humano/animal caracteriza-se como um aspecto gerado por este pensamento (SAUTCHUK & STOECKLI, 2012, p. 241).

Ingold busca deliberadamente romper com duas premissas ligadas à noção de domesticação: a distinção entre humanos e animais, e posteriormente em suas obras, com a ideia de que a vida está no organismo em si – numa perspectiva cada vez mais ecológica, o antropólogo atenta para o caráter difuso da vida, enquanto relação organismo-ambiente. Neste caso, a vida é a *relação*, e não um organismo isolado de seu ambiente.

Para Ingold (2000), há na ideia de domesticação uma separação implícita entre natureza e sociedade que não é encontrável em sociedades não industriais. O advento das instituições e da ordem social que narram

uma transição do selvagem ao civilizado coloca a humanidade um degrau acima do estado natural, legitimando a domesticação enquanto imposição humana aos outros animais e ao meio.

O que se pode observar é que as transformações ocorridas na forma como se dá a relação dos humanos com animais de estimação são um reflexo das transformações ocorridas na própria sociedade humana. Thomas (2010) analisa as mudanças de atitude dos homens em relação aos animais e às plantas e dedica especial atenção às novas sensibilidades em relação aos animais de estimação:

hoje em dia, a criação de animais de estimação na Europa ocidental alcança escala sem precedentes na história humana. Ela reflete a tendência dos homens e mulheres contemporâneos a se refugiar em família para maior satisfação emocional. Cresceu rapidamente com a urbanização; a ironia é que apartamentos apertados e sem jardins efetivamente estimulam a manutenção de animais desse tipo. Esterilizado, isolado e geralmente sem contato com outros animais, o mascote é uma criatura com o mesmo modo de vida que seu dono; e o fato de que tantas pessoas consideram necessário, para sua integridade emocional, criar um animal dependente diz-nos muita coisa sobre a sociedade atomizada em que vivemos (THOMAS, 2010, p. 169).

É curioso perceber que os próprios textos sobre a interação entre humanos e pets vão tendo que ser revistos de acordo com as rápidas mudanças que essa relação apresenta. Um exemplo disso está no livro de James Serpell, *In the company of the animals*, publicado originalmente em 1986. No prefácio da primeira edição, o autor afirma que

Eu logo descobri que ter um pet é um assunto cercado por uma grande quantidade de preconceitos e mal-entendidos. A natureza exata desses preconceitos varia de pessoa para pessoa, mas todos eles se resumem a uma vaga noção de que há algo estranho, perverso ou inútil em exibir uma afeição sentimental pelos animais. Neste livro, eu exploro essas idéias preconcebidas sobre animais de estimação com algum detalhe. Eu tento mostrar como e onde essas ideias se originaram e por que, por uma razão ou outra, eu acredito que

elas são enganosas ou injustas (SERPELL, 2011, p. 14, tradução minha<sup>8</sup>).

Dez anos depois (1996), no prefácio escrito para a nova edição, Serpell aponta o crescimento de pesquisas e literatura científicas a respeito das relações interespecíficas, dos movimentos em defesa dos direitos animais que “expandiram como um balão”, influenciando o cenário político e as autoridades como nunca, mas aponta principalmente que

o número e a popularidade dos animais de estimação também aumentaram, enquanto a noção de que a presença de pets faz bem à saúde - um conceito que era ainda relativamente novo em 1986 - é agora muito mais ampla e prontamente aceita. Um tanto ironicamente, esta última tendência pode parecer desafiar a relevância de alguns dos argumentos originais contidos no livro (SERPELL, 2011, p. 18, tradução minha<sup>9</sup>).

Essas questões emergentes na relação humano/animal vêm sendo cada mais observadas sob um prisma científico. Don Kulick (2009), por exemplo, demonstra como, a partir de um tema aparentemente fútil – o aumento da obesidade entre animais de estimação – é possível pensarmos uma série de questões, como classe social, controle do governo em relação à vida privada dos cidadãos, relação entre obesidade e indústria alimentar, associando a isso uma reflexão sobre a ampliação, na filosofia e nas ciências sociais, dos estudos acerca das fronteiras entre as espécies.

Os companheiros humanos de animais de estimação sabem há muitos anos – bem como os

---

<sup>8</sup> “Pet-keeping, I soon discovered, is a subject encircled by a great deal of prejudice and misunderstanding. The exact nature of these prejudices varies from person to person, but all of them essentially boil down to a vague notion that there is something strange, perverse or wasteful about displaying sentimental affection for animals. In this book, I explore these preconceived ideas about pets and pet-keeping in some detail. I attempt to show how and where they originated and why, for one reason or another, I believe they are misleading or unjustified”.

<sup>9</sup> “The number and the popularity of pets is also increased, while the notion of pets being good for one’s health - still a relatively novel concept in 1986 - is now much more widely and readily accepted. Somewhat ironically, this latter trend may appear to challenge the relevance of some of the original arguments contained in the book”.

vendedores de produtos para animais de estimação – o que acadêmicos só agora começam a entender, a saber, que a linha divisória entre animais de estimação e pessoas não é nada clara [...]. Esta reavaliação radical vai além da associação apenas simbólica entre animais de estimação e humanos. Por meio de uma variedade de práticas, os companheiros humanos e os produtores e vendedores de produtos para animais de estimação muitas vezes transcendem totalmente as diferenças entre espécies (KULICK, 2009, p. 499).

Essa dissolução das fronteiras, das quais tratam Kulick e outros autores, reconfigura as relações sociais, e muitas vezes é utilizada de forma a reafirmar as desigualdades e/ou a distinção entre os próprios seres humanos, o que se apresenta como um segundo ponto de defesa do objeto. Este fato, por si só, já evidencia a importância do estudo sociológico dessa relação homem/animal: a maneira como o homem trata o animal diz muito sobre a forma como trata seu próprio semelhante (MACIEL, 2011; THOMAS, 2010; FOUCAULT, 1978).

Driscoll e Macdonald (2010) afirmam que a vinculação entre o processo de domesticação de cachorros - vinculado ao desenvolvimento das sociedades sedentárias e à Revolução Neolítica – e o início da concentração de riqueza e da desigualdade social humana tem se reforçado com a divulgação de uma análise filogeográfica em que se verifica a produção de pequenas espécies caninas através de seleção artificial já no Neolítico.

O fato é que pessoas gostam de cães e vice-versa. Diante disso, não é razoável ver os cães como riqueza – ao menos até a ideia de "capital vivo" surgir. Se os cães são riqueza, então, como o mais antigo animal domesticado, o melhor amigo do homem também pode ser, ironicamente, um precursor (ou um indicador de) desigualdade social nas primeiras civilizações (DRISCOLL & MACDONALD, 2010, p. 06, tradução minha<sup>10</sup>).

---

<sup>10</sup> “The fact is, people like dogs, and *vice versa*. Given this, it is not unreasonable to view dogs as wealth – perhaps even the first 'living capital'. If dogs are wealth, then, as the earliest domesticate, might not man's best friend also be, ironically, a precursor to (or an indicator of) social inequality in the earliest civilizations”.

Thomas (2010), analisando os primeiros séculos da Idade Moderna na Inglaterra, demonstra o quanto o processo de domesticação animal está ligado a “domesticação” dos que são da própria espécie, e como através do trato dos rebanhos de animais domésticos foi-se originando uma concepção de vida política específica, autoritária e patriarcal. Jovens, mulheres, loucos, pobres e escravos eram frequentemente vistos como bestas, portanto passíveis de serem tratados como tais; a domesticação de animais oferecia várias técnicas para enfrentar ou diminuir a delinquência desses grupos (*op. cit.*, p. 60).

A domesticação tornou-se, assim, padrão arquetípico para outras formas de subordinação social. O modelo básico era o paternal, com o governante como o bom pastor, tal como o bispo com o seu rebanho. [...] O ideal do predomínio humano também repercutia no relacionamento dos homens entre si, não apenas no modo de tratarem o mundo natural. (THOMAS, 2010, p. 62-63)

Arluke (2002) nota a ironia que existe no fato de que muitas das resistências à presença dos estudos animais no interior da sociologia originam-se de sociólogos que trabalham com grupos oprimidos (negros, latinos, deficientes, mulheres, LGBT). Para o autor, as explicações para isso podem estar ligadas tanto ao receio de disputas por financiamentos de pesquisa quanto até mesmo a um desconhecimento que os faria crer que os estudos animais estariam trivializando a discussão sobre opressão. Armstrong (2002) também identifica essa dificuldade nos estudos pós-coloniais que, preocupados com as relações históricas e contemporâneas entre o “Ocidente” e outras culturas, acaba demonstrando pouco interesse no animal não-humano. No entanto, os estudos animais vêm demonstrando que a definição de “animal” é inextricável à formação de outras noções fundamentais para a consolidação do colonialismo, tais como “humano”, “natural” e “cultural”<sup>11</sup>. Sendo assim, para o autor, “as colaborações mais promissoras entre estudos pós-coloniais e animais consistem na produção de histórias locais afiadas, politizadas, culturalmente sensíveis e atualizadas dos papéis que os animais e suas representações têm desempenhado [...] em transações coloniais e pós-coloniais” (ARMSTRONG, 2002, p. 416, tradução minha). De qualquer forma, há um número crescente de trabalhos que vêm relacionando a violência humana e a crueldade contra animais, mas Kruse

---

<sup>11</sup> O que é evidenciado também em Ingold (1994).



(2002) afirma que os estudos nas áreas da sociologia do crime e da violência ainda silenciam demasiadamente sobre os crimes cometidos contra outras espécies, ainda que estes sejam uma das mais onipresentes violências em nossas sociedades.

Já Bourdieu (2013, p. 262) destaca, dentre as práticas distintivas do “gosto dominante”, o conhecimento de animais de raça, equitação e pesca. Ao se considerar os produtos e serviços disponíveis atualmente no universo pet - tais como joias, urnas e cerimônias funerárias, roupas de grife, tatuagem, creche, festa de aniversário, plano de saúde, hidratação para pelos, banhos relaxantes, *dogwalker*, sorvetes, cervejas e panetones para alimentação animal, – é nítido que a relação humano/animais de estimação continua a exercer o seu papel distintivo, para além da já conhecida distinção animais de raça *versus* “vira-latas” – que atenuou-se sem, contudo, perder a importância.

Bourdieu (2013, p. 13) coloca que “o gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas”. O que percebemos é que a noção de distinção pode estar vinculada não apenas ao gosto, mas também aos cuidados dispensados ao animal. Sendo assim, a relação entre distinção e o *gosto de necessidade*, de que trata o autor, pensando o *habitus* como necessidade que se torna virtude, pode ser útil para pensar o consumo do universo pet – afinal, “a loucura de uns é a necessidade primordial dos outros” (BOURDIEU, 2013, p. 351).

O efeito próprio do gosto de necessidade, que não cessa de agir, mas de maneira dissimulada – pois sua ação se confunde com a da necessidade – nunca é tão visível quanto no caso em que, agindo de alguma forma a contratempo, ele sobrevive ao desaparecimento das condições de que é produto. [...] Se tudo leva a crer na existência de uma relação direta entre renda e consumo, é porque o gosto é quase sempre o produto de condições econômicas idênticas àquelas em que ele funciona, de modo que é possível imputar à renda uma eficácia causal que se exerce apenas em *associação com o habitus* que ela produziu (BOURDIEU, 2013, p. 351-352).

Tendo a sociologia econômica como referência, inclusive utilizando-se das contribuições de Bourdieu, alguns trabalhos importantes

vêm sendo apresentados no Brasil, tais como os de Mazon e Moura (2017) e Moura (2013), que, analisando o mercado de rações, afirmam que a passagem das casas agropecuárias para *pet shops* e a era da especialização no mercado de rações animais acompanham a emergência de uma classe média no Brasil.

É possível afirmar que a lógica de circulação de cachorros de estimação anima e é influenciada pelo mercado de rações pet. Durante a década de 1990 e a partir das reformas liberalizantes, o Brasil viveu um movimento de fusões e aquisições de diversos setores da economia, incluindo o mercado de rações (MAZON & MOURA, 2017, p. 1540).

Para Moura (2013), ao enfatizar que bens e objetos só despertam interesse e adquirem sentido para aqueles que possuem os códigos específicos segundo os quais esses objetos são codificados, Pierre Bourdieu é referência fundamental para compreender a maneira como as rações pet se transformam em bens de mercado e objeto de distinção. De qualquer forma, ainda que tenhamos estes trabalhos, Pessanha e Portilho (2008, p. 6) lembram que a maior parte dos dados disponíveis no Brasil sobre o consumo imbricado na relação entre humanos e pets vem de pesquisas de mercado que visam direcionar as áreas de expansão dos negócios, havendo uma quase inexistência de pesquisas analíticas, compreensivas – e muito menos críticas<sup>12</sup>.

Por isso mesmo, dá-se a necessidade do olhar sociológico para o tema, especialmente quando se pensa nas implicações micro e macrosociais dessa relação com os pets, que apresenta atualmente uma profunda influência nos processos de sociabilidade, na saúde pública, na economia, no direito, na política e no meio ambiente, o que torna impossível desconsiderarmos ou até mesmo minimizarmos essa influência nos temas consagrados no interior da sociologia.

Uma entrevista do geógrafo Mario Mantovani é ilustrativa do fenômeno. Conhecido por suas articulações políticas junto ao Congresso Nacional brasileiro em defesa das questões ambientais, em que afirmou que nas atividades da Frente Parlamentar Ambientalista, a “bancada do pet” é que tem se mantido mais atuante e atrai mais pessoas para a causa.

---

<sup>12</sup> As análises sobre o consumo vinculado à relação entre humanos e animais de estimação é apresentada no capítulo 3 desta tese.

Em geral, dá para dizer que o meio ambiente vem tendo cada vez mais adeptos. Esse ano que passou talvez não tanto na questão da biodiversidade, mas na questão dos animais. Pet, essas coisas. Se você pegar nas redes sociais, é um fenômeno. Tem mais pet shop no Brasil hoje do que farmácia. Então tem mais gente ligada à questão de animais. O pessoal do pet em Brasília foi o que mais cresceu. É uma coisa impressionante (MANTOVANI *in* FOLHA [Online], 2014).

As diversas questões políticas envolvidas na relação entre humanos e animais vem ganhando espaço, ainda que timidamente, na produção das ciências sociais. De acordo com Garner (2002), examinar as contribuições da ciência política para os estudos animais depende da própria definição do que seria a ciência política. Se a pensarmos no sentido estrito – com pesquisas a respeito das atividades centradas no Estado – as contribuições são mínimas. Mas se for analisada de uma maneira mais ampla, compreendendo também a sociologia política e a filosofia das áreas política, moral e jurídica, então já há um avanço substancial. De qualquer forma, a questão da proteção animal ainda é periférica no *mainstream* da ciência política. O destaque fica para o estudo da participação em movimentos pelos direitos animais, que tem sido relevante para a teoria de movimentos sociais em geral. Muitos dos trabalhos citados por Garner (2002, p. 397) vêm apontando para o fato de que ativistas dos direitos animais, em geral, apresentam interesses por demais questões políticas e sociais mais amplas e estão envolvidos em outras causas “progressistas”, tais como direitos civis, das mulheres, e ambientais.

Os impactos ambientais e sanitários do aumento da população de animais de estimação – tais como zoonoses, contaminação de águas e solos, demanda nutricional, dizimação de espécies nativas causada por gatos<sup>13</sup> -, já são há tempos objeto de pesquisa de muitas áreas

---

<sup>13</sup> De acordo com a União Internacional para a conservação da Natureza, os gatos contribuíram, mesmo que indiretamente, para a extinção de 33 espécies de mamíferos, aves e répteis em ilhas oceânicas. O instinto caçador dos felinos também tem causado a morte de milhões de pássaros e mamíferos nas regiões continentais, estando no topo da lista das ameaças à vida selvagem. (“Gatos matam bilhões de animais e ameaçam vida selvagem dos EUA”, BBC Brasil Online. Disponível em:

disciplinares. A verdade é que – sejamos honestos diante de nossas fragilidades enquanto área científica - muitas das *descobertas* das ciências humanas a respeito das relações interespecíficas, são praticamente obviedades em outras áreas, especialmente nas ciências biológicas e da saúde. Mas estas consequências sanitárias e ambientais vêm também interessando à sociologia, especialmente nas subáreas da sociologia da saúde, sociologia ambiental e ecologia humana, ou em trabalhos na área da saúde pública com abordagem sociológica (SAID, 1984; COSTA, 2006; MEDITSCH, 2006; LIMA, C., 2015).

É possível, a partir de um olhar para as implicações políticas, jurídicas e econômicas da relação humanos/animais de estimação, compreender que os impactos desta relação não se dão apenas na vida íntima, dos âmbitos privados e familiares. Eles repercutem cada vez mais em aspectos ligados aos sistemas sociais, enfatizando o caráter tanto microssociológico quanto macrosociológico deste objeto.

Tudo isso leva ao que Arluke (2002) apresentou em sua “sociologia da sociologia animal”: há um incrível potencial dessa área temática em contribuir nas formulações da teoria social de maneira mais ampla, mas ainda é preciso avançar nesse sentido, pois a maioria da produção que vem sendo realizada ainda é tímida em propor análises que conectem as relações interespecíficas com os demais fenômenos sociais. Ao refletir sobre as relações entre humanos e animais de estimação, percebe-se a inconsistência das separações rígidas entre as análises micro e macrosociológicas, denunciada há tempos por autores como Norbert Elias (conforme PONTES *in* WAIZBORT, 2001). As dimensões micro e macro demonstram ser face e contraface de um mesmo processo social, e só podem ser compreendidas em sua relação. Dessa forma, uma análise sociológica acerca desta relação deve levar em conta as dimensões simbólicas e individuais, mas também as implicações em maior escala, ligadas às instituições sociais.

Um artigo de Clifton Bryant, de 1979, tem servido de referência como o início de uma preocupação sociológica mais sistemática para com os animais como parte da dinâmica social. Nele, o autor defende explicitamente a importância de atentar para os componentes zoológicos presentes nas interações humanas e nos sistemas sociais, dando à sociologia uma vertente de análise daquilo que ele chama de *conexão zoológica* (BRYANT, 1979).

Clinton Sanders (SANDERS, 2007), que tem sido outro nome expressivo na defesa de que a sociologia deve se ocupar da relação humano/não-humano, demonstrou como essa preocupação já aparece em autores clássicos como Harriet Martineau (2003, publicado originalmente em 1865), que tratou dos problemas causados por cachorros ferozes em áreas urbanas, e Max Weber (1947), que apontou a possibilidade de incluir animais não-humanos na análise sociológica, visto que o comportamento dos animais é subjetivamente compreensível:

Seria teoricamente possível formular uma sociologia das relações dos homens com os animais, tanto domésticos como selvagens. Afinal, muitos animais "entendem" comandos, raiva, amor, hostilidade e reagem a eles de maneiras que evidentemente não são, de modo algum, puramente instintivas e mecânicas; são sim, em certo sentido, conscientemente significativas e afetadas pela experiência (WEBER, 1947 *apud* SANDERS, 2007, p. 11, tradução minha<sup>14</sup>).

Já para Kruse (2002, p. 375), as resistências da sociologia ao estudo dos animais estão diminuindo, mas ainda são fortes. Para muitos sociólogos, seu ofício é estudar pessoas, e não outras criaturas. No entanto, como lembra o autor, quando nos esforçamos em estudar exclusivamente os humanos, paradoxalmente negligenciamos uma grande faceta da existência humana. Afinal, as sociedades humanas estão profundamente relacionadas com outras espécies, muito mais do que a sociologia faz parecer.

Muitos de nós, quando contamos aos outros sociólogos sobre o nosso interesse pelos animais, temos obtido respostas que variam entre a graça e o escárnio. Não há razão para isso. Animais dividem conosco nossas casas e frequentemente são tratados como membros da família; nós podemos também vesti-los, celebrar seus aniversários, e levá-los conosco nas férias. Além

---

<sup>14</sup> “It would be theoretically possible to formulate a sociology of the relations of men to animals, both domestic and wild. Thus, many animals “understand” commands, anger, love, hostility, and react to them in ways which are evidently often by no means purely instinctive and mechanical and in some sense both consciously meaningful and affected by experience”.

disso, a maioria de nós consome sua carne e veste suas peles. Nos referimos a eles quando falamos que alguém é “dissimulado como uma raposa” ou chamamos alguém de “cadela” (KRUSE, 2002, p. 377, tradução minha<sup>15</sup>).

Por sua vez, DeMello e Joseph (2010) enfatizam que é cada vez mais difícil para a sociologia ignorar a importância das demais espécies nas sociedades humanas. Para as autoras, a presença de animais de estimação em mais de 64% das casas norte-americanas, e de demais animais nos livros que lemos, filmes que assistimos, em nossas roupas, em nossa linguagem, demonstra o inescapável fato de que as outras espécies fazem parte da nossa humanidade.

Segundo as autoras, há três paradigmas sociológicos que vêm permitindo um aprofundamento dos estudos da relação humanos-animais: o funcionalismo, a teoria dos conflitos sociais e o interacionismo simbólico.

Cada um destes paradigmas fornece um ponto de vista único, mas todos nos permitem ver o vínculo humano-animal através dos olhos de outros seres, humanos ou outros - humanos - como pensamos em ver um fenômeno familiar pela primeira vez. Como tal, essas perspectivas sociológicas nos permitem focar em aspectos ao nosso redor que nunca antes percebemos e percebemos em uma nova luz (DEMELLO & JOSEPH, 2010, p. 29, tradução minha<sup>16</sup>).

O funcionalismo, de acordo com as autoras, permite analisar as funções de diferentes animais na manutenção das relações sociais em

---

<sup>15</sup> “Many of us, when we tell other sociologists of our interest in animals, have experienced responses that range from amusement to derision. There is no reason why this should be. Animals share our homes as companions whom often we treat as members of the family; we even may buy clothing for them, celebrate their birthdays, and take them with us when we go on vacation. At the same time, the majority of us consume their flesh and wear their skins. We refer to them when we speak of someone’s being “sly as a fox” or call someone a “bitch.”

<sup>16</sup> “Each paradigm provides a unique view point, yet all allow us to see the human-animal bond through the eyes of other beings, whether human or other -than-human, as though seeing a familiar phenomenon for the first time. As such, this *sociological perspective* allows us to focus on features all around us that we never noticed before and perceived them in a new light”.

diversas culturas, e também a relação dos humanos com estes animais. Um olhar funcionalista permitiria, por exemplo, perceber como o aprofundamento da função de “crianças” exercida pelos animais de companhia se distancia da noção de natureza e se aproxima da de tecnologia. Pets atenuam a solidão, proporcionam conexões sociais entre pessoas e oferecem a sensação de amar e ser amado. Além disso, estes animais têm uma função econômica importante ao protagonizar o universo de consumo pet.

O interacionismo simbólico também se apresentaria como um caminho teórico possível para o estudo da relação humano-animal. Ao atentar para os significados que indivíduos e pequenos grupos dão às relações e papéis exercidos na sociedade, o interacionismo simbólico oferece elementos para a observação e análise da relação de humanos com outras espécies, dos significados que os humanos dão a estes animais e da própria linguagem e comunicação interespecies (DEMELLO & JOSEPH, 2010, p. 38).

Já a teoria dos conflitos sociais - ao compreender o conflito como algo inevitável e inclusive desejável para a mudança social - seria um caminho possível para analisar, por exemplo, relações de poder entre caçadores e ambientalistas, pessoas que defendem animais e pessoas que não gostam deles, vegetarianos e onívoros, cientistas que defendem ou criticam o uso de animais em experimentos, etc. Além disso, para as autoras, as premissas da teoria dos conflitos permitem uma análise profunda da relação entre especismo<sup>17</sup> e sexismo, racismo, elitismo e conflitos geracionais (DEMELLO & JOSEPH, 2010, p. 34).

Dentre o conjunto de estudos marxistas, o tema passa a ter algum reconhecimento, especialmente quando se incidem novos olhares ao meio ambiente, diferentes daquele inicialmente trabalhado por Karl Marx, e daí decorrem também trabalhos que atentam para o caráter interespecífico da nossa sociedade. Ainda assim, de acordo com Dickens (2003), o ambiente ainda é tratado como algo inanimado, em uma perspectiva

---

<sup>17</sup>De acordo com Felipe (2014, p. 210), especismo se refere a “discriminação de animais não-humanos, praticada pelos seres humanos, rebaixando o estatuto daqueles, em função de não terem nascido na espécie humana e de terem características diferentes em sua configuração biológica, ainda que sejam sujeitos de experiências similares às dos seres humanos, por exemplo, dor e sofrimento. O termo *especismo* (speciesism, em inglês) foi empregue pela primeira vez por Richard D. Ryder, na Inglaterra, em 1973, e mais tarde, em 1975, em seu livro *Victims of Science*.”

antropocêntrica bastante resistente, e que tem dificuldade em considerar a relevância dos animais no sistema capitalista. Para superar tal perspectiva, o autor coloca que “os animais não-humanos, portanto, não são mais apenas escravos ou transporte de carga, mas cada vez mais estão se tornando centrais como *meios de produção*” (DICKENS, 2003, p. 70, tradução e grifo meus).

Arluke (2002) traz outra reflexão importante: a resistência a uma sociologia animal, que muitas vezes é vista pelos sociólogos como “sociologia de boutique”, deve ser combatida por quem produz esses estudos a partir de uma organização das pesquisas já realizadas, através de tópicos que mostrem sua relevância política e acadêmica. É preciso enfatizar a contribuição teórica dessa especialidade e compor uma agenda que considere não tanto as demandas internas (teórico-conceituais) da própria sub-área da sociologia animal e mais dos atores sociais deste cenário: defensores e/ou responsáveis por animais, médicos veterinários, empresários do setor, etc.

## 1.2 AS PORTAS ABERTAS POR NORBERT ELIAS, GABRIEL TARDE E ZYGMUNT BAUMAN

Para além dos autores já citados, e das correntes teóricas apontadas por DeMello e Joseph, este trabalho se propõe a pensar a abertura dada pelas obras de Norbert Elias, Gabriel Tarde e Zygmunt Bauman para o estudo da relação entre humanos e animais de estimação, no sentido de ampliar as conexões analíticas entre as relações interespecíficas e os demais fenômenos sociais. Elias, apesar de não ter tratado da relação de humanos com animais de estimação especificamente, demonstra em suas obras uma constante preocupação em evidenciar a importância de que a sociologia expanda seu campo de análise e dialogue com áreas não convencionais. Dentre as várias dicotomias questionadas pelo autor, está a que trata de naturalismo/antinaturalismo. Dunning (ELIAS & DUNNING, 1992), explica que para este autor os seres humanos e suas sociedades fazem parte da *natureza*, e a pesquisa sociológica precisa considerar este aspecto. O resgate da *animalidade* humana, da interdependência das sociedades humanas com o ambiente em que estão inseridas surge ao longo de sua obra (com destaque para ELIAS, 1994a).

Elias também oferece um caminho interessante para pensar a atribuição de individualidade dos animais, especialmente em *A sociedade dos indivíduos* (ELIAS, 1994b). O autor mostra que os conceitos atuais



ligados ao substantivo “indivíduo” são bastante recentes. No latim medieval, o termo era usado para se referir ao que era indivisível. “A palavra *individuum* foi usada, no contexto dos problemas da lógica formal, para expressar o caso singular numa espécie – não apenas a humana, mas qualquer espécie” (ELIAS, 1994b, p. 133). A partir do século XVII é que vai se desenhando uma concepção de indivíduo como exclusividade da espécie humana, resultante de uma necessidade de singularidade de cada pessoa em relação às demais.

A individualidade é dada, então, pela sociedade: “A sociedade não apenas produz o semelhante e o típico, mas também o individual” (*op. cit.*, p. 56). Por isso, para Elias, os animais, mesmo tendo características que os diferem entre si no interior de uma mesma espécie, não se enquadrariam na concepção que utilizamos atualmente de “individualidade”, pois não teriam passado por uma moldagem das funções psíquicas tais como são impostas aos indivíduos das sociedades humanas. Pode-se refletir, a partir de Elias, sobre o processo de antropomorfização dos animais de estimação e a atribuição de individualidade que lhes é dada; a sociedade que oferece individuação aos seres humanos tem-na oferecido também ao “melhor amigo do homem”, ao “filhinho da mamãe”, ao pet que vive na casa, que dorme na cama do dono? Até onde vai a noção, nas sociedades contemporâneas, de que animais de estimação sejam indivíduos?

É aqui possível remeter-se a um aspecto importante na obra de Elias: a atenção dada tanto a noção de indivíduo quanto ao afeto. Segundo Pontes (*in* WAIZBORT, 2001, p. 24), ao se propor a uma análise da civilização ocidental, Elias demonstra preocupar-se com a “apreensão dos processos sociais envolvidos na criação e difusão de novos modelos de comportamento e novas formas de expressão de sentimentos”. Nesse sentido, novos códigos de conduta e modos de afeto são ao mesmo tempo indicadores e expressão de um comportamento civilizado. Em *A solidão dos moribundos* (ELIAS, 2001) por exemplo, o autor se propõe a uma reflexão sociológica sobre a morte, vinculada às transformações ocorridas na sociedade ocidental, mas ao mesmo tempo reflete sobre a solidão ligada ao processo de interiorização do afeto neste impulso civilizatório<sup>18</sup>.

A minha proposta aqui é estender as reflexões de Elias para uma sociologia dos afetos em relação aos animais de estimação, propondo o enfoque nas relações de interdependência aí contidas, lembrando que Elias nos propõe um olhar inventivo aos microfenômenos, realinhando as

---

<sup>18</sup> Esta obra de Norbert Elias será retomada com mais profundidade no capítulo 2, ao se tratar da morte de animais de estimação.

perspectivas micro e macrosociológicas, e o uso de modelos de abordagens que levem em consideração fenômenos de longa duração.

Lima, M. (2016), em tese defendida recentemente, utiliza-se do conceito de figuração de Norbert Elias para analisar aquilo que a autora considera a emergência de uma sensibilidade de empatia interespecie, presente na relação dos humanos com gatos e cães. A partir das noções eliasianas de civilidade e moralidade, afirma que

como é característico dos impulsos civilizadores de modo geral, os resultados desse processo de mudança são diversos e ambíguos. Ao mesmo tempo em que a civilidade gera um ideal de tutor emocionalmente controlado, capaz de educar o animal sem agressão, a compulsão pelo controle também gera frustrações relacionadas ao fato de que, em última instância, não conseguimos controlar completamente os animais de estimação (especialmente os gatos). Da mesma forma, assim como a idealização de uma relação sem agressividade gera o desejo de conviver em harmonia com cães e gatos, as condições impostas aos animais são frequentemente violentas (LIMA, 2016, p. 348).

Além disso, muitos autores também têm encontrado na sociologia relacional – que muito bebe da fonte eliasiana – uma maneira de demonstrar que o conceito de relação se estende para além do limite arbitrário e artificial de “Humano”, podendo – e devendo – considerar outros seres e coisas - como por exemplo McFarlane (*in* POWELL e DÉPELTEAU, 2013).

Já Gabriel Tarde - expoente da sociologia francesa do final do século XIX, que foi mantido curiosamente em uma espécie de ostracismo durante longo tempo, mas cuja obra vem sendo revisitada cada vez com mais interesse – mostrava uma preocupação constante em afastar-se de um preconceito antropocêntrico: “Na realidade, julgamos os seres tanto menos inteligentes quanto menos os conhecemos, e o erro de acreditar o desconhecido ininteligente pode ir de par com o erro (...) de acreditar o desconhecido indistinto, indiferenciado, homogêneo” (TARDE, 2007, p. 76).

Para Vargas, uma das maiores contribuições de Tarde é demonstrar que a noção de *social* não é exclusividade humana:

A questão é que em Tarde a palavra social tem um significado muito peculiar, posto que não define um domínio específico da realidade ou uma zona ontológica particular reservada aos humanos, mas designa toda e qualquer modalidade de associação; de forma que, em vez de substância, social é sempre relação, logo, diferença (VARGAS *in* TARDE, 2007, p. 21).

A partir deste olhar, é que autores atuais têm encontrado em Tarde uma fonte inspiradora para a ampliação das frentes de pesquisa das ciências sociais, como é o caso de Bruno Latour (especialmente em LATOUR, 2012), que afirma que social é um termo aplicável a qualquer modalidade de associação – e não só àquelas entre seres humanos. Ao retirar a ideia de “social” e “sociedade” de um domínio exclusivamente humano, passamos a encará-los como movimentos que podem ocorrer entre pessoas, coisas e animais. Para Tarde, é preciso abandonar as divisões ontológicas entre natureza e sociedade e humano e não-humano, pois estas são irrelevantes para a compreensão do mundo. Segundo Vargas (*op. cit.*, p. 13), Tarde enfatiza a necessidade de “realizar um movimento desconcertante e admitir que há infinitamente mais agentes no mundo do que correntemente imaginam nossas ciências humanas”.

Mas há ainda uma outra contribuição de Gabriel Tarde para se pensar a relação contemporânea de humanos e animais de estimação: sua teoria acerca dos *públicos* e das *multidões*. Tarde, para quem a imitação é o princípio constitutivo das comunidades humanas, princípio esse que acarreta a propagação dos comportamentos sociais e sua adoção pelo grande número dos membros da comunidade, defende que a opinião - que os indivíduos acolhem e propagam como algo profundamente individual - na realidade são ideias sugeridas no convívio social (REYNIÉ *in* TARDE, 2005).

Escrito em 1901, o texto *A opinião e as massas* mantém-se bastante atual, pois evidencia a formação de públicos após a invenção da imprensa, e enfatiza como crença, fé e necessidades passam a incorporar a opinião dos diferentes públicos, vinculada, obviamente, aos interesses de quem conforma esses públicos, pois “o público, afinal de contas, não é mais que uma espécie de clientela comercial” (TARDE, 2005, p. 20):

Ora, o simples fato de comprar os mesmos produtos em lojas da mesma ordem, de vestir-se na mesma costureira ou no mesmo alfaiate, de frequentar o mesmo restaurante, estabelece entre as

peças de um mesmo mundo certo vínculo social e supõe entre elas afinidades que esse vínculo estreita e acentua. Cada um de nós, ao comprar o que corresponde às nossas necessidades, tem mais ou menos vagamente consciência de exprimir e desenvolver desse modo sua união com a classe social que se alimenta, se veste, se satisfaz em tudo de uma maneira aproximadamente análoga (TARDE, 2005, p. 20).

A explicação tardeana para a conformação de crenças e sentimentos a partir da *coisa social* tem me ajudado a pensar a criação disso que venho tratando como uma configuração social de afeto por pets: quais animais amar, porque amar e como amar. Além disso, seus escritos sobre multidões, sobre o amor e o ódio que invadem os indivíduos quando participes das multidões, é útil para pensar alguns casos de polêmicas envolvendo animais de estimação acompanhados nas redes sociais, e que serão melhor tratados no próximo capítulo.

Nos textos de Zygmunt Bauman também é possível encontrar aportes teóricos importantes para compreender essas tão *líquidas* relações interespecíficas. Há ao menos três pontos, em sua vasta obra, que auxiliam na análise e interpretação proposta aqui. Em primeiro lugar, as ambivalências da modernidade estão presentes na relação que estabelecemos com a natureza. A ciência moderna nasceu da ambição de dominar a natureza. A natureza é o Outro da humanidade. E as “monstruosidades ideológicas” feitas em nome dessa ambição são, na maioria das vezes, socialmente aceitas e academicamente legitimadas (BAUMAN, 1999, p. 50). A partir disso, muito do que observei nas relações entre humanos e animais me fez pensar até que ponto não podemos (ou devemos) questionar o aval científico - especialmente médico-científico - dado à forma como temos tratado os animais de estimação.

Em segundo lugar, a questão do amor, presente em várias obras de Bauman (1999; 2004; 2008) a partir de um olhar exclusivo para o amor humano, pode contribuir em uma reflexão também acerca do amor interespecífico. De acordo com o autor, estamos em tempos de amor líquido, em que um filho, por exemplo, é acima de tudo, um objeto de consumo emocional.

Objetos de consumo servem a necessidades, desejos ou impulsos do consumidor. Assim também os filhos. Eles não são desejados pelas

alegrias do prazer paternal ou maternal que se espera que proporcionem – alegrias de uma espécie que nenhum objeto de consumo, por mais engenhoso e sofisticado que seja, pode proporcionar. Para a tristeza dos comerciantes, o mercado de bens de consumo não é capaz de fornecer substitutos à altura, embora essa tristeza de alguma forma seja compensada pelo espaço cada vez maior que o mundo do comércio vem ganhando na produção e manutenção desses bens. (BAUMAN, 2004, p. 59)

Talvez o que Bauman não previu é que os comerciantes poderiam não encontrar um substituto exatamente à altura dos filhos, mas fariam de tudo para que todos amassem os pets, que apresentam um potencial de consumo vinculado tal qual os pequenos humanos. Nessa sociedade de amor espetacular (e líquido), não ser *petlover* é quase sinônimo de um caráter duvidável.

O consumo que envolve todas as relações é o terceiro ponto em que Bauman colabora nessa tese. Afeto e consumo estão, em nossa sociedade, profunda e irremediavelmente vinculados, por mais que essa evidência seja desconfortável. Ela demonstra ser ainda mais desconfortável entre os indivíduos *petlovers*, cujo discurso invariavelmente mantem-se na nobreza do sentimento e no amor incondicional e abnegado. Mas a verdade é que, em um contexto em que consumir é felicidade, e em que amar direito é dar ao ente amado aquilo de que ele necessita, não há como negar que, para amar um animal, é preciso consumir. Obviamente, Bauman dá profundidade à discussão recorrente sobre consumo e consumismo. Ele demonstra, por exemplo, que as experiências da sociedade de consumo são bem mais complexas do que aparentam inicialmente:

A vida do consumidor, a vida de consumo, não se refere à aquisição e posse. Tampouco tem a ver com se livrar do que foi adquirido anteontem e exibido com orgulho no dia seguinte. Refere-se, em vez disso, principalmente e acima de tudo, a *estar em movimento*. [...] Para um tipo de sociedade que proclama que a satisfação do consumidor é seu único motivo e seu maior propósito, um consumidor *satisfeito* não é motivo nem propósito – e sim a ameaça mais apavorante (BAUMAN, 2008, p. 126, grifos do autor)

Muitos dos autores e obras consagradas da sociologia, ainda que tradicionalmente tenham se debruçado com especial atenção às questões exclusivas dos Homens, deixaram portas abertas para que, a partir de suas concepções teóricas, pudéssemos pensar as sociedades humanas a partir da sua interação com o meio ambiente e com as demais espécies vivas. Essas ideias já estavam lá, em frases curtas, notas de rodapé. Mas é compreensível que não tenham tomado mais tempo dos pesquisadores do que de fato tomaram, afinal, as pautas sociológicas interagem com os fenômenos sociais que lhes são contemporâneos, são reflexos deles.

O próprio Norbert Elias (em *What is sociology?*, de 1970) nos lembra que houve uma transição para processos “mais científicos” de pensar a sociedade, que começou lentamente ao fim do século XVIII e se desenvolveu nos séculos XIX e XX. Elias acredita que a ascensão da sociologia está intimamente ligada aos fenômenos sociais que ocorreram nesse período e que levaram os indivíduos a uma despersonalização – quando “as pessoas começavam a encarar-se a si mesmas de uma nova maneira – como sociedades” (Elias, 1998, p. 66). O mesmo parece estar ocorrendo agora: a sociologia se abre para pensar seriamente a presença dos animais na sociedade porque é a própria sociedade que tem dado a eles a legitimidade dessa presença.

### 1.3 OS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO NA PRODUÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS

Há atualmente um conjunto expressivo de pesquisas, em diversas áreas científicas, que vêm se debruçando sobre a relação entre humanos e animais de estimação. No caso específico das ciências sociais, o destaque evidentemente se dá à antropologia, ainda que, como visto, os estudos sociológicos em relação a este tema vêm avançando. Neste subitem, proponho um passeio por estes trabalhos, estreitando a trilha ao longo da caminhada: enfatizando aquilo que foca especialmente as relações com animais de estimação, e me atendo ao que vem sendo produzido no Brasil.

Uma parte importante da pesquisa deu-se principalmente com base no banco de teses e dissertações da CAPES. No último levantamento feito<sup>19</sup>, as palavras-chaves usadas foram as seguintes: “animal/is de estimação”, “humanização de animais”, “antropomorfização”, “cães” e

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

“pets”, além de “interespecífico” e “multiespecífico” e suas variações (o/a/os/as). Como esperado, alguns trabalhos se sobrepuseram nas pesquisas, mas eis o seguinte panorama da produção sobre os temas:

- “Animais de estimação”: 160 trabalhos, sendo 19 dentro da grande área das Ciências Humanas – com destaque especialmente para a psicologia (6), educação (3) e antropologia (2). Foram cinco trabalhos da área da sociologia;
- “Animal de estimação”: 50 trabalhos ao todo, sendo cinco das Ciências Humanas. Importante destacar que, desses cinco, todos são na área da psicologia;
- “Antropomorfização”: 22 trabalhos no geral – muitos nas Letras e Artes, onde o conceito é bastante explorado; nas Ciências Humanas, são oito. No entanto, destes, apenas um trabalho (tese de sociologia) faz a relação entre antropomorfização e animais de estimação;
- “Pets” foi chave de busca de 176 trabalhos<sup>20</sup>, a maioria na área da Medicina Veterinária. Na grande área das Ciências Humanas foram 14 trabalhos, um na sociologia.
- Foram mais de seis mil trabalhos tratando de “cães”, a maioria, como seria de se supor, nas Ciências Agrárias (3727). Nas Ciências Humanas, são 76; seis na sociologia;
- Com as chaves “interespecífico/a/os/as” e “multiespecífico/a/os/as” somaram-se centenas de trabalhos ligados às Ciências Biológicas e Agrárias, que são as pioneiras no uso destes conceitos. Dentre as Ciências Humanas foram encontrados 11 teses e dissertações, todas da antropologia e psicologia<sup>21</sup>;
- Nenhum trabalho que apresente “humanização de animais” como palavras de busca<sup>22</sup>;

---

<sup>20</sup> Aqui é importante citar que, destes 176 trabalhos, ao menos quatro referiam-se ao Poli (Tereftalato de Etileno), um poliéster, polímero termoplástico, cuja sigla é PET.

<sup>21</sup> O que, de fato, corrobora o que se encontra na produção brasileira mais recente: a recorrência do uso dos conceitos de relações interespecíficas e/ou famílias multiespécies, por exemplo, é maior entre antropólogos e psicólogos. Venho defendendo o uso dessa terminologia também na sociologia, como é possível observar em Gaedtke, 2017 e 2016b.

<sup>22</sup> Ao contrário do que se previa inicialmente no projeto, a expressão “humanização” de animais não aparece com frequência nos trabalhos acadêmicos, sendo mais presente nos discursos do mercado e da mídia. Em compensação, os termos “antropomorfização” e até mesmo “petshismo”

As teses e dissertações produzidas em programas de pós-graduação de sociologia listadas em uma ou mais dessas buscas somaram sete ao todo; dentre elas, quatro foram defendidas nos últimos dois anos, enquanto esta pesquisa estava sendo desenvolvida. Isso nos mostra o quanto a preocupação sociológica com o tema ainda é esparsa e recente. As informações dos trabalhos estão dispostas no quadro abaixo; em seguida, faço um resumo de cada uma das teses ou dissertações que, além disso, em sua maioria são retomadas ao longo dos capítulos.

Quadro 1 - Teses e dissertações sobre animais de estimação defendidas em programas de pós-graduação de sociologia no Brasil

<b>Título</b>	<b>Autoria</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Instit.</b>	<b>Ano</b>	<b>M/D</b>
A humanização do pequeno animal: um estudo da profissão e formação do médico veterinário no Estado do Rio de Janeiro	Raul Ribeiro de Carvalho	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira – não há palavras-chave	UFFRJ	1997	D
Novas formas relacionais, valores ambientais e reestruturação do conjunto de vida: os indivíduos e seus bichos na cidade de Brasília	João Vicente Ribeiro Barroso da Costa Lima	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira – não há palavras-chave	UFCE	2002	D

---

(cunhado por Digard, 1999) estão presentes nas reflexões das ciências humanas.



Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção.	Samantha Brasil Calmon De Oliveira	Não apresenta palavras-chave	UFRJ	2006	M
Entre a estima pelo animal e o risco à saúde: os saberes e as experiências dos proprietários de cães com leishmaniose	Clara Cynthia Melo E Lima.	Leishmaniose ; Risco; Relação Homem-animal.	UFSC	2015	M
Humanidade estendida A construção dos animais como sujeito de direitos	Ana Paula Perrota Franco	Direito Dos Animais, Antropologia Da Natureza, Natureza e Cultura, Antropologia e Sociologia da Moral	UFRJ	2015	D
Animais de estimação e civilidade: a sensibilidade de empatia interespecie nas relações com cães e gatos'	Maria Helena Costa Carvalho De Araujo Lima	Animais De Estimação; Moralidade; Sensibilidade De Empatia Interespecie	UFPE	2016	D
Os cães ladram mas a caravana não para: estudo etnográfico sobre o policiamento	Edi Alves De Oliveira Neto	Polícia, policiamento com cães, identidade, etnografia, segurança pública,	UNB	2016	M

com cães no distrito federal		tráfico de drogas			
------------------------------	--	-------------------	--	--	--

Carvalho (1997) é um dos pioneiros na reflexão sociológica acerca da relação entre humanos e animais de estimação no Brasil. Seu enfoque está especialmente nas transformações ocorridas na formação e atuação do médico veterinário, que passa a ocupar fortemente o cenário urbano. Baseando-se teoricamente no processo civilizador descrito por Norbert Elias (1994a), afirma que

A mercantilização do subjetivo move uma gama de questões, dentre as quais as questões do supérfluo, das desigualdades sócio-econômicas, da produção de bens de luxo como bens de prestígio, a proliferação das clínicas urbanas, com especialidades homeopáticas e terapias orientais (acupuntura), sofisticando a oferta de serviços, até alterando relações de trabalho, efetivando uma expressão urbana na profissão (CARVALHO, 1993, p. 119).<sup>23</sup>

João Vicente Lima (2002), ao analisar os sujeitos criadores de animais de estimação na cidade de Brasília, busca compreender as racionalizações que envolvem o ato de criar um animal, especialmente a partir das contribuições teóricas de Anthony Giddens e Alfred Schutz. Para o autor, “a compreensão que o sujeito criador tem da qualidade da relação com seu cachorro é indissociável das situações vividas em outros campos do agir e que o faz construir para si uma teoria englobante do real a partir dos balanços que realiza de suas situações vividas”. Ao criar categorias para as “razões” encontradas pelos seus informantes para manter relações interespecíficas, evidencia como a presença de um animal de estimação na vida do indivíduo humano pode estar vinculada ao individualismo, a dificuldade de inserir-se em espaços coletivos / esfera pública, ou de identificar-se no todo; assim, num ato de autopreservação, o animal parece estar ali também para recuperar as características relacionais perdidas em outras esferas da vida.

Já Samantha de Oliveira (2006) partiu do conceito de distinção proposto por Pierre Bourdieu (2013) para investigar o universo de

---

<sup>23</sup> Não foi possível obter a tese de Carvalho. Deste modo, optei por fazer a leitura de um artigo que o autor havia publicado um pouco antes de sua defesa, como parte da tese.

exposições de cães de raça no Rio de Janeiro. A procura por distinguir-se daquilo que é comum, ordinário, de demonstrar disposição e contemplação estética a partir da ideia do gosto, que nos aponta Bourdieu, foi identificado pela autora: “A busca pela legitimidade no campo dos criadores de cães é, também nesse sentido, uma disputa política a fim de impor aos demais um modo de vida e o olhar/gosto pelos animais distinguindo-os daqueles que não tenham esse *habitus*” (OLIVEIRA, 2006, p. 92). Por outro lado, seu outro campo de pesquisa, de responsáveis por animais, estabeleciam um afeto não necessariamente vinculado a noção de distinção, mas muito mais de ter os animais como membros da família. O ponto comum entre esses polos diferentes da relação humano-animal está, para a autora, no consumo de cães e para cães, ainda que este consumo se dê de maneiras diferentes.

O trabalho de Clara Cynthia Lima (2015) também traz uma reflexão muito pertinente: quais os antagonismos existentes entre a estima por um animal e os possíveis riscos à saúde da família que ele possa vir a apresentar. Partindo das controvérsias científicas a respeito da imposição de eutanásia aos cães diagnosticados com leishmaniose, a autora demonstra que a maioria de seus informantes preferiram entregar seu animal para a eutanásia, mesmo sofrendo com isso. Seu trabalho traz por base, principalmente, as teorias sobre risco de Ulrich Beck, as distinções entre risco e perigo de Anthony Giddens, e as reflexões sobre a modernidade de Zygmunt Bauman.

O trabalho de Ana Paula Franco (2015) – de cunho muito mais antropológico que sociológico –, analisa as movimentações políticas dos defensores de direitos animais. Partindo de autores como Philippe Descola, Jacques Derrida e Bruno Latour, a autora buscou compreender a elaboração de uma política multiespécie, que visa conferir aos animais a mesma consideração moral atribuída aos humanos. Sua tese apresenta um foco no abolicionismo animal e veganismo, mais do que necessariamente nas relações com animais de estimação; ainda assim, contribui em muito nas reflexões necessárias acerca das interações interespecíficas e sobre o estatuto dos animais na sociedade contemporânea.

Maria Helena Lima (2016) partiu da teoria de Norbert Elias para investigar o processo pelo qual cães e gatos tornaram-se reconhecidos, nas sociedades ocidentais, como seres especialmente sensíveis, conscientes e inteligentes. Para a autora, essa percepção, “acompanhada de uma comoção diante de seu sofrimento e de uma sensação de dever moral em relação a eles”, pode ser definida como *sensibilidade de empatia interespecie*.

Entre os fatores que impulsionaram essa sensibilidade, destaco o desenvolvimento e popularização das raças caninas de pequeno porte, que estimulou o retorno dos animais de estimação aos ambientes internos dos domicílios, dos quais haviam sido afastados ou banidos. Ressalto, porém, que esse retorno ocorreu de forma condicional, com a imposição de diversas formas de controle sobre seus corpos e comportamentos. Enquanto, na Europa, as mascotes de companhia foram popularizadas entre os séculos XVIII e XIX, no Brasil essa tendência só ganhou força a partir da década de 1980 (LIMA, 2016, p. 18)

A dissertação de Edi de Oliveira Neto (2016) investiga o policiamento especializado com cães no Distrito Federal. Ainda que seu trabalho demonstre os aspectos mais amplos da instituição e da formação do humano policial, ele apresenta questões importantes sobre a figura do animal policial, que deve necessariamente ser diferenciado de um pet pelo humano com o qual trabalha. O papel utilitário desses animais e a identidade institucional de *cachorro* dada ao profissional que faz policiamento com cães são analisados a partir das teorias de Erving Goffman sobre estigma e também sobre as instituições totais.

É possível observar que as teses e dissertações sobre animais ligadas a programas de pós-graduações em sociologia no Brasil, apesar de ainda serem poucas, têm alcançado uma qualidade analítica relevante, no sentido de compreender as relações interespecíficas conectadas com fenômenos sociais mais amplos. As bases teóricas das pesquisas revelam preocupações com o caráter ambivalente dessas relações, vinculadas às questões de modernidade, civilidade, identidade, e saúde. Ao que tudo indica, esta é uma área de pesquisa em ascensão, mas que ainda está longe de ser consagrada em nossa disciplina, o que fica evidente especialmente quando se realizam buscas em outros espaços de divulgação de trabalhos, como revistas e eventos.

No levantamento de todos os artigos da *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB ANPOCS* de 1977 (ano de seu lançamento) até 2016, não há nenhum artigo relacionado às buscas, no título, com as palavras “animal/is”, “interespecífico/a/as/os”, “pet/s”, “cão/ães”, “cachorro/s”. A revista “consolidou-se como uma das principais revistas de revisão bibliográfica na área de Ciências Sociais no Brasil. Destina-se fundamentalmente à publicação de artigos cujo foco é realizar um balanço bibliográfico especializado, baseado na discussão e

revisão de conceitos e de paradigmas teóricos (ANPOCS online, 2017, acesso em 12/7/17). Sendo assim, a ausência do tema nessa revista é sintomática do que vem sendo apontado aqui.

Os maiores encontros de sociologia no Brasil - da Sociedade Brasileira de Sociologia e outros - não têm grupos de trabalho de sociologia animal ou de relação entre humanos e animais não-humanos. Atualmente, os trabalhos ligados a essas temáticas vêm sendo discutidos em GTs de meio ambiente, consumo, ou até mesmo de teoria social. Por outro lado, a antropologia brasileira demonstra uma atenção cada vez maior para essas discussões, tanto em publicações quanto em eventos<sup>24</sup>. Há uma série de coletâneas e dossiês recentes em revistas brasileiras de antropologia que tratam da relação entre animais humanos e não humanos:

- *Humanos e Animais* da revista Anuário Antropológico volume II, da Universidade de Brasília, de 2012;
- *Animais e Humanos* da Revista Antropológicas v24/I, da Universidade Federal de Pernambuco, em 2014;
- Dossiê nos Cadernos Eletrônicos de Ciências Sociais - CADECS, do PPGCS/UFES, volume 3(1) em 2015;
- Dossiê *Animalidades Plurais* no número 7(1) da R@u – Revista de Antropologia da UFSCar, em 2015;
- Dossiê *Humanos e Não Humanos* da Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, dos discentes do PPGA da UFPE, volume 3(1) em 2016;
- *Nas roças e nas aldeias: animais em contextos rurais e indígenas*, volume 11, número 2, na Revista Teoria & Cultura do PPGCS/UFJF, 2016.
- *Antropologia das relações humano-animal: paisagens simbólico-práticas de coexistência*, volume 17, número 42 da Revista Iluminuras, da UFRGS, 2016.
- Dossiê *Animais na Antropologia*, volume 13, número 2, da Revista Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology, em 2016;
- *Antropologia e Animais*, no número 48, ano 23 da Revista Horizontes Antropológicos (do PPGAS/IFCH/UFRGS), em 2017;

---

<sup>24</sup> Por exemplo na Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, realizado em São Paulo em maio de 2017, com a sessão temática “Viver entre animais: etnografias de recalitrância e consentimento”, organizada por Andréa Osório e Felipe Vander Velden.

Os textos apresentados nessas coleções, ainda que de base antropológica, se permitem abertura às diversas áreas que dão conta dessa relação. São pesquisas teóricas e empíricas que analisam as relações interespecíficas a partir da etnologia e cosmologia ameríndia; de questões ambientais e alimentares; de articulação com ciência e tecnologia; de diálogo com áreas como a ética, a literatura e a etologia; da proteção e dos direitos animais; da reflexão sobre os corpos animais; e dos processos de domesticação e estimação. São esses últimos que nos interessam particularmente nesta tese, pois mesmo diante de tantos bons trabalhos e pesquisadores aclamados da antropologia interespecífica, é preciso fazer um recorte.

Ao longo desta pesquisa, dos trabalhos presentes nesses dossiês, me reporto direta ou indiretamente à muitos dos textos presentes nesses dossiês, tais como as produções de Bernardo Lewgoy e Caetano Sordi (2012), com as controvérsias científicas a respeito de animais de estimação e de corte; aos benefícios da biodiversidade consequente da domesticação animal em Jean-Pierre Digard (2012); às relações entre a concepção ocidental de animal de estimação e a onomástica dos animais entre os Karitiana, na pesquisa de Vander Velden (2013), bem como à sua apresentação ao dossiê da R@u; à discussão de Emanuel Sautchuk e Pedro Stoeckli (2012) acerca da noção de domesticação em Tim Ingold; ao problema do controle de animais em espaços públicos, trazido por Lima e Brito (2016); às questões sobre a adoção de gatos e cães trazidas por Santos (2015), e outros.

Entretanto, dentre os trabalhos antropológicos nacionais, os dois autores que mais contribuem nas reflexões em minha tese, especialmente pela aproximação dos objetos de pesquisa, são Andréa Osório e Jean Segata. Os textos de Osório que têm por base suas pesquisas com protetores de gatos de rua através de pesquisa *in loco* e em redes sociais auxiliam nas formulações a respeito da noção de posse responsável (OSÓRIO, 2011a), das questões de gênero aí envolvidas (OSÓRIO *in* BEVILAQUA & VELDEN, 2016), da relação entre animais abandonados e a cidade (OSÓRIO, 2013), e os aspectos simbólicos que envolvem o gato (OSÓRIO, 2010).

Em um trabalho recente, a autora busca analisar a incorporação deste sujeito não-humano na ordem social, sob a chave de como o animal se torna descendente do humano (filho). Para a autora, o animal é adotado e incorporado à família com um status específico, dentro das relações humanas, portanto sociais. Nesse sentido, não se trataria mais de uma “relação com a natureza”:

não somos pais e mães de gatos e cachorros, somos pais e mães de nossos animais de estimação. Não parece haver, portanto, nenhuma confusão ontológica nem borrão na fronteira entre humanos e animais. Nós somos humanos e nossos animais de estimação são criaturas desanimalizadas, pelucizadas, assépticas, que podem conviver conosco em nosso ambiente cultural doméstico, sob as nossas regras de conduta, como se não fossem mais animais. Porém, sabemos bem que o são, mesmo quando imaginamos que não são (mais). (OSÓRIO *in* BEVILAQUA & VELDEN, 2016, p. 73)

Já Jean Segata, em sua pesquisa de doutorado, investigou a humanização dos animais, especialmente os de estimação, e os descreveu como os *outros humanos* – aqueles a quem concedemos humanidade, porém num processo repleto de contingências e “problemas de encaixe”:

humanizamos os animais para que com eles possamos nos relacionar - e então temos os animais de tração, carga e transporte, outros com os quais nos divertimos em jogos e caçadas ou aqueles que escolhemos para a nossa companhia. Nisso tudo, cães vestidos como crianças, gatos no colo chamados de bebezinhos, animais abatidos para o consumo ou dependentes de fluoxetina, formam o protótipo de uma imagem controversa, que se traduz tanto em sensibilização como em reprovação, justiça ou exagero, dever ou heresia (SEGATA, 2012, p. 24-5).

A partir dessa etnografia, uma série de trabalhos posteriores vêm aprofundando as reflexões do autor, como quando traz a discussão sobre o lugar da humanização de animais de estimação na antropologia (SEGATA, 2013), ou a reflexão sobre o que acontece quando o animal dura mais que a estimação (SEGATA, 2016). O custo da humanização – “quando eles são gente? Quais os custos para a manutenção desse estatuto?” – é outra questão que é trazida pelo autor (SEGATA *in* BEVILACQUA e VANDER VELDEN, 2016), assim como um ponto bastante caro quando se trata desse tema: a humanização de animais de estimação já não ocorre mais (apenas) num nível simbólico, mas também,

especialmente a partir do avanço dos diagnósticos e procedimentos da medicina veterinária, passa a adentrar em seus corpos.

A domesticação parece se dar muito menos pelo desenvolvimento ou modulação de habilidades para uma vida conjunta do que pela decodificação do animal em uma linguagem biomédica, criada e dominada pelo homem. Elas incluem um amplo escopo de procedimentos que permitem diagnósticos cada vez mais precisos, com referências a padrões de estética e saúde programados para cada raça ou espécie de animal de companhia (SEGATA, 2014, p. 100).

Vianna (2015) apresenta um contra-argumento aos textos de Segata, pois afirma que, ao contrário deste, não vê que o reconhecimento de uma humanidade dos animais de estimação, por parte dos humanos, garanta uma *igualdade moral* entre humanos e animais. Ao comparar os enunciados de donos de pets, primatólogos e indígenas de que animais são gente, Vianna é bastante crítico à ideia de humanidade dada aos pets:

Os *pets* são *como se fossem* humanos para os humanos, seus donos, mas notem, é esta mesma relação que impede a estes animais um mundo, pois estes não são, do ponto de vista de seus donos, humanos para si mesmos. Eles são, em suma, os “filhinhos” de uma “mãe” que têm para si e para seus animais uma ideia muito clara de como um humano deve ser, se portar e do que desejar. Então, nesse sentido, os cães são filhos de um tipo diferente, pois, para usar os termos da psicanálise, eles nunca matarão seus pais e nunca farão eles próprios suas escolhas, perpetuando o complexo edipiano, serão sempre tutelados e desresponsabilizados de si próprios. Os “filhinhos” estarão assim, no diminutivo, em uma extensão aprisionadora e desafortunada, projetada por seus donos ou “pais” até o último dia de suas vidas (VIANNA, 2015, p. 137-8, grifos do autor).

Apesar de seu texto trazer questões importantes, a crítica de Vianna me soa um pouco precipitada, já que, não só nos escritos de Segata, mas também de muitos outros autores que vêm tratando deste tema, há uma ênfase justamente na ponderação de que essa humanização se dá de



maneira bastante controversa e ambivalente. Quer sejam os aspectos físicos, simbólicos ou morais da humanização, estes aspectos demonstram estar sempre permeados por *e se* e *desde que*, o que não garante, de fato, uma igualdade moral direta e irrestrita entre humanos e pets – mas o que também não parece ser uma defesa ingênua, seja nos textos de Segata ou dos outros antropólogos que vêm estudando essa relação.

De um modo geral, as produções antropológicas apresentam um amadurecimento, no sentido de superar uma “euforia” que pareceu acompanhar por um tempo a chamada virada animalista, e estar em um momento de rever o lugar do animal na teoria, e, por consequência, a própria teoria em si. Há trabalhos importantes que vêm realizando comparações entre os resultados de pesquisas empíricas dos colegas (como o de VIANNA, 2016); os pesquisadores, individualmente, também vão mostrando reflexões cada vez mais refinadas acerca de seus objetos a cada trabalho publicado (como no caso de Andréa Osório e Jean Segata, por exemplo), e as apresentações dos dossiês, em sua totalidade, fazem balanços consistentes do estado da arte – aqui destaco os textos de Vander Velden (2015) e Bevilacqua e Vander Velden (2016).

O livro de Bevilacqua e Vander Velden (2016) traz a organização dos trabalhos apresentados no grupo “animais e humanos em contextos urbanos e rurais: novas perspectivas sobre relações interespecíficas” da Reunião Brasileira de Antropologia de 2012. Na introdução, os organizadores resgatam a proposta de Knight (2005), para quem é necessário considerar “animais como *sujeitos* ao invés de *objetos*, como *componentes* da sociedade humana ao invés de apenas *símbolos* dela, e *interações* e *relações* com animais ao invés de simplesmente *representações* humanas sobre animais” (Knight, 2005, *apud* Bevilacqua e Velden, 2016, p. 11, grifos no original). A antropologia brasileira estaria, de acordo com os organizadores, cada vez mais próxima das proposições de Ingold (2000) a respeito dos “emaranhados” (*entanglements*) “e das propriedades emergentes dos seres humanos e não-humanos em inter-relação e trocas recíprocas constantes”.

É perceptível uma aproximação destes conjuntos de produções com as discussões teóricas do pós-humanismo e da chamada “virada ontológica” da antropologia. Além disso, autores como Eduardo Viveiros de Castro, Bruno Latour, Philippe Descola e Tim Ingold são referências constantes em muitos dos trabalhos.

## 1.4 O LUGAR DOS ANIMAIS NAS SOCIEDADES – E NAS HUMANIDADES

Não há como não pensar na ironia de uma área conhecida como *Humanidades* ir mostrando, paulatinamente, cada vez mais interesse em investigar o lugar dos animais nas sociedades. Ainda mais porque nós – e é importante escrever aqui em primeira pessoa do plural, assumindo este papel de autorreflexão –, das ciências humanas, fomos formados num ambiente que muitas vezes criticou a biologia. Ao que parece, passada a primeira referência positivista, especialmente no surgimento das ciências sociais, em que nos agarrávamos aos modelos biológicos para construirmos os nossos próprios modelos (usando, por exemplo, os conceitos de corpo, organismo, etc.), passamos a rechaçar as ciências biológicas, acreditando que se mantinham positivistas, *biologicistas*.

Mas a verdade é que as ciências humanas, durante muito tempo, fecharam os olhos para a maturidade que a biologia vinha alcançando, especialmente em suas reflexões ecológicas, de pensar o humano na sua relação com a natureza, com o ambiente, com as demais espécies. Muitas das “descobertas” que hoje fazemos a respeito das relações interespecíficas nas ciências humanas não passam de conteúdos básicos na biologia. Trago aqui as palavras de Humberto Maturana, que é um dos representantes dessa biologia de que falo, para pensarmos a influência desse discurso na construção do conhecimento:

Dizem que nós, seres humanos, somos animais racionais. Nossa crença nessa afirmação, nos leva a menosprezar as emoções e a enaltecer a racionalidade, a ponto de quisermos atribuir pensamento racional a animais não-humanos, sempre que observamos neles comportamentos complexos. Nesse processo, fizemos com que a noção de realidade objetiva, se tornasse referência a algo que supomos ser universal e independente do que fazemos, e que usamos como argumento visando a convencer alguém, quando não queremos usar a força bruta (MATURANA, 1997, p. 19).

De fato, é preciso registrar aqui que, ao analisar sociologicamente as relações entre pessoas e animais de estimação, me vi obrigada a repensar o papel de sociólogas e sociólogos, e a repensar o que sempre defendi como sociologia. Afinal, o que é uma sociedade? Quem entra e

quem fica de fora de uma *sociedade humana*? Ao que tudo indica, as *Humanidades* estão se dispondo a repensar seriamente essas questões.

## 2 AS FAMÍLIAS MULTIESPÉCIES E OS CUIDADOS NOS PROCESSOS DE ADOECIMENTO, ENVELHECIMENTO E MORTE DOS ANIMAIS

O uso do termo *multiespécie* para designar uma família tem base analítica, e não necessariamente nativa. Contudo, o sentimento de que o animal é, de fato, parte da família, está presente o tempo todo nas informações do campo e na literatura já estabelecida. Neste capítulo, irei trazer a discussão das características dessas famílias, partindo do empírico sempre em diálogo com os trabalhos anteriores.

Busco enfatizar como estão presentes (ou não) as noções de domesticação, humanização, antropomorfização, petshismo e filhotização no interior desses arranjos familiares, e quais as ambiguidades constantes nessas relações. Com o olhar direcionado para os cuidados humanos nos processos de adoecimento, envelhecimento e morte dos animais, observo como se aproximam e se distanciam as humanidades e animalidades.

### 2.1 A PESQUISA DE CAMPO

O saber teórico não é incompatível com o sentimento, que o conhecimento pode ser objetivo e subjetivo ao mesmo tempo, enfim, que as relações concretas entre o homem e os seres vivos colorem às vezes com matizes afetivos (C. LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 54).

Quando se desenvolve uma pesquisa tão longa e complexa quanto em um doutorado, é comum que, ao fim, as referências já não sejam absolutamente claras. Muito do que escrevo não vem necessariamente de uma única fonte de pesquisa, mas exatamente deste emaranhado mental que é a construção de uma tese. De qualquer forma, a organização dos capítulos acabou seguindo uma tendência de apresentar, em cada trecho, as reflexões provenientes de pesquisas específicas, ligadas ao âmbito *privado* dessa relação (neste capítulo) e depois às questões *públicas* (no capítulo três) – ainda que eventualmente as informações se mesquem, e que todas se reúnam nas conclusões do trabalho.

Aqui, neste segundo capítulo, as principais referências empíricas dizem respeito às minhas idas a um Hospital Veterinário em Curitiba - PR, e uma experiência posterior de pesquisa, com um grupo focal em

Jaraguá do Sul - SC. Em geral, as diferentes frentes da pesquisa empírica foram bastante acessíveis e prolíficas. A minha inserção como pesquisadora no Hospital Veterinário foi tranquila. Conheço a veterinária proprietária do hospital há pelo menos vinte anos, fomos colegas de escola e mantemos uma boa amizade, apesar da distância que a vida nos impôs. Quando iniciei a pesquisa com este tema, lhe enviei um *e-mail* explicando minhas intenções de realização de uma investigação em seu hospital e ela prontamente se mostrou disposta a me autorizar a realizar a pesquisa.

O hospital está localizado em uma região nobre da cidade. Atende 24 horas, e oferece vacinação, consulta com clínicos gerais ou especialistas (como endocrinologia e oftalmologia) área de internamento, centro cirúrgico, exames de ultrassonografia e radiologia, laboratório de análises clínicas, espaço exclusivo para felinos, farmácia e loja. É uma empresa com um investimento relevante em comunicação, mantendo o site e as redes sociais atuantes e atualizadas, bem como inserindo seus profissionais em mídias locais, como televisão e jornal, a fim de obter ainda mais visibilidade<sup>25</sup>. Além disso, estabelece parceria com outras empresas do ramo, como por exemplo, uma seguradora específica para pets, que coloca no mercado seguros de vida, planos de saúde, assistência funeral e o *pet card business*, um cartão de descontos na rede credenciada.

Minha primeira inserção no hospital foi em janeiro de 2015. Já nos primeiros dias ali, ganhei o tragicômico apelido de “anjo da morte”, pois dois animais morreram, no mesmo dia, quando cheguei. Um deles foi Godofredo, cuja responsável me concedeu uma entrevista meses depois; o outro animal, Chuck, era da diretora do hospital. Pude observar os processos de luto e encaminhamentos pós-morte (cremação), conversar com responsáveis por animais e profissionais da área. Em um diário de campo, registrei minhas impressões a respeito das instalações do hospital, materiais publicitários disponíveis e procedimentos, bem como sobre aspectos mais subjetivos, que apresento no decorrer deste texto. Para a execução desta etapa da pesquisa, tão nova e desafiadora, foi determinante a leitura de Romaní (2013), que apresenta uma série de experiências de trabalho de campo em hospitais e outros espaços de saúde.

Das várias conversas que tive, me chamaram a atenção as inconstâncias nesta relação entre humanos e animais de estimação: do

---

<sup>25</sup> Uma tomada de decisão empresarial no mínimo razoável, diga-se de passagem, se considerarmos o fato de que há mais treze hospitais veterinários na cidade de Curitiba, além de dezenas de clínicas.

amor à negligência e até mesmo violência; da ânsia por tratamentos à busca por eutanásia para poder sair de férias sem ter o cachorro doente para se preocupar; da organização em defesa dos direitos animais à acumulação insalubre, engaiolando gatos e cachorros; da relação de afeto que reanima o humano depressivo ao afeto que fragiliza as relações entre humanos, tamanha é a obsessão pelo animal.

Sobre este último ponto, é relevante destacar o papel de agente socializador destes animais de estimação, algo como condutores de uma sociabilidade entre humanos que se dá a partir dos animais. Também no hospital reforçou-se a impressão da amplitude e expansão deste nicho de mercado, o que também ocorreu na feira Pet South America – da qual irei tratar no capítulo três.

Uma nova inserção no hospital ocorreu em agosto de 2015, durante uma semana. Mais habituados à minha presença, os funcionários do hospital se permitiram falar mais, e me forneceram informações valiosas. Realizei entrevistas com duas veterinárias e uma estagiária da área. A partir da referência da diretora do hospital, pude realizar, também em agosto de 2015, uma visita a um crematório de animais no município de Pinhais – PR, que mantém parceria com o hospital – grande parte dos animais que entram em óbito no hospital acabam sendo cremados lá -, e entrevistei o seu proprietário.

Mas a principal conquista desta etapa da pesquisa deu-se a partir dessa vinculação mais forte com o grupo de profissionais do hospital, pois com eles obtive uma lista de contatos de clientes cujos animais haviam morrido e que, segundo a equipe, foram pessoas que sofreram intensamente com a perda do seu animal. A partir daí visualizei uma oportunidade, mas também um grande desafio como pesquisadora: conversar com pessoas que passaram por uma situação de luto pela morte de um animal de estimação permitiria um avanço enorme em direção aos objetivos da pesquisa, mas ao mesmo tempo, como tratar de algo tão delicado quanto a morte e o enlutamento?

Em minhas inserções empíricas, venho seguindo as propostas metodológicas de autores como Quivy e Campenhoudt (1998) e Flick (2009). Este último nos lembra da importância de seguir quatro critérios ao planejar e conduzir entrevistas:

- Não-direcionamento: utilização flexível do programa de entrevista, sem avaliações precipitadas, com um estilo não-diretivo da conversa;
- Especificidade: exibir os elementos específicos da pesquisa para o entrevistado, a fim de impedir que a entrevista permaneça no

nível dos enunciados gerais (por exemplo retomando assuntos, através de uma inspeção retrospectiva);

- Espectro: assegurar que todos os aspectos e tópicos relevantes à pesquisa sejam mencionados, dando também a chance de que o entrevistado introduza novos tópicos;
- Profundidade e contexto pessoal: diagnosticar continuamente o nível de profundidade emocional das respostas do entrevistado, buscando comentários auto reveladores.

Meu programa inicial era realizar entrevistas semiestruturadas, com poucas questões, que deixassem as pessoas entrevistadas à vontade. Consegui agendar, para uma mesma semana, três entrevistas. Ao contrário do que imaginei, consegui relatos espontâneos, aos quais nem precisei apontar questões – trabalhei então com questões não-estruturadas. As entrevistadas, em verdade, mostraram-se muito entusiasmadas<sup>26</sup> com o fato de poder falar de seus animais, e se emocionaram bastante ao longo dos relatos, rindo, chorando, mostrando fotos e vídeos no celular. Foram longas conversas, em locais e datas escolhidas por elas, que me permitiram um olhar mais sensível para uma questão a qual, a princípio, eu só conseguia me reportar de maneira demasiado analítica.

Como pesquisadora, eu buscava me manter consciente de que o meu recorte empírico era muito específico, ligado a um grupo social num cenário urbano, com boas condições financeiras e alto grau de escolaridade. Não seria possível expandir minhas teorizações para todas as relações interespecíficas existentes. Mesmo assim, a questão das relações de classe (e seus conflitos) ainda não havia surgido tão intensamente no campo – talvez também porque o ponto de partida teórico tratava o tema como algo ligado às demandas “pós-materiais” (INGLEHART, 2001), como são vistos, por exemplo, os movimentos ambientais, de defesa dos direitos animais ou o veganismo.

Todavia, ao fim do ano de 2016, quando eu já havia finalizado o campo previsto no projeto, já havia voltado do estágio sanduíche e presumia que agora só me restaria finalizar a escrita do texto final, uma conversa em uma aula promoveu um profundo repensar dessa temática: eu lecionava sociologia para uma turma de Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal – estudantes com o perfil típico desse curso: pessoas oriundas de grupos sociais economicamente vulneráveis, que retornavam

---

<sup>26</sup> De qualquer forma, não posso deixar de citar que algumas pessoas que contatei me pediram desculpas, mas disseram que ainda não estavam preparadas para falar sobre a perda do seu animal, e se recusaram a conceder-me entrevista.

para a escola depois de muito tempo, com um histórico de desemprego e/ou subempregos. Naquele dia, tratávamos de como fazer pesquisa social, e lhes expliquei, a título de exemplo, um pouco sobre minha pesquisa de doutorado.

As discussões sobre os produtos e serviços hoje disponíveis para pets (fisioterapia, psicoterapia, cremação, cerveja, panetone, sorvete, óleo de massagem, tatuagem) os deixaram estupefatos. Mas três estudantes em especial chamaram minha atenção: elas haviam trabalhado como empregadas domésticas em casas em que havia cachorros de estimação, e uma delas chegou a ser cuidadora dos animais quando a patroa viajava. Suas histórias eram impressionantes e enfatizavam que os conflitos de classe também estavam ali, imbricados nas já complexas relações interespecíficas.

Pedi então às estudantes que fizéssemos um encontro para tratar disso e utilizei o método de grupo focal, também a partir da proposta metodológica de Flick (2009), que enfatiza que, diante de assuntos considerados tabus, as dinâmicas de grupo são uma escolha metodológica importante, mais apropriada que uma entrevista isolada. No grupo focal, “os participantes tendem a controlar uns aos outros, o que, em geral, elimina opiniões falsas ou radicais. A extensão à qual exista uma opinião relativamente consistente sendo compartilhada pode ser rapidamente avaliada” (PATTON, 2000 *apud* FLICK, 2009, p. 181).

A partir do grupo focal com as estudantes, intensificou-se o caráter socioeconômico característico do campo que eu vinha pesquisando até aquele momento. O enfoque manteve-se ainda nas classes médias e altas e suas relações com os pets, mas os conflitos e tensões existentes na relação entre os indivíduos dessas classes e as trabalhadoras domésticas, sob a perspectiva das últimas, mostrou-se um material empírico muito rico. Passei a considerar essas informações em minhas reflexões sobre o tema, e apresento aqui uma amostra das conexões interpretativas que esses campos tão diferentes me possibilitaram, partindo da ideia de *famílias multiespécies*.

## 2.2 O CONCEITO E AS CARACTERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS MULTIESPÉCIES

Dizer que os não-humanos são tratados como pessoas, como companheiros sociais, implica que se estabeleça com eles relações que estão, elas mesmas, governadas por esquemas sociais. E esses



esquemas parecem submetidos aos registros de relações que são primitivamente dos humanos e que em várias culturas se expressam na linguagem do parentesco (DESCOLA, 2002, p. 157, tradução minha).

Poucos conceitos são tão caros às ciências sociais quanto o de família. Lévi-Strauss, no Prólogo do tomo I de *História da Família*, observa:

falta-nos perspectiva para discernir as transformações que está sofrendo a célula familiar no seio das sociedades ocidentais como consequência das transformações tecnológicas, econômicas e psicológicas que se desenvolvem diante de nossos olhos. Perguntamo-nos com inquietude sobre as formas futuras de nossas instituições familiares. É possível que já existam, pré-configuradas em outras sociedades, antigas ou contemporâneas (LÉVI-STRAUSS, 1988, p. 14-5, tradução minha).

No início da modernidade, a ideia de família (ocidental) era única e exclusivamente humana. As relações de proximidade com animais eram desaprovadas. A presença de animais de estimação provocava suspeita moral, principalmente se estes fossem admitidos à mesa ou mais bem alimentados que os servos. Nos séculos XVI e XVII, a maior parte dos agricultores ingleses – que até então viviam na “casa ampla”, mistura de casa e cocheira – colocou os animais para fora de casa (THOMAS, 2010, p. 52-53).

Dentre o conjunto de transformações que ocorrem nas configurações familiares no cenário das sociedades urbanas contemporâneas, interessa aqui particularmente a noção de famílias multiespécies. Faraco e Seminotti (2010) apresentam este conceito a partir de Bowen (1978), apontando a existência de um sistema familiar emocional, que permite incorporar não só pessoas da família estendida ou sem grau de parentesco, mas membros de outras espécies, como cães, gatos ou outros<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> O conceito de família multiespécie também é usado por Lima (2016) e Dall’agnol (2016), o que demonstra o caráter recente dessa apropriação conceitual na produção nacional.

Nessa composição familiar, os membros animais não só recebem nomes próprios e equivalentes a nomes que se dariam aos filhos humanos, como também podem ser registrados em cartório com o sobrenome da família<sup>28</sup>; muitas vezes ocupando o papel de filhos, podem estar vinculados tanto ao movimento intitulado *childfree*<sup>29</sup>, que são pessoas que defendem uma vida sem filhos humanos (SEGATA, 2012), quanto inseridos em contextos em que há crianças e adolescentes. Aí, os filhos animais teriam também, muitas vezes, o papel de irmãos. De maneira geral, o que se observa é a “filhotização dos animais”, como apontaram Lewgoy, Sordi e Pinto (2015), o que é também reiterado nas falas dos informantes desta pesquisa: as veterinárias entrevistadas são unânimes ao dizer que a grande maioria dos clientes trata os animais como filhos, e apontam os aspectos positivos e negativos disso. Por um lado, o cliente tende a dispensar um maior cuidado com o animal; mas pode também ocasionar problemas comportamentais nos animais, que agiriam tais como filhos “mimados”. As ambivalências são apontadas em alguns momentos, por exemplo, por uma veterinária entrevistada, que afirma que a humanização dos animais ainda lhe choca:

Eu já peguei coisas assim, um animal foi comprado há uma semana, e desta uma semana passou três dias internado, e a pessoa já estava “ai filho, filha...”, e chorava, e isso pra mim é estranho... E ao mesmo tempo que se vê gente fazendo isso, a gente vê quem leva o animal embora, recusa atendimento, gente que gasta dinheiro com coleira de brilhante e reclama de pagar consulta, acontece de gente sair de carro importado e dar calote, a gente levou calote de mulher que falou “quer depositar o cheque deposita, ele não tem fundo”, já faz de propósito, e você ouvir isso depois de ter

---

<sup>28</sup> Um cartório de Boa Vista (RR) passou a expedir, em julho de 2017, o IdentPet, uma certidão em que o animal recebe o sobrenome da família. De acordo com a matéria que trazia a notícia no portal da ANDA, “Josiel Loureiro, tabelião do cartório, afirma que ficam arquivadas fotos do animal em casos de perda. ‘Hoje, para muitas pessoas, os animais domésticos são mais importantes até que alguns seres humanos. Então ter um documento que prove essa relação é muito importante. Nossa intenção é valorizar essa relação e dar segurança tanto ao tutor quanto ao animal’”. Disponível em: <<https://www.anda.jor.br/2017/07/cartorio-emitir-registro-nascimento-animais/>>. Acesso em 28 jul. 2017.

<sup>29</sup> Um importante levantamento sobre casais intencionalmente sem filhos foi feito pelo IBGE sob a coordenação de Alves (2010).

salvo dois cães, dois dálmatas, que não são animais baratos, que precisam de investimento, carro importado, condomínio fechado, tudo bonitinho e mesmo assim... (Médica Veterinária I, 2015).

O posicionamento das veterinárias entrevistadas está bem próximo do que é defendido em vários artigos da área, que tratam criticamente a antropomorfização. Tatibana e Costa-Val (2009), por exemplo, demonstram preocupações em relação ao excessivo antropomorfismo de cães e gatos, que levam a complicações clínicas, físicas e mentais, por estes animais estarem demasiado distantes de uma realidade natural, onde podem agir de maneira instintiva. Além disso, para as autoras, os proprietários destes animais muitas vezes apresentam expectativas fora da realidade, imaginando que os animais se portarão como pequenos seres humanos.

Dentre as informantes responsáveis por animais, há quem faça a defesa de que “criança é criança, animal é animal” (Responsável pela Sofia, 2015). Mas o olhar para o animal como *neném* é cada vez mais presente:

A gente deixava a televisão ligada o dia inteiro porque eu achava que como ele estava sozinho, a televisão iria ajudar. Todo mundo dizia “gente, não tem nada a ver isso aí”, mas eu penso assim, então eu deixava ligada, e ainda colocava no Discovery Kids (risos) e de manhã cedo eu falava “olha neném, vai começar a Peppa<sup>30</sup>” e ele olhava, então ele assistia mesmo (Responsável pelo Godofredo, 2015).

Como contraponto, aqui vale destacar dois aspectos que apareceram constantemente na conversa que tive com as estudantes que atuaram como empregadas domésticas em casas com animais de estimação. O primeiro é o estranhamento delas diante da filhotização:

Eu entendo o que é amar um cachorro, eu tenho o meu e o amo, mas esse negócio de tratar como filho, chamar de ‘ai meu filhinho’, pra mim isso já é demais. Às vezes eu achava que ela [patroa]

---

<sup>30</sup> Peppa Pig é uma série britânica de desenhos animados para crianças em idade pré-escolar, produzida por Astley Baker Davies. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Peppa\\_Pig](https://pt.wikipedia.org/wiki/Peppa_Pig)>. Acesso em: 14 ago. 2017.

amava mais o cachorro que o filho dela” (Estudante I, grupo focal, 2016).

O segundo relaciona a filhotização com a questão econômica, quando comentam o valor da ração para os animais, que “é mais cara que o quilo da carne que eu compro para mim e pros meus filhos” (Estudante II, grupo focal, 2016).

Ao criar um cachorro como um bebê, as tarefas típicas do cuidado com um pequeno humano também se incorporam no cotidiano da família multiespécie, tal como limpar o animal após a defecação ou colocar para dormir:

A Tininha quando fazia as necessidades dela você tinha que fazer o “paninho paninho”, você tinha que limpar a bunda dela com lenço umedecido ou com paninho molhado, mas só eu fazia! Ninguém levantava o rabo pra limpar, se eu viajasse uma semana e ficasse tudo duro, ia ficar duro, porque ela não deixava (Responsável pela Tininha, 2015).

O único probleminha que teve foi que ele não mexia mais o rabo, então a cada *popô* você tinha que limpar com um lencinho, tinha que passar Hipoglós porque ele ficava assado, todo o mês, tinha que passar talquinho pra não ficar fedido, no verão quando estava quente, ao invés de passar lencinho a gente lavava, pra não ficar assado, dava banho. [...] Toda noite [colocava o animal para dormir]. Até ele pegar no sono. Deitava no chão, na caminha dele, e minha mãe brigava comigo porque eu comecei a ter dor na coluna. Ficava toda torta com ele, mas se eu não fosse ele ficava latindo e não dormia. (Responsável pelo Godofredo, 2015).

Há então outra questão importante para compreender a família multiespécie: mais do que os animais serem filhos, as mulheres são mães. A vinculação com a ideia de instinto, que é tanto animal quanto materno, é muito presente quando as mulheres se referem aos animais dizendo que “foi ela quem me escolheu” ou “ele quem me adotou”:

Cheguei lá, olhei o Godofredo, ele olhou pra mim, só tinha ele à venda, os outros já tinham sido todos vendidos, eu não sabia que era só ele, eu o peguei

e falei “esse é meu, vou levar, depois o meu marido vem conversar com você”. Não perguntei preço, se podia, nada. Só coloquei ele em mim e decidi que ia levar (Responsável pelo Godofredo, 2015).

O papel - geralmente auto atribuído - de *mãe de pet* é causador de uma das maiores polêmicas envolvendo as relações interespecíficas. Até onde se observa, é possível afirmar que a presença do animal como partícipe de uma família é muito mais bem aceita em nossa sociedade do que a ideia de que mulheres responsáveis por animais sejam suas mães. Assim, o status do animal pode até ser revisto pela opinião pública, de aceitar que ele passa a fazer parte de uma família. No entanto, o papel de mãe ainda é defendido por muitos grupos como algo intrínseco às relações entre as mesmas espécies.

A disputa se acirra quando o dia das mães se aproxima, especialmente nas mídias e nas redes sociais. Analisando algumas postagens sobre o tema em blogs e sites nacionais, percebi que há um perfil mais ou menos comum entre quem defende e quem critica o uso dessa expressão. As postagens a favor das mães de pets foram encontradas em sites que oferecem produtos e serviços para pets, ou em blogs de mulheres que defendiam a “maternidade canina” a partir das suas próprias experiências.

Dentro do amor e do respeito, mãe de pet também é mãe e nada mais justo que parabenizar todas vocês nessa data linda. *Mãe é aquela que cuida, se preocupa, coloca o filho em primeiro lugar, não se desconecta nem mesmo por um segundo. Mãe é mãe...é aquela que dá o melhor colinho do planeta!* (Site de camas e capas para pets<sup>31</sup>, grifos meus).

Muito se discute sobre o real sentido da expressão “mãe de animais”. Há quem diga que não, não existe maternidade na relação dono e animal, mas a verdade é que quem sustenta esse sentimento por seus pets também carrega consigo diversas *responsabilidades e prazeres* da vida materna humana, principalmente o amor incondicional

---

<sup>31</sup> “Mãe de pet também é mãe!”. Disponível em: <<http://www.lassie.com.br/2017/05/11/mae-de-pet-tambem-e-mae/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

pelos bichinhos (Site de empresa de fisioterapia animal<sup>32</sup>, grifos meus).

Em nome de todas que se autointitulam “mães de cachorro”, tomo a liberdade de explicar nosso ponto de vista mais um pouquinho. *Nos sentimos responsáveis pela vida daquele animalzinho.* Damos comida, remédio, banho, ficamos atentas à saúde, queremos que seja feliz – se jogando numa poça de lama ou roendo nossa almofada preferida. Para quem não tem filhos biológicos – como eu – é o sentimento mais próximo de ser mãe que conheço. Então, por achar que ser mãe de um bebezinho é algo tão nobre, tão digno e um desejo meu tão grande, me sinto invadida por orgulho quando dizem que sou mãe deste senhorzinho de quatro patas aqui ao meu lado (Coluna em site de moda e comportamento<sup>33</sup>, grifos meus).

O discurso da maternidade presente na relação entre mulheres e seus pets aparece normalmente vinculado às noções de amor incondicional, afeto, cuidado e responsabilidades. Em um site especializado em pets, uma matéria apresentava ilustrações sobre o cotidiano de uma mãe de cachorro, e trazia afirmações como “mães de cachorros chegam atrasadas no trabalho porque sempre têm dificuldade para conseguir se despedir do cãozinho” e “durante as reuniões [de trabalho], as mães de cachorro não conseguem parar de pensar no bem-estar do pet”<sup>34</sup>. Ainda que o tom fosse de brincadeira, é perceptível que uma das mais comuns justificativas utilizadas pelas mães de pets é justamente a de que elas se ocupam e preocupam tanto quanto uma mãe de um filho humano.

O amor entre mãe e pet demonstra ser explorado comercialmente em muitos exemplos, tais como o pingente “tal mãe, tal pet”, cuja descrição é “um pingente para você e outro para seu pet” (figura 1)

---

<sup>32</sup> “Mãe de animais – o dia das mães também é nosso!”. Disponível em: <<http://petfisio.com.br/mae-animais/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

<sup>33</sup> “Mãe de cachorro também é mãe?”. Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/lifestyle/mae-de-cachorro-tambem-e-mae/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

<sup>34</sup> “Ilustrações mostram o que é ser mãe de cachorro”. Disponível em: <<http://www.petcidade.com.br/ilustracoes-mostram-o-que-e-ser-mae-de-cachorro/>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

desenvolvido por uma empresa de *design animal*, ou em um presente dado pelo pet shop à mãe de pet no dia das mães, depois do banho semanal do seu filho (figura 2).

Figuras 1 e 2



Por outro lado, os textos que criticam o uso da expressão *mãe de pet* aparecem, principalmente, em blogs feministas, que problematizam a romantização da maternidade e apontam a injustiça presente na comparação entre ser responsável por um animal e por uma criança. De acordo com essa perspectiva, as responsáveis por pets não enfrentam, em virtude da existência destes, dificuldades exclusivas da maternidade humana, tais como inserir-se e manter-se no mercado de trabalho, as dores do trabalho de parto ou a espera de anos por adoção, julgamentos morais por sair para divertir-se sem os filhos ou por ser mãe solo, além de ser responsável pelos estudos e formação.

Um pouco de empatia faz bem. Não adianta querer bater o pé falando que mãe de gente e mãe de pet são a mesma coisa, porque não são. Nós, mães, já somos  *muito* silenciadas. Você, “mãe de pet” ou não, pode ajudar um pouco a mudar isso. Nós, mães, existimos e resistimos, a nossa luta é diária, é dolorida, é cansativa. Nós sofremos por ser mulheres, negras, periféricas – e por sermos mães,

a sociedade nos exclui duas ou três vezes mais (Blog feminista, grifo no original<sup>35</sup>).

Amo o Ernesto e acho o máximo ter cachorro. Amo muito e cuido muito, não tô dizendo que não dá trabalho. Ainda que seja tudo mais simples, ele faz sujeira, come, toma banho, precisa brincar e passear, fica doente e vai no médico. Faço com o maior prazer do mundo, dou e recebo muito amor dele, mas nada disso me faz mãe. O que me faz mãe são dois espuletas de cabelos encaracolados, eles, sim, me fazem mãe (Blog sobre adoção<sup>36</sup>).

Uma blogueira feminista, ao escrever sobre a polêmica, diz ter revisto sua posição de *mãe de cachorras* após refletir sobre o assunto – “são meus amores, mas não são minhas filhas”:

O fato é que elas [as mulheres críticas ao uso da expressão] têm razão. Mãe de cachorro, mãe de gato, mãe de tartaruga, não é mãe. A carga social sobre mães de humanos é infinitamente diferente da carga social sobre *mães* de bichos. Uma coisa não é comparável a outra a ponto de se usar o mesmo nome. Ser mãe é opressor, dentro do mundo em que vivemos hoje. E eu já falei aqui mil vezes, nada acontece no vácuo, não dá pra ignorar todo o significado que uma palavra aparentemente inocente carrega e tudo o que essa palavra traz para a vida das mulheres (Blog sobre feminismo e veganismo, grifo no original<sup>37</sup>).

Essa é uma discussão que ocorre essencialmente entre mulheres – inclusive porque é bem raro deparar-se com a expressão *pai de pet*. Osório (*in* Bevilacqua e Velden, 2016) cita uma pesquisa realizada em 2009 em

---

<sup>35</sup> “Mãe de pet? Esse texto é pra você” Disponível em: <<https://feminismonapratica.wordpress.com/2016/08/23/mae-de-pet-esse-texto-e-para-voce/>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

<sup>36</sup> “Ninguém é mãe de pet”. Disponível em: <<https://papaisadotantes.com/2016/05/03/ninguem-e-mae-de-pet/>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

<sup>37</sup> “Mãe de cachorro é mãe?”. Disponível em: <<https://geofaust.wordpress.com/2015/05/15/mae-de-cachorro-e-mae/>>. Acesso em: 07 ago. 2017.



uma rede social relacionando as palavras “mãe/mamãe e dona” e “pai/papai e dono”. Na primeira relação, surgiram algumas comunidades que defendiam que os responsáveis por animais de estimação não deveriam ser vistos como donos ou donas, e sim como pais e mães – na defesa de que animais não são propriedade. Já na busca por “pai/papai e dono”, um número muito maior de comunidades tratavam de propriedades de empresas, e praticamente nenhuma falava de animais de estimação.

Andréa Osório também mostra que vários estudos sobre protetores de animais indicam que essa é uma atividade feminina. “O cuidado com os cães seria uma tarefa mais comumente desempenhada pelas mulheres do que pelos homens, na medida em que o cão é uma criança e o cuidado das crianças é visto como tarefa feminina” (OSÓRIO *in* BEVILACQUA & VANDER VELDEN, 2017, p. 57)

Há várias outras questões de gênero presentes nas famílias multiespécies. Lewgoy, Sordi e Pinto (2015) apontam a dificuldade analítica disso, sendo necessário não estigmatizar ou estereotipar uma situação que já é, por si só, bastante complexa. No caso apresentado por estes autores, as próprias protetoras de animais apresentavam uma indignação maior quando os casos de maus-tratos ou o abandono provinha de uma mulher<sup>38</sup>.

No hospital veterinário, observou-se aos menos três facetas da generificação da relação humano-animal: alguns responsáveis ainda mantêm um discurso que relaciona castração com comportamento esperado para homens e mulheres. De acordo com as veterinárias, enquanto há, responsáveis (geralmente homens) que recusam a castração de seus cães machos por afirmarem que isso tiraria a sua masculinidade, uma senhora idosa, aguardando a castração de sua cadela, me falou que a fêmea finalmente aprenderia a lição e pararia de se *oferecer* aos cachorros da vizinhança – o que me remeteu a uma espécie de castigo moralizante, ligado ao estereótipo mulher caseira, que se resguarda.

Uma segunda questão é o lidar com o corpo do animal morto. Em vários relatos, imediatamente após a morte, a figura da mulher se recolhe na esfera íntima enquanto os homens cuidam dos trâmites da destinação do corpo. Por outro lado, a ritualística posterior à morte (altar, fotos, destinação simbólica das cinzas, etc.) é uma tarefa predominantemente feminina.

Há outro apontamento nesse sentido, que se refletiu na própria obtenção de entrevistas: Os homens contatados para falarem sobre a

---

<sup>38</sup> O trabalho de Pessanha e Carvalho (2015) também traz esse elemento.

morte do seu animal não se dispuseram a tal, e dos casais contatados, vieram para as entrevistas apenas as mulheres. Isso por si só já é um dado relevante, mas a partir de outros elementos do campo, como as entrevistas com as veterinárias ou as observações no hospital, é perceptível que as mulheres tendem a se posicionar em relação aos animais de uma maneira mais protetora, muitas vezes maternal, enquanto os homens os veem como amigos, como companheiros. Este parece ser um aspecto das famílias multiespécies que merece ter mais atenção em trabalhos posteriores, visto que representa a complexidade que envolve a masculinidade e a paternidade nas sociedades contemporâneas.

No seio desta família multiespécie está também a discussão sobre a adoção. Trabalhos como os de Lewgoy, Sordi e Pinto (2015) e Pastori e Matos (2016) apontam para uma forte relação entre a adoção de animais e adoção de crianças:

Tal como na adoção de crianças, cuja preferência é por bebês recém-nascidos, do sexo feminino e de cor branca, o mesmo ocorre com os animais disponíveis para adoção, cuja preferência recai sob aqueles de pequeno porte e ainda filhotes (PASTORI & MATOS, 2016, p. 124).

Além destes pontos levantados por Pastori e Matos, há também a questão da raça do animal. Ainda que o discurso em defesa da adoção seja cada vez mais forte – *adotar é tudo de bom*, diz o slogan da marca de ração Pedigree – e que nas páginas de adoção na Internet a questão do vira-lata ou SRD seja levantada como algo positivo, a verdade é que alguns relatos levantam o problema da (ausência da) raça na adoção:

E hoje quando eu vejo um beagle [raça da cachorra morta] no parque ou na rua me dá uma coisa. Mas talvez, bom, adotar beagle é difícil né? Só os do Instituto Royal (risos). É difícil encontrar, mas eu não queria comprar um cachorro, porque essa história de adoção agora está tão forte (Responsável pela Sofia, 2015).

Esse processo de institucionalização da posse de animais até então desprovidos de um lar carrega em si o conceito de posse responsável, a partir da qual os grupos protetores buscam certificar-se de que a adoção não é mero impulso, ou que o animal não sofrerá privações ou maus-tratos. No entanto, Santos (2015) demonstra a dificuldade do uso do conceito de posse responsável, tanto como ferramenta analítica quanto

nas próprias relações com os animais. O que significa ser responsável? Segundo o autor, para os profissionais de saúde, pode significar um controle sanitário que minimize os riscos para a saúde humana; pode também estar relacionado ao discurso de manter o animal nos limites residenciais e castrado; ou que o responsável humano tem a tutela e responsabilidade legal diante das ações do animal (no caso de ele ferir alguém, por exemplo).

Por outro lado, há as famílias que querem adotar, mas criticam o excesso de burocracia e a invasão de privacidade que marcam o processo. Muitas alegam inclusive desistir de adotar por estas razões (LEWGOY, SORDI & PINTO, 2015). Tudo isso parece fazer parte do que estes autores destacaram como uma vigilância biopolítica das relações interespecíficas, que será tratada mais detalhadamente no terceiro capítulo.

Nessa rede de relações interespecíficas, acentua-se o caráter dinâmico da domesticação. Para Dominique Lestel, a noção de domesticação recupera ao menos três realidades: a *apropriação* do animal pelo homem; a *familiarização* do homem e do animal; a *utilização* do animal pelo homem. No entanto, o autor é cauteloso ao apontar que não é possível enxergarmos a domesticação sob um olhar exclusivamente utilitário, de relações de poder do homem sobre o animal, visto que este último também se apropria da aproximação. “A domesticação dos homens e dos animais é conjunta e essa reciprocidade constitui o fundamento maior das comunidades híbridas” (LESTEL *in* MACIEL, 2011, p. 38).

O processo de domesticação não está dado nem terminado. Tampouco é exclusividade dos animais: como já apontado no capítulo anterior, os humanos também somos domesticados (LORENZ, 1973; INGOLD, 2000; SEGATA, 2012; LEWGOY, SORDI & PINTO, 2015), e no caso dos animais de estimação, isso se dá de muitas formas: pelas configurações sociais de afeto e de responsabilidade que dizem como o animal deve ser cuidado; pelas mudanças no estilo de vida e na rotina que a vinda de um animal à família promove; pelas transformações e novos aprendizados que os processos de adoecimento e envelhecimento do animal exigem (aprender a aplicar injeções, fazer curativos, dar comida na boca, carregar no colo); e pela convivência, pura e simplesmente:

A gente levava ele lá pra cima e ele ficava lá tranquilo. Aí quando ele cansava, latia, e a gente descia ele de novo. Era tudo do jeito que ele queria – ele domesticou a gente perfeitamente. Eu não

consegui ensinar nada pra ele! [risos] (Responsável pelo Godofredo, 2015).

A casa da família multiespécie, nesse processo de domesticação, inevitavelmente acaba por sofrer transformações: seja porque o cão come o pé da mesa ou o gato rasga todo o sofá<sup>39</sup>, nos mais simples dos casos, até famílias que se mudam de apartamentos para casas em busca de espaço e bem-estar para os animais. O caso mais emblemático acompanhado foi o de Godofredo, que *morava* em um andar inteiro do sobrado da família. Quando sofreu uma queda e foi operado, todo o solo do andar foi revestido com material antiimpacto e antiderrapante. Meses depois da morte do animal, aquele espaço da casa continuava sem uso, intacto, com suas coisas dispostas no mesmo lugar.

De qualquer forma, ainda que afete a rotina e o comportamento dos humanos, é incontestável que a domesticação tenha consequências ainda mais evidentes nos animais. O mapeamento do conjunto de características das famílias multiespécies reforça as transformações que vêm ocorrendo nas relações de afeto. E para que os animais de estimação estejam inseridos nessas famílias, o processo civilizatório parece ter chegado até eles. Muito dos apontamentos feitos pelos autores que pensam a relação entre humanos e *pets* nos remetem ao que Elias (1994) observava na educação dada às crianças:

O círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se a um padrão de comportamento exigido pela sociedade, ou ser excluído da vida num “ambiente decente”. A criança que não atinge o nível de controle das emoções exigido pela sociedade é considerada como “doente”, “anormal”, “criminoso”, ou simplesmente “insuportável”, do ponto de vista de uma determinada casta ou classe e, em consequência, excluída da vida da mesma. (ELIAS, 1994, p. 146)

---

<sup>39</sup> E nestes casos as médicas veterinárias entrevistadas colocam críticas a uma humanização que retira dos pets a possibilidade de realizarem atividades de animais, como correr em grandes espaços, interagir com outros animais, caçarem, brincarem, etc., pois isso os deixaria naturalmente mais tranquilos e não iriam causar tantos “transtornos”.

A busca pelo controle das emoções dos animais é feita através de tratamentos medicamentosos da saúde mental – o que será tratado mais adiante neste capítulo – ou com tratamentos comportamentais, de adestramento ou de convivência com outros animais. Aqui há mais uma característica das famílias multiespécies que deve ser citada: a demanda crescente por serviços de terceiros, como psicólogos<sup>40</sup>, adestradores, *dogwalkers*, *pet sitters*, recreadores em creches e *daycares*, e outros. Um dos adestradores mais famosos do país, Alexandre Rossi – que se mostrou uma verdadeira celebridade na feira em que fiz observação –, mantém uma empresa com o sugestivo nome de Cão Cidadão, cuja missão é “melhorar a integração do cão na família e na sociedade, por meio da educação”<sup>41</sup>.

Uma parte significativa dessa demanda está então em proporcionar ao animal tratamentos, atividades e mudanças na rotina que provoquem, consequentemente, mudanças comportamentais – as questões mais recorrentes na literatura, na pesquisa empírica e na internet dizem respeito aos excessos ligados a latidos e/ou coceira recorrentes, agressividade ou hiperatividade, destruição de objetos, excreção em lugares inapropriados, etc., em uma evidente ânsia por civilidade, tal como o processo tão bem descrito por Elias.

Diante de tamanha expectativa por adequar a convivência com os pets às configurações de civilidade de uma sociedade, os sentimentos, no interior das famílias multiespecíficas, são intensos e muitas vezes controversos, tais como em uma família exclusivamente humana. A ideia de sacrificar-se pelo outro, a noção de culpa e as crises devido à presença dos animais podem ser mais constantes do que se imagina a priori. Os animais doentes, moribundos, são os que mais incitam as falas de sacrifício. Mais que mera auto piedade ou sentimento altruísta, o sacrifício pelo outro mostra-se aqui enleado no paradoxal *petshismo* apresentado por Digard (1999), que vê a relação com os pets como um fetiche das sociedades urbanas contemporâneas, supervalorizada e ao mesmo tempo coisificada, permeada de consumo. Uma fonte inesgotável de amor verdadeiro, mas ao mesmo tempo uma responsabilidade do doar-se.

A ideia do animal *especial*, que requer cuidados para além de um animal comum, carrega em si a noção do sacrifício:

---

<sup>40</sup> Não há no Brasil uma formação específica para a psicologia canina – ela é realizada geralmente por psicólogos, zólogos ou médicos veterinários (Disponível em: <<http://www.cachorroagato.com.br/cachorros/psicologo-para-caes/>>. Acesso em: 04 ago. 2017.)

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://cursos.caocidadao.com.br/>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

A gente teve um bebê especial, que dá mais trabalho ainda! Eu morria de medo de alguém maltratá-lo, nossa, e a gente pensava que ele era mimado porque ele era especial, né? Porque ele tinha tudo quanto era problema, a gente brinca que ele era especial, tadinho (Responsável por Godofredo, 2015).

Encontrei a Sofia numa situação super triste, ela estava obesa, diabética, cega, que foi o que mais me chocou quando a gente chegou. E eu fiquei totalmente sem chão, a gente não sabia o que fazer! Aí a cachorrinha ficou na casa da minha irmã, eu ia lá todos os dias, eu tinha a chave da casa, ia à noite com o meu marido, íamos ali, tratávamos, ficávamos com ela, levávamos no parque no fim de semana [...]. Mas acho que todo animal você tem que fazer isso, tem que cuidar dele. (Responsável pela Sofia, 2015).

A culpa é outro dos elementos característicos da família humana – especialmente da judaico-cristã (SCLIAR, 2006) e ocidental (BENEDICT, 2002) -, que não desaparece nas relações interespecíficas. Aqui identifica-se ainda um adicional de culpa pela não-agência do animal, por ele não poder expressar-se como os humanos. As culpas dos responsáveis estão ligadas a ter deixado o animal sob o cuidado de terceiros; a deixar outro animal se aproximar de suas coisas após a sua morte; ou até mesmo culpa diante do dilema de ter ou não ter outro animal depois do óbito<sup>42</sup>.

A culpa não é um sentimento exclusivo das responsáveis - ela está presente também no cotidiano das médicas:

principalmente em cirurgia quando acaba tendo óbito, e algumas vezes é complicado porque o

---

<sup>42</sup>Ainda que o tema do “substituto” possa ser motivo de muita culpa, a maioria dos informantes defendeu os benefícios do apego a outro animal após a perda. Novamente o caso de Godofredo chama a atenção: acompanhei a situação quando, no dia seguinte à morte do animal, o responsável telefonou para o hospital e, em tom de desespero, pediu com urgência se não tinham outro cachorro para que ele pudesse comprar, pois sua esposa não havia saído do quarto nem comido desde o dia anterior. A equipe do hospital então, muito pacientemente, lhe explicou que talvez essa não fosse a melhor forma de lidar com o luto.

animal estava super bem e acabou morrendo, então você tem que explicar que não é culpa de ninguém, entendeu? E aí a gente fica, especialmente o cirurgião, totalmente culpado, porque pensa o que deu errado, porque não consegui resolver, então o peso é maior para eles (Veterinária entrevistada III, 2015).

Uma veterinária entrevistada, que perdeu seu animal no hospital, mostrou-se culpada por ter feito muita pressão nos colegas para que salvassem sua cachorra. E todas as veterinárias mostram sinais de culpa diante da perda de um animal e do eterno dilema “será que eu poderia ter feito mais alguma coisa?”. Esta pergunta parece ser fonte de culpa não só dos profissionais veterinários, mas também dos responsáveis, especialmente quando precisam autorizar uma eutanásia. E a culpa parece não se dissipar automaticamente junto com a morte:

Eu dou abertura para que eles venham conversar comigo. E eles vêm mesmo, às vezes meses depois, vem conversar, perguntar “mas será que fizemos tudo? E se a gente tivesse tentado tal coisa?”, então isso leva tempo mesmo. (Médica Veterinária II, 2015)

Além da culpa, é possível identificar o ciúme que alguns humanos têm em relação aos seus animais:

Eu tinha muito ciúme. Eles colocaram câmera lá pra gente poder acompanhar o banho e eu fui ver um banho dele, e ele lá, sentadão enquanto a moça dava banho, depois ela começou a secá-lo e ele ficou lambendo o rosto dela, um monte, um monte, eu desliguei. Eu falei “que raiva, eu não vou ver isso”, e ele cheio de amor pra dar [risos].” (Responsável pelo Godofredo, 2015)

De qualquer forma, o ciúme não é exclusividade humana. Animais também são ciumentos com seus humanos. Utilizo aqui o relato de um jornalista argentino, Pablo Scioscia, sobre o “triângulo amoroso” entre ele, sua namorada Lucía e seu cachorro Romeo (SCIOSCIA, 2014). No texto, o autor descreve os encantos e martírios da convivência com Romeo, que precisou ser afastado de casa para adestramento após atacar

o próprio dono. Segundo os especialistas consultados, o ataque ocorreu em virtude do ciúme que Romeo tinha de Lucía.

A história contada por Pablo é exemplar de uma reconfiguração pela qual vêm passando os modelos de família, em que os animais de estimação alcançam posto de protagonistas: são motivo de mudança de um apartamento para uma casa com jardim; dividem a cama com o casal humano – e com ele estabelecem uma “relação à três”; são diagnosticados com problemas psicológicos, utilizam fluoxetina e hospedam-se em escolas de adestramento; viram principal tópico de conversa da família com amigos e colegas de trabalho; definem como e quando serão as férias. Ao relatar a forma como estabeleceu relação com o cachorro, Pablo afirma:

Acredito numa convivência horizontal, e isso inclui os animais de estimação – nunca entendi o conceito de “animais de estimação” –, por isso me negava a ver Romeo como um ser inferior que me devia obediência em troca de casa e comida. Eu queria dividir tudo, ser uma família pós-moderna. E isso começou a nos deixar confusos, a nós três, sobretudo Romeo (SCIOSCIA, 2014, p. 74).

Ao fim do relato, Scioscia reflete sobre a tensão permanente de se conviver com um cachorro, e amplia a reflexão acerca da paternidade e da maturidade:

Às vezes me pergunto quão mais difícil deve ser ter filhos. Logo vou fazer 30 anos. Ainda não tenho planos de ser pai, e no fundo não sei se estou preparado para que outra vida dependa de mim. Examinando retrospectivamente minha história com Romeo, tenho a impressão de que tudo isso que aconteceu foi um jeito de crescer: afinal de contas, já sou um adulto. Mas agora, enquanto brinco com ele nos limites desse pacto de maturidade que forjamos, não posso evitar o desejo de baixar a guarda e esticar a adolescência um pouco mais. Desconfio que o mesmo se passe com Romeo (SCIOSCIA, 2014, p. 77).

Um outro aspecto referente às transformações nas sociedades contemporâneas e seus *pets* do qual o relato de Scioscia é elucidativo é a



sociabilidade, entre humanos, que ocorre a partir da presença dos animais de estimação:

Desde que Romeo voltou [da escola de adestramento], todo dia, quando chego do trabalho, troco de roupa e saímos, para que ele corra e brinque com outros cachorros. A praça tem dois canis – dois quadrados cercados em que a grama não cresce mais -, onde o solto sem problemas: faz parte da reabilitação aprender a se relacionar com outros animais. Como sempre venho na mesma hora, já conheço meus companheiros e seus cachorros: o careca que traz Lila, o gordo que vem com as duas bóxer, a senhora que traz Apolo, o garoto que está com Olaf e Mateo, e o velho que traz Wanda. (SCIOSCIA, 2014, p. 79).

O papel de agente socializador destes animais de estimação, condutores de uma sociabilidade *entre* humanos que se dá *a partir* dos animais, não é exclusividade do relato acima, pois surgiu com muita frequência na pesquisa de campo: quando moradores de um mesmo condomínio se reúnem para levar seus cães para passeios e brincadeiras nas áreas externas, ou os responsáveis pelos animais estendem sua permanência em pet shops e clínicas veterinárias para conversas, ou criam amizade com veterinários e cuidadores de creche de animais. Há a recorrência, também, de uma mobilização de toda a família (não só o núcleo de coabitação) diante dos cuidados exigidos por um animal doente, velho, ou na morte do animal – afinal, como nos lembra Rodrigues em seu *Tabu da Morte* (2006, p. 75), “o desaparecimento de um indivíduo põe em marcha uma hiperintensificação das relações sociais”.

Vale lembrar, porém, que a presença de membros de outras espécies na família e a forma como são tratados nem sempre é algo consensual ou pacífico. Os conflitos nas famílias geralmente emergem nas entrevistas e nas observações no campo, e podem estar atrelados à dissonância entre como se dará essa relação (quais espaços o animal ocupará, quanto de atenção, de tempo e de recursos tomará dos membros humanos, etc.), à falta de confiança de que um humano cuidará suficientemente bem do animal, ou até mesmo, novamente, caso de ciúmes – e aqui, o ciúme é um sentimento que pode partir tanto do humano quanto do animal.

Eu disse “gente, mas você não é veterinária?”, e aí eu me sinto meio assim, porque eu já levei uma

dessas: “a veterinária sou eu”, então pra falar qualquer coisa, por exemplo, sobre a doença da Sofia, foi muito difícil pra mim, porque minha irmã dava a entender que tudo ela sabia. Só que ela sabia, mas não teve atitude nenhuma pra ajudar. Não fazia nada, ela não fez nada. Ela ficou de braços cruzados esperando a coisa acontecer (Responsável pela Sofia, 2015).

E tinha que ter tapete em casa, tá? Porque ele só dormia no tapete. E meu marido brabo, reclamando que o tapete tinha cheiro de cachorro, que a casa tava com cheiro de cachorro, e eu dizia é o tapete dele, ué? O que eu posso fazer? Se tirasse o tapete ele ficava brabo! (Responsável pelo Godofredo, 2015).

Os conflitos entre humanos envolvendo um animal de estimação pode chegar à Justiça: é cada vez mais recorrente que a guarda de um animal seja discutida judicialmente em caso de litígio conjugal; e, de acordo com Rodrigues *et al.* (2016), algumas decisões da magistratura no Brasil têm se norteado na ideia do animal não mais como propriedade, e sim como sujeito de direitos, senciente, prezando pelo seu bem-estar. Mas essas decisões ainda são minoritárias, diante do que as autoras propõem que sejam criadas varas especializadas em direito animal.

Na maioria das vezes se levou em consideração a propriedade. Todavia, em alguns casos se manteve o animal de estimação com quem, de certa forma, comprovou que desempenhava a guarda/posse responsável, ou seja, conseguiu uma comprovação de que havia o zelo pelo bem-estar animal. [Houve situação em que] o animal de estimação permaneceu com a parte a qual não se evidenciava ser o dono, mas que efetivamente comprovou que desempenhava a função de zelar pelo bem-estar animal, na medida em que a parte que se apresentava como dono não conseguiu comprovar tal titularidade. Logo, em dúvida acerca da propriedade, vigorou o princípio da melhor proteção do interesse do animal (RODRIGUES *et al.*, 2016, p. 111).

Outra razão de conflito deve-se à falta de consenso sobre quais os “limites” do membro não-humano, especialmente em relação aos lugares que pode frequentar, alimentos que pode ingerir, e quais “travessuras” serão toleradas. O impasse se estende para além da própria família, compreendendo também quem faz a limpeza da casa:

[A patroa] e eu discutimos algumas vezes porque toda semana era a mesma coisa: eu tinha acabado de limpar o chão e o cachorro entrava correndo todo sujo de lama e grama e sujava tudo de novo. Porque ele podia entrar e sair na hora que queria, ele fazia o que queria naquela casa! (Estudante II, grupo focal, 2016).

O agrupamento familiar multiespecífico, assim, ainda que apresente uma série de características próprias, carrega em si ambivalências, contradições e conflitos inerentes à família unicamente humana. Nem tudo é amor na relação entre humanos e animais.

O público urbano é altamente sensível para com animais de estimação e fauna selvagem – mas altamente ambíguos como consumidores em relação aos animais de produção – na medida em que a era pós-doméstica faz um resgate paradoxal do pré-doméstico, em que era alto o grau de subjetivação de animais não humanos, mesmo as presas de caça (similar ao “animismo” em Descola e Ingold) (LEWGOY, SORDI & PINTO, 2015, p. 83)<sup>43</sup>.

Essa complexidade das relações interespecíficas é perceptível em várias esferas da vida, das quais optou-se, aqui, por concentrar-se nas questões ligadas ao cuidado. E, afinal, o que é o *cuidado*? Burke (2014) revela que o termo é vago e impreciso por si só, e que sua conotação varia ao longo do tempo e da cultura. Para ele, o ideal é que nos tornemos conscientes das maneiras como fazemos nossas práticas do cuidar, como sustentamos nossos discursos no aqui e agora, e das forças sociais e culturais que formam a nossa noção de cuidado – que está longe de ser meramente instintiva.

---

<sup>43</sup> As controvérsias sobre animais de estimação *versus* animais de produção serão melhor exploradas no capítulo 3.

Burke utiliza as informações sobre os cuidados com as crianças, os velhos, os doentes e os pobres nos últimos quinhentos anos no Ocidente para mostrar como foi ocorrendo uma série de transformações na ideia de cuidado, cada vez mais institucionalizado e secularizado. Ainda que o historiador esteja tratando dos cuidados de humanos com humanos, acredito que é possível estendermos sua reflexão para as relações de cuidado com animais de estimação quando estes estão doentes, velhos ou moribundos.

### 2.3 DOENÇA E VELHICE DE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO: RACIONALIZAÇÃO, TECNOLOGIA, CONSUMO E CUIDADO

As atitudes que hoje prevalecem em relação aos moribundos e à morte não são inalteráveis nem acidentais (ELIAS, 2001, p. 97).

Os cuidados humanos perante a doença e o envelhecimento dos animais de estimação servem como um dos indicadores mais contundentes das transformações ocorridas na relação humano-animal ao longo da modernidade. René Descartes popularizou, no século XVII, a tese de que animais são meras máquinas ou autômatos, incapazes de ter sensações. Para Keith Thomas, a doutrina cartesiana degradou ainda mais a visão que se tinha dos animais à época.

Mas seus seguidores foram mais longe. Os animais, declaravam, não sentem dor; o gemido de um cão que apanha não constitui prova de sofrimento animal, assim como o som de um órgão não atesta que o instrumento sente dor quando é tocado. Os uivos e contorções de um bicho seriam meros reflexos externos, sem relação com qualquer sensação interior. (THOMAS, 2010, p. 44)

Thomas coloca que, por mais estranha que hoje possa parecer a noção cartesiana de animalidade, ela vigorou no Ocidente durante muito tempo, porque se tratava de uma excelente via de defender a religião (que enfatiza a relação Deus – Homem) e afirmar a supremacia de homens em relação à fauna e flora, permitindo sua exploração irrestrita. “Mas o mais forte argumento, em favor da posição cartesiana, era que ela constituía a

melhor racionalização possível para o modo como o homem realmente tratava os animais” (*op. cit.*, p. 45).

Como o próprio Thomas descreve, o processo de criação de uma “compaixão pelas criaturas brutas” foi lento e não linear, mas, no século XVIII, os ingleses já se chocavam com a forma como animais eram tratados por humanos (*op. cit.*, p. 202). E, ao que tudo indica, se hoje nos deparamos com uma ampliação e complexificação das formas como os animais são cuidados, é porque a busca por *racionalização* permanece, ainda que agora não mais necessariamente vinculada às ideias de Descartes.

Os cuidados nos processos de adoecimento e envelhecimento partem de uma racionalização não só quando se trata de animais de estimação, mas também animais de criação e abate. Tecnologias para o controle de zoonoses (MATEUS, 2009), melhoramento genético (MACEDO, 2005), melhora no desempenho de animais de exposição ou esportes (OLIVEIRA, 2006), para aumentar a qualidade da carne de animais que viram comida (MACHADO & ZYLBERSZTAJN, 2011), estão todas vinculadas à ideia de racionalização. Porém é no cuidado com os pets que iremos nos deter, e a questão chave aqui é compreender como se desenrola as diferentes racionalizações nessas situações.

Se não somos plenamente racionais quando se trata da doença e da velhice humana, por que o seríamos ao lidar com esses processos em outras espécies? Um dos pontos observáveis é que, assim como as tecnologias e especialidades da medicina humana tem se estendido para a medicina veterinária, também a fé que se tem na medicina se estende para aquela que cuida dos pets. Para François Laplantine, a fé médica está na promessa de saúde absoluta:

a crença em um progresso infinito que levará o ser humano à saúde absoluta, através da eliminação gradual de todas as doenças da cidade, por fim totalmente medicalizada, fundamenta-se em uma esperança messiânica que promete, ao mesmo tempo, mais e menos que as grandes religiões. Mais, porque a medicina contemporânea é tão religiosa quanto as religiões que se apresentam como tais: ela não mais se contenta com anunciar a salvação após a morte, mas afirma que esta pode ser realizada em vida. Menos, porque só as religiões são suscetíveis de responder a questão da morte e, correlativamente, dar um sentido absoluto à vida (LAPLANTINE, 2010, p. 241).

A fé na medicina veterinária é estimulada, em grande parte, a partir do material publicitário de procedimentos e medicamentos – que serão analisados no capítulo três – e no discurso que desloca continuamente a figura do médico veterinário da zona rural, cuidador agropecuário de bois e porcos, para a figura do *doutor*, médico da família (SEGATA *in* BEVILACQUA & VELDEN, 2016), o que aparece em todas as conversas com veterinárias:

Muitos casais estão optando mais por ter o animal do que o próprio filho. Então a gente acaba sendo pediatra, porque cuidamos de crianças, e precisamos entender que ali é um afeto de mãe e filho mesmo, tem proprietário que fala “não, não pode chamar ele pelo nome, tem que falar com aquela vozinha porque é só assim que ele entende” (Veterinária entrevistada III, 2015).

Jean Segata, ao comparar sua juventude na área rural – em que veterinários vinham para aplicar vacinas no gado – com sua etnografia em pet shops, reflete sobre a condição atual dos pets:

Hoje, ao vê-los recebendo tratamentos equivalentes àqueles dos humanos, eu me pergunto se aqueles modos de se explicar a morte repentina daqueles animais [de velhice, de peste ou envenenados] eram mais uma crença daquelas que vamos compartilhando ou se a humanização desses animais implica mais investimentos do que os mimos e afagos. Parece-me que eles não ganharam apenas o acesso ao interior da casa, roupinhas, rações e direitos –ganharam colesterol, problemas renais, câncer ou depressão. A humanidade tem um preço, e ela não é apenas financeiro (SEGATA *in* BEVILACQUA & VELDEN, 2016, p. 247).

De fato, o novo lugar ocupado por animais de estimação na família amplia a demanda por procedimentos médicos e medicamentos na mesma medida em que se ampliam os diagnósticos realizados, cada vez mais aguçados, e também as medidas de prevenção, tais como vacinas, castrações e suplementações nutricionais.

A minha avó e as minhas tias reclamam: “mas antes nós não tínhamos cachorros morrendo de câncer”, e aí eu pergunto pra elas “a gente não tinha ou a

gente não descobria que era câncer?” (Veterinária entrevistada I, 2015).

Hoje em dia não dá pra ficar parado, todo dia uma atualização, todo dia sai coisa nova, *todo dia a gente vê doenças diferentes*. A gente não trabalha mais com o básico, com o cachorro que veio aqui por causa de uma intoxicação. A gente trabalha com umas doenças que são raras, a gente pega casos que nunca pegamos, todo dia é um aprendizado e você tem que ir atrás, porque o proprietário é cada vez mais exigente em relação ao diagnóstico, ele quer uma resposta, ele veio buscando uma resposta (Veterinária entrevistada II, 2015, grifo meu).

No entanto, aqui, novamente, percebe-se o dilema na relação entre custo e benefício de manter-se em dia com as necessidades apresentadas pelo animal de estimação doente. As falas das veterinárias acerca da dificuldade de que os clientes aceitem o valor dos procedimentos e produtos deixa claro que há um abismo entre *querer* que cuidem e *pagar* para que cuidem:

as especialidades e tecnologias existentes tradicionalmente na medicina humana vêm sendo aplicadas na medicina veterinária e as pessoas, quando necessitam disso, acham bem legal que tenha tudo isso, mas não se tem a mesma legitimidade ainda – especialmente em relação ao valor, ao custo (Veterinária entrevistada I, 2015).

De acordo com as profissionais, é muito comum que os tratamentos veterinários ainda sejam tratados como algo que deveria ser feito por amor, de maneira voluntária. Elas afirmam ouvir isso muito frequentemente, tanto de clientes particulares – elas deram o exemplo de uma cliente que havia levado sua cachorra para uma consulta em maio de 2014 e solicitava um retorno em janeiro de 2015, e que, tendo seu pedido de retorno negado devido ao tempo que havia se passado, ficou furiosa e saiu do hospital reclamando com a recepcionista e a médica – quanto de protetores ligados às ONGs de defesa animal. Estes últimos, me disseram, são os que mais enfatizam que os tratamentos devem ser gratuitos – ou ao menos a preço de custo – visto que eles mesmos são voluntários nas instituições.

O valor das medicações e dos procedimentos médicos veterinários é alto. No primeiro levantamento amostral probabilístico e representativo feito no Brasil sobre a população de animais de estimação, junto ao IBGE, Pessanha e Portilho (2008) apontaram a saúde como o segundo maior dispêndio com pets nas famílias brasileiras<sup>44</sup>, atrás apenas dos dispêndios com alimentação. Em julho de 2017, quando o salário mínimo estava em R\$937, os valores de procedimentos para cães ou gatos em um hospital em Santa Catarina eram os seguintes:

- Vacinas: entre R\$55 e R\$125;
- Tranquilização para realização de exames: entre R\$60 e R\$100;
- Radiografia: R\$90 a R\$290;
- Remoção de cálculo tártaro (incluindo exames, anestesia, remoção e medicação): R\$ 520 a R\$780;
- Castração (incluindo exames, anestesia, procedimento, medicamentos e diária, no caso das fêmeas): R\$380 a R\$630 para machos; para fêmeas, varia entre R\$530 e R\$1.260.

Tive acesso à orçamentos de procedimentos mais específicos, como cirurgias ortopédicas ou de cálculo renal. Alguns tratamentos, no total, passavam de cinco mil reais, pois além da cirurgia em si, há gastos de diárias, medicação, etc., e muitas vezes uma parte considerável do valor precisa ser paga à vista.

O desafio diário é o de lidar diretamente com o proprietário. Porque existem vários tipos de proprietários, tem os que a gente consegue trabalhar... Porque pra fazer diagnóstico nós precisamos de exames e pra fazer exames nós precisamos da autorização do proprietário. Essa é a nossa maior dificuldade, fazer com que eles entendam que é necessário fazer todo o procedimento pra chegar em um diagnóstico, porque a gente só consegue trabalhar em cima disso, em cima de exames (Veterinária entrevistada II, 2015).

---

<sup>44</sup>Dispêndio mensal médio em saúde de animais de estimação: R\$23,43 nos domicílios com até 5 salários mínimos, aumentando para R\$45,43 na faixa de mais de 5 a 10 salários mínimos. A classe de rendimento mais alta é aquela que mais gastava com a saúde de seus animais de estimação: R\$ 53,83, em média. (PESSANHA & PORTILHO, 2008).



Infelizmente não há previsão de uma poupança para possíveis custos na saúde. Eu não vou ficar pensando “vou guardar um dinheiro porque se meu gato tiver um problema cardíaco...” ninguém pensa nisso, a gente não pensa isso pra gente, imagina pro cão!” (Veterinária entrevistada I, 2015).

Isso abre um novo nicho de mercado: os planos de saúde para animais de estimação, que são cada vez mais comuns e acessíveis – eles hoje podem ser comprados nos sites das Lojas Americanas, Submarino ou Shoptime, por exemplo. Uma matéria sobre o assunto afirma que normalmente “quem recorre ao plano de saúde são pessoas que passaram por um susto e tiveram gastos altos, compraram uma raça que tem mais propensão a problemas de saúde ou as pessoas precavidas por natureza”<sup>45</sup>. O hospital pesquisado mantém parceria com uma empresa que oferece vários serviços, dentre eles, planos de saúde para cães (planos bronze, prata, ouro e diamante, que custam inicialmente entre R\$65 e R\$189 mensais, valor em 2017) e gatos (entre R\$60 e R\$179 mensais, valor em 2017).

Em um site de economia, uma matéria sobre o “surpreendente” mercado pet que resiste à crise citava os planos de saúde para animais como uma das ofertas que mantinham o mercado aquecido:

Com os novos avanços, a medicina veterinária está mais cara. Por isso, o plano de saúde pet tem se tornado uma alternativa cada vez mais atraente para quem tem um bichinho de estimação. “Quando o animal adoecer, o dono apaixonado faz de tudo para salvá-lo. E os custos com internação e remédios podem chegar facilmente a 10 mil reais. Para a classe média, é um impacto no orçamento e faz sentido ter um plano”, diz Marcello Falco, diretor da Petplan, líder global em seguros de saúde para bichos<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> “Bichos têm planos de saúde com mensalidades que variam de R\$ 27,99 a R\$ 70”, Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/animal/bichos-tem-planos-de-saude-de-27-a-70-mensais/>>. Acesso em 04 ago. 2017.

<sup>46</sup> “Mercado pet cresce graças a mudanças no comportamento dos donos de animais de estimação”. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/carreira/mercado-pet-cresce-gracas-a-mudancas-no-comportamento-dos-donos-de-animais-de-estimacao/>>. Acesso em 20 ago. 2017.

Quem não tem o recurso do plano de saúde, acaba tendo que “escolher” o que fazer diante do animal doente. Há determinados tratamentos que poucos responsáveis estão dispostos a pagar. De acordo com uma veterinária entrevistada, o tratamento de canal é um deles. A maioria dos clientes acaba optando pela extração do dente atingido, e apenas “pessoas que se dispõem a buscar o que for possível no tratamento e no cuidado dos seus animais” optam pelo tratamento de canal. Ela também cita a oncologia como uma área caríssima, que muitos clientes não querem ou não podem pagar.

Segata traz um aspecto muitas vezes difícil de ser encarado pelos responsáveis por animais: o dinheiro permite, mas também limita a humanidade de cães e gatos.

A questão era – até onde pagar pela vida do animal (ou para ele não ser simplesmente um animal)? [...] É bom ter um animalzinho em casa, enquanto ele está bem, e cheio de saúde. Mas, é só ele ficar doente, que segundo ela [a veterinária entrevistada], logo partem para olhar algum outro, principalmente se o valor do tratamento for maior que o preço de um filhote (SEGATA *in* BEVILACQUA & VELDEN, 2016, p. 262)

É possível remeter-se aqui à uma privatização da ambivalência, de que fala Bauman (1999), privatização essa que incita o crescimento irrefreável da competência pública e de uma densa rede de especialistas públicos em resolver problemas privados. Nesse caso, o especialista não é só o médico veterinário, mas o psicólogo, o adestrador, e quem mais couber na noção de “autoridade social da competência especializada” (BAUMAN, 1999, p.223) que, segundo o autor, baseia-se em quatro premissas acerca dos indivíduos/clientes:

- 1 – Os indivíduos são autocontidos e fechados em si mesmos; são individualistas, mas não autossuficientes;
- 2 – Desconforto pessoal é condição remediável, portanto, não deve ser tolerada. Há remédio para isso e ele deve ser utilizado;
- 3 – Cada infelicidade tem sua causa, e o indivíduo – ou no caso do animal, o seu responsável – deve buscar o diagnóstico junto às autoridades;
- 4 – Cada caso de sofrimento tem uma cura. Entre as curas, há uma mais indicada – e quem sabe reconhecê-la é a autoridade em questão.

Parece cada vez mais evidente que estamos estendendo essa mediação da existência também para cães e gatos, especialmente quando se observa os investimentos na saúde mental animal. Durante a minha

estada na Universitat Rovira i Virgili, na disciplina de Antropología Y Salud Mental, com os professores Ángel Martínez-Hernández e Martín Correa, muitas das discussões que tivemos ali me estimularam a pensar as interconexões entre ciências sociais e ciências médicas, entre saúde mental humana e saúde mental animal.

A psiquiatria biomédica é uma ideologia científica. O conhecimento biomédico vem da tecnologia, e não do sujeito; do discurso médico, e não da narrativa do paciente – uma espécie de monólogo institucional. A verdade é que as teorias *psi* são interpretações, não “verdades” com critérios de objetificação como outras áreas médicas. Sabemos muito pouco sobre os sofrimentos e aflições psíquicas. Para a perspectiva biomédica, os aspectos sociais e culturais seriam secundários, pois o mais importante estaria dentro do corpo do paciente (mesmo que ele tente explicar que seja algo fora dele). Por isso mesmo, a antropologia e as demais ciências humanas podem trazer contribuições mais holísticas, que considerem o sujeito, suas vivências e seu contexto.

Quando se trata de *loucura*, muitas vezes o problema não está no louco, mas em quem está presumivelmente são. O louco não está vendo problema em sua loucura; ele incomoda quem o observa infringindo os códigos de convivência. Quem se incomoda é muitas vezes a família, que reproduz o discurso biomédico e decide o itinerário terapêutico. A partir desses saberes são (da instituição biomédica e da família), o paciente sofre uma dupla subalternidade, uma dupla desautorização de falar por si próprio<sup>47</sup>.

Isso tudo, pensando especificamente no caso do louco humano. E no caso da saúde mental do animal de estimação? Parece, nesse caso, haver uma *tripla* desautorização: o discurso biomédico hegemônico; a família que decide por um *incapaz*; e um paciente não-humano, por isso mesmo, essencialmente incapaz de falar por si próprio.

Segata (2012b), que acompanhou em sua etnografia o caso de uma cadela diagnosticada com depressão, denuncia o DSM<sup>48</sup> como imposição de uma depressão universalizada, tão universalizada que se prolonga aos pets. Ao constatar que o segmento dedicado à saúde dos animais tem se

---

<sup>47</sup>GAEDTKE, K. Antropología y Salud Mental - Ángel Martínez-Hernández e Martín Correa (profs.). Abril de 2016. 16f. Notas de aula. Manuscrito.

<sup>48</sup>Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais - 5ª edição ou DSM-5 é um manual diagnóstico e estatístico feito pela Associação Americana de Psiquiatria para definir como é feito o diagnóstico de transtornos mentais. (Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/DSM-5>>. Acesso em: 20 set. 2015.)

igualado ao dos humanos, questiona se o intuito é a minimização do sofrimento do animal ou algum tipo de conveniência para o dono/responsável humano. Para ele, “os equipamentos médicos, os diagnósticos e os tratamentos com fármacos parecem facilitar uma diplomacia entre as espécies” (SEGATA, 2012b, p. 197).

Tudo isso está ligado à institucionalização do cuidado de que fala Burke (2014). Uma institucionalização que acontece cada vez mais num local específico – pet shop, clínica, hospital – mas que não diz respeito exclusivamente a isso. O cuidado institucionalizado demonstra ser uma espécie de código de conduta que estende para o espaço privado, que define como deve ser esse cuidado, sempre profundamente vinculado ao discurso da responsabilização:

ela só viveu esse tempo porque eu cuidei, pelo porte, muito pequenininha, então eu cuidava, levava no veterinário, dava vacina, dava banho (Responsável pela Tininha, 2015).

eu vejo, observo, se come, se vomita, se não, tudo isso eu sei do meu cachorro, então você acompanha, pra mim um cachorro não é uma criança mas faz parte da família, está dentro da casa (Responsável pela Sofia, 2015).

Se o discurso da responsabilização já é forte quando se trata de prevenção, ele se agudiza em caso do adoecimento do animal. É algo que está presente na fala das entrevistadas e das médicas veterinárias, nos materiais publicitários e nas mídias e redes sociais. A institucionalização do corpo do animal também se acentua nesses momentos. Presenciei o fato de que alguns clientes do hospital optavam em deixar os animais adoentados na internação do hospital porque não estariam em casa durante o dia e não queriam deixá-los sozinhos.

Eu entendo que é difícil uma pessoa dar o melhor tratamento para um cachorro que já está doente, eu vejo pela Sofia, que passou por várias cirurgias, e eu lembro que a [veterinária] falava “se prepara que agora a Sofia vai vir com um coquetel”, e eu dizia que não tinha problema, e era radiografia, a gente fazia um esforço pra que pudesse fazer tudo. É aquela história, ou você abandona o animal “ah está com uma pata machucada e não anda; ah, pessoas também têm artrose”, ou você dá uma alternativa e

dá uma solução pra isso, esse cachorro só vai depender de você, ou você fecha os olhos e finge que o animal não está mancando, ou você tenta fazer o tratamento mais simples possível, ao menos um analgésico, enfim. Ou então não tenha um animal. Porque se é pra você não dar assistência, não cuidar, não tenha um animal (Responsável pela Sofia, 2015).

Ele sofria de convulsão. Ele tomava Gardenal® de 100 [mg], já tomava um outro remédio pra ajudar, acho que dois por dia, um de manhã e um à noite, e na hora certinha, e o Gardenal® não fazia efeito, ele continuava tendo convulsão, era assim. Aí tudo que falavam que piorava, às vezes ele via o pai e a mãe, ele ficava muito agitado, aí podia contar que à noite ele ia ter. Aí a gente proibiu ele de ver, de brincar, aí tudo o que falavam não ele ficar agitado, não deixa ele fazer isso e aquilo, a gente não deixava ele fazer pra não ter, mas ele tinha do mesmo jeito. Durante o dia, quando eu e meu marido trabalhávamos a minha mãe ficava lá, ou o filho do meu marido, então ele nunca ficava sozinho, até com a vizinha do condomínio a gente deixou chave pedindo pra olhar, porque ela tem cachorro, eu pensei assim: “vou pedir pra quem tem cachorro porque sabe como é o cuidado” (Responsável por Godofredo, 2015).

Depois de conhecer o caso de Godofredo, fui buscar mais informações na Internet e me surpreendi com o fato de que havia dezenas de sites e blogs que traziam informações e discussões a respeito de convulsões e epilepsia canina. Em um blog chamado Cachorros Especiais<sup>49</sup> – que trazia textos exclusivamente ligados a animais com alguma doença crônica ou deficiência – uma postagem sobre epilepsia canina teve 86 comentários, todos relatando casos de animais convulsivos. Os textos traziam em comum, além da aflição diante das situações de convulsão, dados sobre a medicação (quais medicamentos e dosagens) e uma relação muito intensa com o médico veterinário – ou os médicos, em muitos casos, pois buscavam mais de um profissional. O

---

<sup>49</sup> “Epilepsia canina”. Disponível em: <[http://cachorrosespeciais.blogspot.com.br/2009/07/epilepsia-canina\\_09.html](http://cachorrosespeciais.blogspot.com.br/2009/07/epilepsia-canina_09.html)>. Acesso em 19 ago. 2017.

ajuste de doses até encontrar a dosagem correta da medicação, a necessidade de internação eventual e acompanhamento em relação aos efeitos colaterais (especialmente hepáticos, no caso do Gardenal), faziam com que a figura do veterinário fosse ainda mais requerida e respeitada.

O respeito às determinações e sugestões do veterinário foi muito forte em boa parte da pesquisa de campo. *Fazer o que ele mandar* foi uma premissa recorrente, tanto nas entrevistas quanto nas observações. “Tudo o que [os veterinários] mandavam comprar a gente comprava, pra tentar amenizar a dor dele” (Responsável pelo Godofredo, 2015). De qualquer forma, há que se considerar que a relação entre o responsável pelo animal e o profissional veterinário é só mais um eixo das controvérsias que permeiam o cuidado interespecífico, visto que, de acordo com as falas das veterinárias entrevistadas e dos muitos relatos encontrados na literatura, a busca por soluções “caseiras”, a inadimplência e os questionamentos sobre os procedimentos e os valores apresentados pelos médicos ainda são constantes por parte dos responsáveis.

Laplantine (2016), em sua *Antropologia da Doença*, faz uma divisão metodológica interessante ao tratar da doença em obras da literatura; a doença na terceira pessoa (com o médico no centro da narrativa), na segunda pessoa (o doente como indivíduo distinto do narrador) e na primeira pessoa – o eu doente. Durante a leitura do livro de Laplantine, duas reflexões me surgiram: 1) não há possibilidade de termos as descrições de um animal doente em primeira pessoa; é sempre uma interpretação, alguém – humano - falando em seu nome. Os motivos da doença, os sintomas da doença, as dores e sofrimentos, a cura (ou não), são sempre descritos pelo humano, em terceira pessoa; 2) a doença – em primeira, segunda ou terceira pessoa – é uma das inevitabilidades de se estar vivo. É um escancaramento da animalidade que compartilhamos, todos nós, animais humanos ou não. Talvez daí as ambiguidades, a dificuldade em se lidar com a doença do animal que se ama.

A velhice é outro fato que remete inevitavelmente à animalidade, não só a dos não-humanos. O desejo de permanecer eternamente jovem não é exclusividade da sociedade atual, mas há características dos nossos tempos que mostram que essa questão ganha cada vez mais importância. Tal importância está ligada, de acordo com Martínez-Hernández (2009), à ilusão de autonomia do cidadão da modernidade que vem associada à centralidade dos corpos em nossa vida. O corpo já não é mais *meio*, e sim o *fim* em si. As promessas das tecnologias corporais incluem a prolongação artificial da juventude, numa relação direta com a felicidade:

É uma das características do novo individualismo a sua ênfase no corpo como agente hedonista e nas tecnologias como promessas de reversibilidade corporal (o fitness, a cirurgia plástica, o prolongamento artificial da juventude, etc.) e de felicidade (os cosméticos e os psicofármacos, entre outros). O corpo é agora uma dupla entidade fantasmagórica que é subjetivada (o corpo-consumidor) e objetivada (o corpo-mercadoria), e assim se sintoniza com a sociedade de consumo (MARTÍNEZ-HERNÁEZ, 2009, p. 224-5, tradução minha).

Não é fácil aceitar a velhice – seja a nossa, seja a daqueles que amamos (humanos ou animais). A velhice enfatiza as debilidades, fraquezas, feiuras e maus cheiros daquilo que é vivo, e que fenece (ELIAS, 2001; BEAUVOIR, 1990). Norbert Elias nos lembra que a forma como agimos em relação aos moribundos e a morte hoje não são inalteráveis nem acidentais: empurramos a agonia para longe do olhar dos vivos e para os bastidores da vida normal, em ambientes silenciosos, higienizados e profundamente solitários. O autor é categórico: “falhamos ao enfrentar os problemas dos moribundos nas sociedades desenvolvidas” (ELIAS, *op. cit.*, p. 102).

Sobre o envelhecimento dos animais das espécies caninas e felinas, Freitas, Rahal e Ciani (2006) retomam a bibliografia e levantam as principais consequências da senescência: em caninos, há tendência de aumento de lipídeo, colesterol e fosfolipídeo, resultando em obesidade, e doenças cardíacas. Em felinos, o aparelho respiratório torna-se mais vulnerável; também aumenta a frequência de diarreias ou constipações. O envelhecimento aumenta também a incidência de doenças nos testículos, ovários e mamas. Dentre os problemas comportamentais, os animais podem apresentar ansiedade por separação, agressão às pessoas e entre as espécies, vocalização excessiva, controle inadequado de necessidades fisiológicas, fobias a barulho, compulsão e dificuldade para dormir.

Os temores humanos diante do envelhecimento dos pets vêm sendo bastante explorados pela medicina veterinária e pelas indústrias farmacêuticas. A busca por mecanismos que prolonguem a vida do animal tanto quanto for possível é feita a partir da adoção de um *estilo de vida* específico, mudanças na rotina do animal, com exercícios físicos e cuidados com a alimentação e suplementação nutricional.

Em 2015, a divulgação de uma pesquisa da Universidade de Washington causou furor entre *petlovers* nas redes sociais: geneticistas

experimentavam em cachorros uma substância – a rapamicina - que havia prolongado a vida de ratos. A promessa era então que havia uma possibilidade de que cães de grande porte vivessem dois a três anos mais, e que os de pequeno porte vivessem até quatro anos ou mais. A substância também poderia ser usada em gatos. Uma das matérias que trazia a novidade iniciava o texto afirmando que “a vida dos cachorros é muito curta em relação à dos humanos e não é fácil lidar com a dor da despedida”<sup>50</sup>.

As indústrias farmacêuticas também têm enfatizado esse aspecto em suas mídias. O site da Elanco – uma divisão da gigante Lilly -, afirma que “a Elanco Saúde Animal está liderando a forma como a medicina lida com animais de estimação, ajudando veterinários a proporcionarem *vidas mais longas*, mais saudáveis e mais felizes aos animais de estimação (grifo meu)”<sup>51</sup>.

Nas conversas com médicas veterinárias, percebi que a formação acadêmica também vem estimulando essa busca na relação com os pacientes. Um trabalho de conclusão de curso na área, que enfatiza a importância do marketing na medicina veterinária, explicita isso:

os avanços da medicina não são privilégios dos humanos. Da mesma forma, a medicina veterinária vem se desenvolvendo com o intuito de promover uma *vida mais longa* e propiciar qualidade de vida ao animal de estimação. Toda essa variedade mostra a diversificação do mercado de produtos para animais de estimação, onde as empresas buscam atingir todas as classes de consumidores (ELIZEIRE, 2013, p. 41, grifo meu).

O envelhecimento é o processo de ir acostumando-se à inevitabilidade da morte, cada vez mais próxima. As estratégias para lidar com isso são várias. Uma delas pode ser a de já obter um outro animal, enquanto o velho ainda está vivo:

quando eu vi que a Tamis começou a ficar ruim assim, ficou velha e não sei o quê, eu passei a mão,

---

<sup>50</sup> “Novo medicamento poderá aumentar a expectativa de vida dos cães em até 5 anos”. Disponível em: <<http://portaldodog.com.br/cachorros/noticias/novo-medicamento-podera-aumentar-a-expectativa-de-vida-dos-caes-em-ate-5-anos/>>. Acesso em 27 jul. 2017.

<sup>51</sup> Disponível em: <[https://www.lilly.com.br/Sobre\\_a\\_Lilly/Elanco](https://www.lilly.com.br/Sobre_a_Lilly/Elanco)>. Acesso em 27 jul. 2017.



fui e comprei uma outra Cocker pra ela [mãe] igual a Tamis: “olha aqui, olha uma companheira pra Tamis”, então eu já fui mudando assim, mas é complicado porque a gente acaba..., o animal pra gente é parte da família. [...] Então minha mãe se apeçou em outro cachorro. Mas não consegue substituir, porque às vezes ela fala “ah, mas se a Tamis tivesse aqui”, e eu digo “mas mãe, ela tá, ela fez o papel, ela ficou aqui com a gente” (Veterinária entrevistada III, 2015).

Enquanto o animal está vivo, muitas vezes a relação se restringe à compaixão e ao cuidado, e já não há mais, necessariamente, o prazer da convivência: “Eu não curtia mais a Sofia, isso é que foi o pior. Na verdade eu só cuidava dela” (Responsável pela Sofia, 2015). Mas mais do que isso, no campo, algumas vezes, a noção de cuidado se mostrava confusa: um cuidado que vai entre saúde e doença e o envelhecimento do animal e o de si mesmo. Um medo da morte que está ligado ao medo de sua própria morte. Refleti sobre isso inúmeras vezes, e os registros estão no diário de campo do hospital:

Uma senhora de 79 anos traz sua cadela, Bambi, para cortar as unhas, fazer exames de rotina e averiguar algo que sua filha constatou: Bambi está com o olho esbranquiçado. [A responsável] diz que não havia percebido nada, mas se mostrou preocupada com a possibilidade de que o animal esteja doente, especialmente porque ela própria é diabética e já gasta muito dinheiro com a sua saúde. Me parece que sua fala vai da saúde da cadela à sua própria saúde, sem uma separação muito nítida. Me chama a atenção seu relato de ter trazido a cadela no colo, apesar da dor que sente por ter problema na coluna. Afirmou que a cadela não anda na rua de jeito algum – ainda que, quando está dentro de casa, não para um minuto. O dia está quente e ensolarado, e fico imaginando a cena daquela velha senhora carregando seu animal (que não é pequeno) no colo (Diário de campo, 17/8/2015).

## 2.4 A MORTE DOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO E A ANTROPOMORFIZAÇÃO

A morte do outro evocará sempre minha própria morte; ela testemunhará minha precariedade, ela me forçará a pensar os meus limites (RODRIGUES, 2006, p. 23)

Na época de escola, mais ou menos quando eu tinha uns quinze anos, li um livro paradidático chamado *A morte: uma abordagem sociocultural*, que basicamente apresentava diferentes concepções sobre a morte de acordo com o tempo e o espaço. Fiquei encantada com aquela diversidade cultural e com a possibilidade de estudá-las. Foi ali que decidi que iria ser cientista social. Já Fernando Savater, em *Perguntas de la vida*, afirma que numa noite, ainda criança, ao dar-se conta da onipresença da morte, percebeu que começava a fazer perguntas sobre a vida. E que provavelmente ali tenha iniciado sua trajetória como filósofo.

Pensar sobre a morte é algo que nos ronda desde sempre. E pensar a maneira como se lida com a morte desses que são tão mortais quanto nós, mostrou-se uma das chaves para compreender a relação entre humanos e animais de estimação. Nas maneiras como a sociedade contemporânea urbana vem tratando a morte dos animais de estimação está uma das maiores explicitações do processo de antropomorfização desses indivíduos. Quando relacionamos a forma como diferentes culturas encaram a morte e cuidam dos seus mortos humanos e a forma como os pets vêm sendo cuidados, é aí que está a principal chave para observarmos que os animais podem ter, nessa relação, o estatuto de humanos - ainda que este venha sempre acompanhado de controvérsias.

Mais do que isso, faz pensar na mão dupla dessa relação de mortalidade: humanos que sofrem com a perda dos seus animais; animais que sofrem com a perda de seus humanos; animais que ajudam seus humanos na perda de outros humanos, ou de outros animais, etc. As variações são muitas e levam a um ponto importante - compartilhar da iminência da morte aproxima as partes, como nos lembra Derrida:

Aí reside, como a maneira mais radical de pensar a finitude que compartilhamos com os animais, a mortalidade que pertence à finitude propriamente dita da vida, à experiência da compaixão, à possibilidade de compartilhar a possibilidade desse não-poder, a possibilidade dessa impossibilidade, a

angústia dessa vulnerabilidade e a vulnerabilidade dessa angústia (DERRIDA, 2011, p. 55).

De qualquer forma, novamente aqui é possível pensar que essa sensibilidade não é estendida a todas as espécies e a todos os indivíduos não-humanos. Como bem lembra Rodrigues (2006), nossa dor varia muito de acordo com quem morre:

A morte do rei, do chefe, do governante, ou de qualquer alto dignatário é normalmente seguida de intenso assombro, pois neles se resume toda a personalidade do social. A morte do rei anuncia, como nenhuma outra, a iminência do caos. A decadência de sua majestade se apresenta aos homens como catastrófica, deixando-os perplexos (RODRIGUES, 2006, p. 63).

No caso das relações interespecíficas, muitos autores (JOY, 2014, FRANCIONE, 2013, ADAMS, 2012) demonstram como o afeto, a sensibilidade e o luto variam, por exemplo, entre animais que se ama e animais que se come – “o porco é um animal que nasceu pra morrer” é uma frase que já ouvi muitas vezes, em diferentes contextos; há também os animais que *precisam* morrer, considerados pragas, como baratas ou camundongos. Há aqueles que *merecem* morrer, como um cão que machuca uma criança ou uma cobra que pica alguém.

E há os pets, cuja morte pode ser encarada de muitas maneiras. Há aqueles humanos que irão tratar a perda de uma forma mais prática e logo a superam. Mas essa morte pode também ser motivo de traumas (por exemplo, nos relatos de pessoas que decidiram não ter mais animais de estimação depois de sofrer com a morte de um deles) ou até mesmo de depressão que demande psicoterapia (OLIVEIRA, D., 2013). Claro está que há cães e gatos e há os pets: nem toda morte será experienciada da mesma forma. O luto dar-se-á pela morte do *meu* cachorro – e não do cachorro que morreu atropelado em frente à minha casa, por exemplo.

De qualquer forma, a relação entre uma nova sociabilidade humano-animal e a forma com que se trata a morte dos animais de estimação vem sendo apontada em vários trabalhos, por exemplo o de Lewgoy, Sordi e Pinto (2015):

Essa pessoalização dos animais pode ser percebida em sua “filhotização” [...], mais acentuada na exacerbação da maternagem, na extrema sensibilidade para com suas necessidades e

cuidados, na ampliação de especialidades veterinárias e “humanização” de seus cuidados, chegando-se ao ponto de se criarem instituições para lidar com a morte dos animais (LEWGOY, SORDI & PINTO, 2015, p. 79).

O *reverendo* Gary Kowalski é um escritor estadunidense que vem explorando essa questão em seus livros que tratam de “eco-espiritualidade, ciência e fé”. Ele publicou alguns títulos que tratam da alma e da espiritualidade dos animais<sup>52</sup>, com textos que se aproximam bastante de uma autoajuda para pessoas que passam pelo processo de luto pela morte de seus animais. O livro que nos interessa aqui, *Good bye friend: healing wisdom for anyone who has ever lost a pet*, já vendeu mais de cinquenta mil exemplares nos Estados Unidos, e vem sendo traduzido para outros idiomas. De acordo com a edição espanhola, ele “oferece consolo e conselhos práticos sobre como superar a dor e ao mesmo tempo render homenagem a aquele que foi fiel companheiro durante muito tempo” (KOWALSKI, 2008, tradução minha).

Para Kowalski (2008), a explicação para o forte sentimento de luto em relação aos pets está no distanciamento das realidades do campo e da cidade. Ele afirma que, por exemplo, a morte de um cordeiro logo após o nascimento, ainda que triste, faz parte da rotina das pessoas que vivem nas áreas rurais, que entendem que a morte é parte da vida. Para esse autor, é nas sociedades modernas, tecnológicas, que a morte de animais aparece como algo estranho e aterrador, por ser desconhecida em nosso entorno controlado e artificial: “para muitos de nós, que vivemos em cidades e bairros periféricos, um animal de estimação na família pode ser a ligação viva mais próxima que teremos com os ciclos da natureza” (KOWALSKI, 2008, p. 158, tradução minha).

Para propor uma reflexão que relacione famílias multiespécies, cuidados na morte e luto, um caminho encontrado foi o de revisitar certos autores da sociologia da saúde e doença, sociologia das emoções e sociologia da morte. Especialmente em relação a essas duas últimas subáreas da sociologia, Norbert Elias tem se mostrado uma referência fundamental. Em seu livro *A solidão dos moribundos* (ELIAS, 2001), o autor aponta certas características de nossa relação com a morte humana

---

<sup>52</sup> Na realidade, uma caminhada por uma feira de livros ou livraria nos permitirá perceber que inúmeros livros vêm sendo lançados com a temática dos pets: afeto, cuidados, educação, etc. Ainda que não seja possível dar conta de toda essa literatura, uma análise deste material seria algo muito válido para as discussões da área, e pretendo realiza-la posteriormente.

que podem tranquilamente ser reapropriadas para um modelo de interpretação para a morte de animais de estimação.

Ao falar do “problema social da morte”, Elias afirma que não só a morte efetiva representa um problema, mas também a morte gradual, representada pelo envelhecimento e pela doença (ELIAS, 2001, p. 8). Para ele, nas sociedades desenvolvidas, este passa a ser um problema cada vez maior – e mais velado –, pois as pessoas vivas não se identificam com a morte, e tentam afastar para longe essa evidência de nossa animalidade, esse aspecto animal de nossa existência (*idem*, p. 19). A repugnância em relação aos moribundos trata-se, para Elias, de um problema parcial, um aspecto de um problema geral do processo de civilização.

É possível então, a partir disso, relacionar esse rechaço a um aspecto animal de nossa existência e a ampliação dos cuidados no processo de morte dos animais queridos (que já não queremos mais pensar como simples animais, e sim humanos como nós) como resultantes dos mesmos fenômenos do processo civilizatório?

Elias é enfático ao afirmar que o controle das emoções faz parte do processo civilizatório, e isso envolve nossa relação com a morte. A forma como lidamos com a morte é aprendida (*idem*, p. 11). Assim como são aprendidas, também, muitas das repugnâncias e vergonhas, mas também das afeições.

Philippe Ariès (2012) é outro autor que oferece interessantes contribuições para se pensar a morte. Ainda que sua obra sofra críticas por parte de Norbert Elias<sup>53</sup>, há alguns pontos levantados por Ariès que são importantes nesta reflexão: a manipulação dos mortos vai se tornando uma profissão – bastante rentável – nas cidades em desenvolvimento da Europa do século XIX. Começa a consolidar-se uma indústria da morte. Mas isso não tem nada de mórbido:

Não se vende bem o que não tem valor por ser demasiado familiar e comum, nem o que provoca medo, horror ou sofrimento. Para vender a morte, é preciso torná-la atraente, mas pode-se admitir que os *funeral directors* [...] não teriam obtido sucesso sem uma certa cumplicidade da opinião pública. Apresentam-se não como meros vendedores de serviço, mas como *doctors of grief*, que têm uma

---

<sup>53</sup>“Ariès entende a história puramente como descrição. Acumula imagens e mais imagens e assim, em amplas pinceladas, mostra a mudança total. Isso é bom e estimulante, mas não explica nada. A seleção de fatos de Ariès se baseia numa opinião preconcebida.” (ELIAS, 2001, p. 19)

missão, assim como os médicos e os padres. (ARIÈS, 2012, p. 94)

Segundo Ariès, a *american way of death* tem se difundido na atualidade:

Os *funeral directors*, ameaçados em seus interesses pela agitação da opinião pública no sentido de uma simplificação dos funerais, protegem-se com opiniões de psicólogo, segundo os quais funerais lindos e floridos afastam a tristeza e a substituem por uma doce serenidade. A indústria das pompas fúnebres e dos cemitérios (que são privados, salvo as “fossas dos pobres”) tem uma função moral e social: suaviza (*softness*) a saudade dos sobreviventes, e dispõe os monumentos e os jardins da morte para a felicidade dos vivos. (ARIÈS, 2012, p. 250)

Entrevistei um *funeral diretor* especializado em pets – muito próximo da descrição que faz Ariès. Um empresário do ramo de crematórios para animais que fez questão de me mostrar, com planilhas e apresentações em *power point*, sua trajetória visionária de perceber o nicho de mercado presente na morte de animais de estimação. Disse que em 2009, após ler uma reportagem na Revista Veja sobre o aumento do consumo relacionado ao universo pet, realizou uma pesquisa de mercado e decidiu investir no setor, com um investimento, segundo ele, de aproximadamente um milhão de reais.

O crematório atualmente oferece cremação individual ou coletiva, sala cerimonial de despedida (onde ocorrem velórios), cinerário, serviços como taxidermia, coleta do animal e posterior devolução das cinzas, planos preventivos, e produtos como urnas, *claypalm*<sup>54</sup> e escapulários. No site da empresa, há uma aba chamada “cantinho dos anjinhos”, em que os clientes podem deixar homenagens aos animais cremados, com frases e fotos – o que foi tratado por algumas informantes como *lápide virtual*.

---

<sup>54</sup> De acordo com o site da empresa, trata-se de uma “patinha para registrar em uma massa importada a digital do pet - item que as famílias gostam muito por compor as lembranças que podem manter” (Disponível em: <<http://petceu.com.br/>>. Acesso em 15 ago. 2017.). Nas entrevistas com as responsáveis, o objeto foi citado com apreço, e afirmaram que ele faz parte do espaço onde guardam as memórias do animal.

Para ele, a cremação de animais no Brasil ainda é muito desconhecida, então é preciso desenvolver essa cultura nas pessoas, não só como ação individual, mas também como uma mudança de postura da sociedade. O *petshismo* é forte em seu discurso quando faz uma relação direta entre o afeto que se tem em relação ao animal quando este está vivo e o destino que se dá ao seu corpo:

Acupuntura, *spa* para animais, acomodações e pacotes de viagem, cantinhos pets em restaurantes, festas de aniversário, etc., e é aí que entra o cerimonial, a cremação, a memorização póstuma, porque você tem a coisa da qualidade de vida. E daí eu tirei uma sacada: eu nunca vou falar do óbito. Eu vou falar de todos os cuidados, porque quem ama destina corretamente. Eu lembro do animal vivo, que é pra pessoa pensar que o cuidado que ela teve com o animal precisa continuar agora que ele se foi (Empresário – crematório de animais, 2015).

A institucionalização da morte dos animais das famílias interespecíficas amplia as possibilidades de que o corpo seja cremado, isso porque há uma parceria entre crematórios e hospitais e clínicas, que apresentam essa possibilidade ao cliente. Ainda que médicos e recepcionistas deixem o cliente a vontade para realizar suas escolhas, parece-me que não é exclusividade do hospital onde estive que haja um certo sugestcionamento à cremação. Isso pode ocorrer tanto porque o profissional veterinário realmente considere a melhor destinação, quanto pelos benefícios que a parceria possa trazer ao profissional ou à empresa em que atua. De fato, o médico veterinário parece ter uma enorme influência nessa tomada de decisão – tanto quanto nos procedimentos tomados enquanto o animal ainda está vivo, conforme discutido anteriormente.

A minha relação com os hospitais e clínicas é de extremo profissionalismo, até porque, se for diferente, o meu negócio vai falir. Ao contrário do que as pessoas pensam, os animais morrem nas clínicas; nos hospitais e nas clínicas. Não é mais aquilo “ah, o animal morre em casa ou morre atropelado”. Ele morre na mão do veterinário. Então esse cara precisa ser meu parceiro (Empresário – crematório de animais, 2015).

Na pesquisa de Chur-Hansen *et al.* (2011), realizada na Austrália, a partir de entrevistas com prestadores de serviço de cremação e indivíduos que tiveram seus animais de companhia cremados, cinco aspectos foram apontados pelos informantes para buscar traçar um perfil de quem utiliza este serviço: Os clientes afirmaram estar fazendo algo muito comum; disseram pensar que todas as pessoas usam os serviços de cremação para animais de companhia, ou ao menos as pessoas que consideram os animais de companhia como um membro da família, como uma criança. Também pessoas que querem memoriais ou outro tipo de recordação física de seus animais, pessoas profundamente enlutadas e/ou que procuram compaixão e apoio social.

O crematório para animais que visitei coloca como missão

oferecer aos proprietários de animais de companhia (pets) uma destinação digna, respeitosa e carinhosa no momento em que eles partem da nossa vida. Neste sentido, entendemos que nossa prestação de serviços proporciona aos proprietários de pets um conforto emocional muito importante na hora desta destinação, pois uma *despedida respeitosa* (inclusive no sentido ecológico) para esse ente tão amado que fez parte da família, tras (*sic*) ao coração e mente das pessoas que estão fragilizadas nestes momentos, a *certeza de uma atitude correta que demonstra a nossa fidelidade* para com aquele(a) amigo(a) que foi tão fiel e importante na nossa vida. *Quem trata de seus bichinhos de estimação como parte da família sabe* da importância deste último gesto de carinho (site de crematório de animais, grifos meus)<sup>55</sup>.

A defesa da cremação, como se vê, apoia-se muito no discurso da dignidade. Mesmo que seja cremado coletivamente – um processo muito menos caro, mas que não dá ao cliente as cinzas de seu animal – há um certificado de cremação que leva o nome do animal, muitas vezes com o sobrenome da família. Também foram apresentadas justificativas ambientais e morais, como a de não querer que o animal vá para uma vala comum ou para outro destino incerto.

Nos casos acompanhados na pesquisa, a questão da ritualística aparece muito fortemente: há celebração, cremação individual, urna com as cinzas, registro da pata do animal em gesso, etc. A destinação das

---

<sup>55</sup>Disponível em: <<http://petceu.com.br/petceu/>>. Acesso em 15 ago. 2017..



cinzas apresenta-se como um momento cheio de simbologia. Há quem deixe as cinzas num altar – com fotos, velas, imagem de São Francisco; há quem as jogue no jardim onde o animal costumava brincar; uma das entrevistadas as enterrou com pertences do animal e, em cima, plantou uma cerejeira. Outra informante crê que agora a sua companheira desabrocha nas rosas:

Na quarta-feira veio a urna com ela, colocaram numa urna de cachorrinho e como eu gosto muito de planta, de flor, quando cheguei em casa falei para as rosas: “cada botão que der é a Tina desabrochando”, então quando eu chego em casa e tem uma botão eu já fico chorando, até hoje! Eu joguei em todos os vasinhos de rosas as cinzas dela (Responsável pela Tininha, 2015).

Os rituais oferecidos pela indústria pet quando da morte do animal não se restringem à cremação. Quando visitei a *Pet South America*, um expositor de caixões para animais – de vários portes, desde os pequenos, para pássaros ou pequenos roedores, até os destinados a cães de grande porte – comentou que era da terceira geração de uma família que fabricava urnas funerárias, para humanos. Ele começou a fazer caixões para animais, a pedidos, no início dos anos 2000, e logo em seguida passou a fabricar exclusivamente urnas para animais. “As pessoas vivem cada vez mais tempo, mas têm cada vez mais animais. Então pra gente vale a pena”, afirmou. Para Fuchs (1987, *apud* OLIVEIRA, 2013), ter o animal enterrado é a possibilidade que o enlutado tem de mantê-lo em um lugar acessível: “É um dos comportamentos mais importantes para se ver a humanização do animal, pois ao animal é outorgado um ritual que em nossa cultura é reservado ao homem” (FUCHS, 1987, *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 64)

No caso dos cemitérios para animais, a justificativa ambiental é tão presente quanto no caso da cremação. O site de um cemitério de animais, inaugurado em 2015, traz em sua página inicial o destaque para o fato de ser “o primeiro cemitério 100% licenciado de Santa Catarina”, remetendo-se à licença ambiental concedida pela FATMA e FUNDEMA. Mas as noções de dignidade, cuidado e afeto também são apresentadas:

Oferecemos uma estrutura completa, que preserva *todo cuidado que você sempre teve* com seu pet, atendemos diversas espécies (aves, cães, gatos, peixes, roedores, répteis e quelônios). Área verde

de 27.000 m<sup>2</sup> com paisagismo planejado e uma agradável ambientação. *Um lugar onde seu amigo adoraria descansar.* [...] Acomoda num único local áreas de lazer, meditação e descanso, capela ecumênica, um espaço para se despedir de seu amigo. O local que  *você precisava para demonstrar todo amor e carinho* pelo seu animal de estimação (Site de cemitério de animais, grifos meus)<sup>56</sup>.

As ritualísticas envolvendo a morte de *pets* são, como dito anteriormente, exemplares do processo de antropomorfização desses animais, visto que são cada vez mais próximas daquelas seguidas na morte de humanos:

Apesar da diversidade dessas técnicas, elas não deixam de apresentar uma certa similitude, constatável em toda parte, através do mundo e através da história. Parece que em todas as sociedades, ou quase todas, o ato de morrer – talvez o mais íntimo da existência humana – é transformado em uma ocasião pública. Há quase sempre uma manifestação de tristeza, mais ou menos real, mais ou menos convencional. O cadáver é quase sempre considerado perigoso, às vezes repugnante. Há sempre ritos que cumprem a missão de preparar o morto para sua viagem em direção ao outro mundo (RODRIGUES, 2006, p. 57).

Assim como muda a relação com o corpo já sem vida, as transformações se dão no próprio processo de morrer. Ariès nos lembra que já há algum tempo que os humanos não morrem mais em casa em meio aos seus, e sim no hospital, muitas vezes sozinhos.

A morte no hospital não é mais ocasião de uma cerimônia ritualística. [...] A morte é um fenômeno técnico causado pela parada dos cuidados, ou seja, de maneira mais ou menos declarada, por decisão do médico e da equipe hospitalar. Inclusive, na maioria dos casos, há muito o moribundo perdeu a

---

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://www.descansodoamigo.com.br>>. Acesso em 15 ago. 2017.

consciência. A morte foi dividida, parcelada numa série de pequenas etapas dentre as quais, definitivamente, não se sabe qual a verdadeira morte, aquela em que se perdeu a consciência ou aquela em que se perdeu a respiração... (ARIÈS, 2012, p. 86).

Isto passa a ser rotineiro também entre os pets. A institucionalização/hospitalização da morte animal foi recorrente em minha pesquisa de campo<sup>57</sup>. Uma das veterinárias, ao falar de um caso com uma paciente, buscou explicar a complexidade do morrer em casa:

teve uma época que eles quiseram levar ela pra casa, pra morrer em casa, falei “não, não façam isso. Porque vocês não vão conseguir tirar isso da cabeça de vocês e é muito sofrido”, quem já viu um animal morrendo, um animal parando e não conseguindo respirar e ficando roxo e todo esse processo é horrível, ainda mais quando é o teu animal. Eu falei pra eles “eu não vou deixar vocês tirarem ela daqui, eu acho que é negligência médica minha permitir que vocês façam isso, porque depois de acontecido a gente não vai conseguir apagar o trauma e a minha consciência não vai ficar tranquila se vocês a levarem e ela morrer em casa” (Médica Veterinária I, 2015)

Outra veterinária justifica a morte hospitalizada pelo conforto possível:

A gente tenta fazer morrer sem dor. A gente tenta amenizar, porque é como, por exemplo, morrer de angústia respiratória, deve ser uma das piores dores, você tentar respirar e não conseguir, até você se engasgar já é horrível, então imagine você tentando respirar e o ar não vem, pelo menos ali a gente tá tentando, com o oxigênio, entuba e tenta,

---

<sup>57</sup> Obviamente pelo recorte estabelecido. Certamente os resultados seriam outro caso estivéssemos tratando da morte de animais em uma comunidade rural, por exemplo, visto que o processo de urbanização é apontado por muitos autores como o grande transformador na relação entre humanos e animais de companhia (ver Thomas, 2010).

então a gente dá aquela morte mais tranquila (Veterinária entrevistada III, 2015).

Quando se busca mais diretamente a literatura sobre a morte dos animais de estimação, percebe-se que o conjunto de estudos aumenta, mas ainda é incipiente. De acordo com Chur-Hansen *et al.* (2011), já há uma literatura considerável que conclui que muitas pessoas têm seus animais como membros da família (especialmente como filhos), ou como substitutos humanos. Mas ainda há pouca atenção para a experiência de luto vivida quando estes animais morrem.

Ainda assim, indubitavelmente, um aspecto que toma atenção na bibliografia específica sobre a morte de animais de estimação - e que surgiu com muita frequência na pesquisa de campo - é a eutanásia. Pulz *et al.* (2014) alertam para os impactos psicológicos da eutanásia animal em médicos veterinários e estudantes do curso de Medicina Veterinária. Segundo os autores, a incidência de depressão entre acadêmicos da área é bem maior do que entre os da medicina humana - e, para os autores, isso estaria relacionado ao contato com a prática da eutanásia.

Em um estudo nas escolas norte-americanas de formação de médicos veterinários, Dickinson, Roof e Roof (2010) identificaram uma média de 14,64 horas de atividades acadêmicas sobre o fim da vida, tratando especialmente da eutanásia e de como comunicar a morte do animal aos responsáveis humanos. Essa média estaria próxima à da formação em Medicina ou Enfermagem. De acordo com os autores, é importante que estes temas sejam inseridos desde o início da formação, em atividades tanto teóricas quanto clínicas.

No Brasil, Lesnau e Santos (2013) apontam as fragilidades da formação veterinária, que, com a rápida expansão de oferta de cursos ocorrida nos últimos anos, sem que tenha sido necessariamente acompanhada e fiscalizada, apresenta ainda uma perspectiva tecnicista e pouco preocupada com a preparação psicológica e emocional dos futuros veterinários, especialmente para lidar com as situações de luto com que irão se deparar. Para estes autores, o que há é uma verdadeira fuga do tema *morte* nas faculdades de Medicina Veterinária brasileiras.

Na pesquisa de campo, todas as veterinárias entrevistadas foram taxativas ao afirmar que não se sentiram preparadas ao fim do curso universitário<sup>58</sup> para lidar com a morte do animal ou em como tratar o humano responsável nesse momento - segundo elas, somente em situação

---

<sup>58</sup> Vale destacar que todas estudaram na mesma universidade privada, em Curitiba - PR.

de estágio é que obtiveram mais segurança para agir nessas situações. De todo modo, para Oliveira, D. (2013), o médico veterinário deve ser responsável por acompanhar os casos de óbito não só com um olhar para o animal, mas também para o humano enlutado. E, enquanto um profissional de saúde, analisar se é necessário propor encaminhamento para tratamento psicoterápico para esse indivíduo.

Para além da formação do profissional, de modo geral, por mais que esteja regulamentada, a eutanásia ainda se mostra envolta em controvérsias e sentimentos ambivalentes. Há um discurso recorrente entre os veterinários, que afirmam utilizar a eutanásia como último recurso (AGOSTINHO & LEGA, 2009). Por outro lado, muitas vezes, a eutanásia é solicitada ao médico veterinário pelo proprietário, por conveniência pessoal, razões de ordem econômica, comportamento indesejável ou, ainda, abandono (SPINOSA *et al.*, 2002). Mas é também uma tomada de decisão envolta em culpas, pesares de um “e se...” que parece acompanhar muitos dos responsáveis por animais (COHEN, 2015; OLIVEIRA, D., 2013).

Conforme já citado anteriormente, esse foi um ponto bastante presente no campo. Dentre todas as pessoas contatadas, é unânime uma predileção pela morte natural à eutanásia – ainda que o animal possa sofrer um pouco mais em caso de morte natural, o peso de ter autorizado o procedimento de eutanásia parece ser demasiado para a maioria das pessoas. Há uma relação com aspectos espirituais, de crer que cada um tem a sua hora – algo que se passa também com as tentativas de reanimação, que muitas pessoas preferem não fazer. “Depois que ela ganhou alta o médico ainda queria fazer eutanásia e foi outra crise, falei ‘não vou fazer, eu sei que ela vai morrer, mas ela vai morrer naturalmente’” (Responsável pela Tininha, 2015).

Eu nem mexi nas coisas dela por mais de dois meses, agora que estou começando a mexer de novo, a manta em que eu levei ela na clínica, sabe essas coisas assim? Eu não sei se você tem animais, não sei se você já autorizou uma eutanásia alguma vez. Eu nunca tinha feito, é uma coisa assim, porque eu estava sozinha, o meu marido viaja, então eu tive que decidir sozinha! [...] Eu sei que é a coisa mais burocrática, é o formalismo mesmo. Mas é difícil porque a gente fica com isso na cabeça “e se tivesse insistido, e se tivesse feito outra coisa...” mas o que eu pude, eu lembro que a [veterinária] falou “o que você podia ter feito você

fez” (chora). Então não foi negligência (Responsável pela Sofia, 2015).

Eu disse “não quero optar pela eutanásia, não me ligue pedindo pra fazer eutanásia no meu cachorro”. E isso me doeu, porque muitas vezes a gente faz isso, e leva isso para o proprietário, de que não é possível fazer mais nada, então pergunta se eles autorizam a eutanásia ou não, e eu não queria isso, eu chegava em casa e pensava “tomara que eles não me liguem me pedindo autorização pra fazer uma eutanásia porque eu não vou deixar fazer!”, e foi bom que ela acabou morrendo sem eu ter que optar por isso. (Médica Veterinária III, 2015)

A dificuldade dos médicos veterinários em lidar com a possibilidade de eutanásia em seus próprios animais parece estar relacionada com os dilemas de realizar a eutanásia enquanto profissional – a eutanásia seria “o meu fracasso na mesa” (Médica Veterinária I, 2015):

uma coisa que eu uso pra indicar a eutanásia é: se fosse o meu animal, o que eu faria? Eu ainda tentaria mais um pouco? Eu faria eutanásia? Então o que acontece, o que eu falei pra eles foi o seguinte “Se fosse meu animal, eu faria eutanásia. Eu sei que dói, eu sei que é difícil, mas eu faria” (Médica Veterinária I, 2015).

E independente da morte ter sido decidida ou apresentar-se inesperadamente, a questão do luto é corriqueira: se o animal faz parte da família, é considerado um filho, a sua perda irá gerar um sofrimento semelhante à perda de um familiar, e os cuidados com o corpo (e com a alma) do defunto recebem cada vez mais atenção (SEGATA, 2014). Além disso, o próprio uso do termo *defunto* poderia ser um problema, pois a questão da linguagem vem tendo cada vez mais importância nesse contexto: ainda segundo Segata (*op. cit.*), há uma preocupação com as terminologias – fala-se em cremação, e não incineração; em eutanásia, e

não sacrifício<sup>59</sup>. Isso se reforça em vários momentos nas entrevistas: quando o proprietário do crematório diz que não fala em óbito, fala em destino adequado, e no site do crematório os animais são chamados de amiguinhos ou anjinhos; quando uma veterinária me lembra que não se pode falar para o responsável que o animal morreu, mas sim que ele deixou de sofrer, que descansou, ou não resistiu. E quando se passa a tratar dos trâmites com o corpo, outra veterinária aponta-me que descartar não é uma boa palavra, e que ela prefere perguntar o que os responsáveis pretendem fazer com o *corpinho*. Os diminutivos, decididamente, estão presentes nas relações com os pets e seus responsáveis.

Parece existir aqui uma aproximação com aquilo que aponta Ariès sobre a palavra morte:

durante o último terço do século [XVIII] um fenômeno enorme se produziu, que apenas se começa a perceber: a morte, esta companheira familiar, desapareceu da linguagem, seu nome tornou-se interdito. No lugar das palavras e dos signos que nossos ancestrais haviam multiplicado, difundiu-se uma angústia difusa e anônima. [...] Na vida cotidiana, a morte, outrora tão loquaz, tão frequentemente representada, perdeu toda positividade, não é senão o contrário ou o inverso do que realmente é visto, conhecido e falado. (ARIÈS, 2012, p. 251)

Já os rituais ligados ao luto demonstram seguir aquilo que uma informante traçou como “processo de luto”, que para ela é igual, seja na morte de humanos ou de animais:

primeiro a gente sente uma dor profunda, como um choque; depois, quando cai a ficha, fica um vazio, e fica por muito tempo. Depois é que vem a terceira fase, que é quando ficam as boas lembranças. A gente sempre vai sentir falta, porque eles são insubstituíveis, mas as lembranças já não doem (Médica Veterinária II, 2015).

---

<sup>59</sup>Esse cuidado com as terminologias se dá, também, nos diagnósticos da medicina veterinária: fala-se em gravidez, e não mais em prenhez das gatas e cadelas de estimação (SEGATA, 2012b)

A dificuldade em lidar com os objetos do animal logo após a perda é presente na grande maioria das falas. Cama, roupinhas, brinquedos e potes de ração passam a ser lembranças dolorosas logo após a morte<sup>60</sup>. Fotos e vídeos passam, em um segundo momento, a ser uma recordação boa:

Porque sempre que eu lembro eu choro. Toda noite eu fico vendo vídeo dele antes de dormir, tudo, desde pequenininho. E ele era o meu neném. A gente ficava de conchinha, deitava no chão e tinha que deitar com ele se não ele não ficava (Responsável pelo Godofredo, 2015).

Até mesmo as entrevistas não foram momentos fáceis. As três responsáveis que se dispuseram a conversar comigo choraram, mas todas decidiram continuar a falar, ainda assim. E me disseram que é muito difícil falar dos animais sem chorar. O luto pela morte desses animais é algo presente no cotidiano dessas pessoas, e não parece desvinculado do luto que sofreram ou sofrem por membros humanos de suas famílias.

As histórias, inclusive, surgem às vezes entrecortadas, especialmente relacionando com a morte de pai ou mãe. Isso a princípio me surpreendeu, porque como as minhas hipóteses estavam sempre muito concentradas na figura do animal como filho, isso me soou um tanto estranho. Depois, fui entendendo que era mais acertado falar que os animais são tratados como filhos, mas sua morte é sentida num sentido muito próximo à morte dos pais – porque é essa perda que as pessoas com quem tive contato já conhecem. A responsável por Godofredo me disse crer que ele e seu pai são agora duas estrelinhas que ficam juntas no céu. Assim como a responsável por Tininha, para quem sua mãe era agora a cuidadora da cachorrinha no céu. E a responsável por Sofia, que perdeu o pai há pouco tempo, disse se sentir um pouco constrangida por entristecer-se mais pela perda da cachorra do que pelo seu pai.

Oliveira, D. (2013, p. 60) retoma, em trabalhos na área da psicologia e psiquiatria, vários exemplos de como o luto pela morte de um animal pode ser simbólico de outros processos de luto, principalmente pela perda dos pais, ou se o animal foi doado ou herdado de algum ente falecido, o que “não quer dizer que o pesar pela morte do animal não seja autêntico, por ter conexão com luto anterior”.

---

<sup>60</sup> Esse aspecto foi identificado também por OLIVEIRA, D. (2013).



O tom de sacralidade dado ao animal também há que se destacar em duas situações: para a responsável por Tininha, a cachorra reconhecia a figura de Jesus Cristo, e agora irá voltar no corpo de outro animal.

Antes de dormir eu falava “você não vai jogar beijo pro papai do céu, Tininha?”. Ela olhava pro quadro [de Jesus Cristo] e às vezes ela jogava beijo, e como ela jogava beijo? Ela olhava pro quadro e lambia o nariz, mas às vezes ela não mandava beijo, ela olhava pro quadro e virava a cara. E ela sabia que era papai do céu (responsável pela Tininha, 2015).

Já Godofredo, de acordo com sua responsável - que estava grávida quando me concedeu a entrevista - foi quem lhe trouxe seu filho, como um presente. Estes relatos mostram uma forte proximidade entre a ideia de morte humana e de morte dos animais da família<sup>61</sup>, talvez pondo em xeque aquela que Morin (1999) apontou como a grande ruptura entre humanos e animais – os mitos e ritos que envolvem a morte -, e colocando-se como um elemento que deve ser considerado nas reflexões sobre humanidade e animalidade.

O luto também está, cada vez mais, nas mídias e redes sociais. A perda de animais de estimação é notícia em portais específicos de pets, principalmente quando morrem animais de *celebridades*: o labrador Marley, da apresentadora e ativista Luísa Mell, foi lembrado em pelo menos dez sites e blogs, quando faleceu, em julho de 2017<sup>62</sup>. Centenas de comentários nas matérias e em sua página no facebook se sensibilizavam com a apresentadora. Isso também ocorreu quando celebridades como Ana Hickman, Angélica e Miley Cyrus perderam seus cachorros. Pesquisando sobre isso, uma série de matérias me chamou a atenção:

---

<sup>61</sup> Aqui é preciso enfatizar o que a literatura sobre a relação humanos-animais já apresenta com bastante qualidade e profundidade: o sentido que a morte dos animais membros da família vem ganhando na sociedade contemporânea é geralmente diametralmente oposto ao dado aos animais de produção funcional (alimentação, vestimentas, experimentações, entretenimento, etc.). Para acompanhar essas discussões: Francione, 2013; Joy, 2014; Segata, 2014; Albermaz, 2014; Campelo de Lira, 2014.

<sup>62</sup> *No alto de seus 15 anos, Marley, cachorro de Luísa Mell, falece neste sábado*, Disponível em: <<http://portaldodog.com.br/cachorros/celebridades/no-alto-de-seus-15-anos-marley-cachorro-de-luisa-mell-falece-neste-sabado-15/>>. Acesso em 27 jul. 2017.

referiam-se à uma cantora, Demi Lovato, que pedia privacidade após a morte de seu animal. De acordo com um dos sites, ela “deixou uma mensagem emocionada em sua rede social sobre a morte de seu cachorrinho Buddy. Ela, tão presente nas redes sociais, precisou dar uma ‘sumida’ por alguns dias para se recuperar do falecimento de seu companheiro de muitos anos” e pediu privacidade aos fãs durante o luto.<sup>63</sup>

A exposição da relação de afeto com um *pet* na Internet, contudo, não é exclusividade de pessoas famosas. É cada vez mais comum deparar-se com postagens pessoais que tratem do amor por um animal, e inclusive perfis criados exclusivamente para animais em redes como facebook e instagram, por exemplo.

Figuras 3 e 4



<sup>63</sup> *Demi Lovato pede privacidade após morte de cachorro*, Disponível em: <<http://br.blastingnews.com/tv-famosos/2015/07/demi-lovato-pede-privacidade-apos-morte-de-cachorro-00496011.html>>. Acesso em 27 jul. 2017.



Nessas e em outras redes sociais, é possível encontrar grupos de apoio mútuo no luto pela perda de um animal. No facebook, um exemplo é o grupo público intitulado *Meu Filhote Partiu*<sup>64</sup>, que reúne 121 membros. A descrição do grupo é: “Ajudem uns aos outros a aceitar a falta que seu animalzinho faz, conte e compartilhe sua dor, poste fotos, opinião, história. Ajude seu amigo, seu parente!”. Basicamente, os membros postam fotos e textos expondo seu sofrimento diante da perda de seu pet e outros membros os consolam. Com menos frequência, são postadas matérias e frases motivacionais gerais, geralmente relacionadas à lealdade e amor incondicional dos animais. A grande maioria de postagens e comentários são de mulheres; as fotos são dos animais vivos, sozinhos ou com os humanos, brincando ou deitados. Observei apenas uma postagem cuja foto é a do animal sendo velado. Na foto, uma mulher segura a cabeça do animal, que se encontra enrolado em uma coberta, dentro de uma urna. Há velas acesas no local.

O uso da Internet no processo de luto pela perda dos pets pode ser observado também nos cemitérios virtuais, que são sites específicos em que os responsáveis por animais mantem recordações de seus animais

<sup>64</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/488865827947253/>>. Acesso em 27 jul. 2017.

com fotos e textos<sup>65</sup>. O primeiro cemitério virtual – Virtual Pet Cemetery - foi criado em 1994, nos Estados Unidos. Sua página inicial traz a seguinte afirmação:

Nós consideramos que os animais de estimação são membros da família, e quando perdemos um animal de estimação, pode ser tão doloroso quanto perder um parente ou amigo querido. Colocar um epitáfio no site não é apenas terapêutico, mas é uma forma de ajudar os outros. Muitas pessoas, incluindo crianças, retornam ao Cemitério Virtual de Animais de Estimação todos os anos para ler esses epitáfios e obter perspectivas sobre suas vidas (Site de cemitério virtual de animais, tradução minha)<sup>66</sup>.

De qualquer forma, é importante lembrar que as redes sociais permitem também que pessoas insatisfeitas com produtos e serviços exponham seus sentimentos – e ganhem muito apoio. Ao longo deste tempo de pesquisa, acompanhei inúmeros casos, especialmente no facebook, de postagens denunciando maus-tratos ou negligências em pet shops, clínicas e hospitais. Muitas das postagens eram feitas por pessoas cujos animais haviam morrido, ou apresentavam piora no quadro. Os textos, invariavelmente, mostram indignação diante de uma suposta má conduta dos profissionais ao lidar com um ser que não pode se defender. Essas postagens apresentavam níveis de publicização bastante altos, com muitos compartilhamentos e comentários, geralmente apoiando o indivíduo que realizou a postagem. É comum também que os comentaristas se remetam às suas próprias experiências de perdas de animais.

Passou a ser corriqueiro que colegas e amigos me enviassem os *links* para que eu acompanhasse essas discussões. Ainda que não tenha sido o foco principal desta tese, o tema certamente merece atenção, e pretendo retomá-lo em trabalhos posteriores, especialmente porque esse fenômeno é mais um demonstrativo das ambivalências presentes nessa relação interespecífica. Pois a internet, ao mesmo tempo que permite que

---

<sup>65</sup> Algo muito próximo a isso vem sendo feito também nos sites de crematórios e cemitérios de animais, tal como citado anteriormente em relação ao crematório pesquisado.

<sup>66</sup>Disponível em: <<http://www.virtualpetcemetery.org/pet/index.html>>. Acesso em 15 ago. 2017.

se faça denúncias a respeito de estabelecimentos que o indivíduo julga não ser confiáveis, cria facilmente uma multidão - no sentido levantado por Gabriel Tarde – que reproduz a denúncia de maneira muitas vezes automática, impensada. E isso não é diferente quando se trata de postagens de denúncias de maus tratos aos animais. O fato é que as multidões (virtuais, mas ainda assim multidões) vão, como bem nos disse Tarde (2005), do amor ao ódio muito rapidamente: do compartilhamento do amor – através de *gifs* de gatinhos peludos e engraçados – ao ódio – de postagens com dizeres raivosos sobre pet shops que maltratam animais. Assim como compartilham os êxtases da festa, o fazem diante da dor do luto:

Esquecerei [...], depois das multidões de festa, as multidões de luto, as que acompanham, sob a opressão de uma dor comum, o enterro de um amigo, de um grande poeta, de um herói nacional? Também estas são enérgicos estimulantes da vida social; e é sentindo junto essas tristezas como essas alegrias que um povo se habilita a formar um único feixe de todas as vontades (TARDE, 2005, p. 43).

Em seu livro de apoio às pessoas enlutadas por seus pets, Kowalski (2008, p. 21) enfatiza que não é vergonha sentir-se mal quando o pet morrer. Ele traz dicas sobre alternativas de ajuda para esse momento, como nos Estados Unidos, onde sociedades humanitárias oferecem atualmente grupos de apoio para quem perdeu um animal. O autor dá o exemplo da escola de medicina veterinária da Universidade da Califórnia, que mantém uma linha telefônica direta para que pessoas que estejam tristes sejam consoladas. Além disso, para ele, grupos de apoio mútuo na Internet e demonstrações de empatia de pessoas próximas (visitando, escrevendo uma mensagem, comprando flores ou cartões de condolências) também auxiliam nesse processo. Porém, segundo o autor,

ainda assim é necessário mais. Na última contagem, nos EUA, havia 64 milhões de gatos, 55 milhões de cachorros e uma variedade incalculável de coelhos, papagaios e outros animais de estimação. Há cada ano, milhares de pessoas sofrem sozinhas, porque estão desconsoladas e sem apoio quando o seu animal morre (KOWALSKI, 2008 p. 22, tradução minha).

A morte dos animais membros da família multiespécie está cada vez mais incorporada no conjunto de componentes do petshismo, especialmente porque carrega em si um incrível potencial de consumo. Por outro lado, embrenhada que está nas contradições deste fetiche pet, parece se aproximar demasiado da noção de morte humana em vários aspectos, mas em um particularmente gritante: a dificuldade institucionalizada de se falar da *morte* do pet. Chur-Hansen *et al.* (2011) nos apontam as poucas inserções acadêmicas nessa discussão; Lesnau e Santos (2013) afirmam que as faculdades de medicina veterinária fogem do tema; o informante representante do crematório me diz que não usa a palavra morte, ou óbito; e as informantes veterinárias afirmam jogar com as palavras para não dizer que o animal morreu e que é preciso descartar o corpo.

Tudo isso se aproxima profundamente do rechaço de se pensar na morte de que falam Elias (2001) e Áries (2012), perceptível, por exemplo, quando falo sobre o tema da minha tese e ouço frequentemente, em tom de assombro, que é bizarro ou estranho estudar a morte. No entanto, tenho estado cada vez mais convicta que não há como levar a cabo uma reflexão sobre a relação humanos-animais sem pensar profundamente este tema.

## 2.5 GODOFREDO E O *ANJO DA MORTE*: NOTAS DO CAMPO

Não conheci Godofredo vivo - mas meu sentimento é o de tê-lo conhecido, tamanho foi o meu envolvimento com sua história. Todas as funcionárias do hospital, assim como sua *mãe*, me disseram se tratar de um cachorro alegre e brincalhão, que chamava a atenção por onde passava. Eu o vi em fotos e vídeos que me foram mostrados. E vi seu corpo já sem vida, na última sala do corredor do hospital, enquanto o profissional do crematório era aguardado para buscá-lo.

Na manhã em que cheguei para iniciar as observações no Hospital Veterinário, Godofredo havia acabado de morrer. A morte foi resultante de uma cirurgia eletiva, ou seja, em que realmente não se esperavam grandes complicações; me disseram que, como seus exames pré-cirúrgicos estavam dentro da normalidade, provavelmente sua morte havia se dado por alguma reação idiossincrática ao fármaco. Eu havia acabado de adentrar naquele universo e já acompanhava o desespero da *vó* de Godofredo - que foi a primeira a chegar e perguntava nervosa pelo animal -, depois o da *mãe* e do *pai*. Foi uma cena forte. A recepção do

hospital ficou tomada de um clima triste, de luto, com clientes e profissionais com os olhos mareados. Fiz o registro em meu diário de campo:

Enquanto eu estava na recepção, reparei que as veterinárias buscavam fichas com certa aflição. Depois fiquei sabendo que estavam à procura do contato do responsável pelo cão, pois não queriam ligar para a esposa, temendo dar-lhe a notícia diretamente. A [veterinária] então ligou para o responsável. Voltou com cara de choro. Disse que ele apenas repetia “filha da puta, filha da puta”. A esposa havia mandado mensagens no whatsapp à veterinária, perguntando “como está o meu grandão?”, ainda sem saber o que havia acontecido. A veterinária me disse que recebia frequentemente fotos de Godofredo com roupinhas, em datas comemorativas. Parecia bastante abatida. [...] Vou para a recepção. Uma senhora está chorando, e pergunta por Godofredo. A recepcionista informa que ele está lá embaixo, e que a doutora já vem. Passa um tempo. Chega uma moça, jovem, chorando, e abraça a senhora. Ficam em silêncio, chorando. Entra um homem um pouco depois, senta-se afastado das duas. Luana chega à recepção, olhos de choro. Vai em direção à moça, em silêncio, e a abraça. Após um abraço relativamente longo, a segura pela mão, e conduz os três – a moça, o homem e a senhora – para dentro. São os responsáveis por Godofredo, um jovem casal, acompanhados da *vó* do cão, mãe da moça. Em conversas posteriores no hospital, me dizem que o homem tem demonstrado interesse em ter filhos, mas que a mulher afirmava que não queria, pois tinha Godofredo e ele necessitava de muita atenção. Isso seria motivo de conflitos entre eles. [Uma veterinária] me disse posteriormente que, na sua opinião, o amor dela, da *mãe*, já havia passado um pouco do limite, como se tivesse projetando no animal um amor de mãe (Diário de campo, 15/1/2015).

A mãe de Godofredo, bancária, não foi ao trabalho no dia seguinte à sua morte. Sequer saiu do quarto. Disse-me, posteriormente, que o

gerente do banco compreendeu sua ausência, afinal, segundo ela, “todo mundo lá sabia que o meu gordinho era a minha vida”. A morte daquele cachorro parecia ter impactado não só a família, mas os profissionais do hospital, durante vários dias.

É porque o Godofredo ficou um tempão aqui com a gente, e a gente viu o apego que a [responsável pelo animal] tinha, porque ela não tinha filhos, então ele estava ali substituindo, e o marido dela mesmo falava que por causa do Godofredo ela não queria ter filhos, então imagina a cabeça dela, quando ele veio a óbito foi um choque pra todo mundo aqui do hospital, foi bem complicado, mas a gente tem que acabar convivendo com isso (Veterinária entrevistada III, 2015).

Naquele mesmo dia, à tarde, faleceu Chuck, o cachorro da diretora do hospital, também numa situação de muita tensão. Ele teve um edema pulmonar e ficou algumas horas tendo muita dificuldade para respirar. Era um dia atípico no hospital, e eu, que era a única novidade ali, passei a ser chamada, ainda que em tom de brincadeira, de *Anjo da Morte*.

Ter sido o *Anjo da Morte* me fez viver situações, confesso, bastante inesperadas. Observar a chegada da família para lidar com o animal morto, e uma equipe profissional inteira evidentemente abalada, com os olhos mareados, me fez perceber que há muito mais complexidade nas relações interespecíficas do que eu podia crer em minhas hipóteses iniciais. E se a linha que separa humanidade de animalidade já se encontra tão borrada, como nos mostram os grandes pensadores dessa área, no caso da morte, fica ainda mais difícil tentar mantê-la.

Por mais que aqui se esteja partindo de um contexto empírico muito específico, ao relacioná-lo com os aspectos mais amplos ligados à morte de pets - os produtos e serviços disponíveis, os discursos presentes na mídia e nas redes sociais, os projetos de lei que garantem licença no trabalho quando o animal morre<sup>67</sup> - é possível afirmar que há uma sensibilidade emergente em relação à morte de animais de estimação e ao sentimento de luto dos humanos responsáveis.

Oliveira, D. (2013), em sua tese de doutorado em psicologia clínica, afirma que o sentimento pela perda de um pet é um luto não autorizado em nossa sociedade, uma espécie de dor não consentida. Creio que, por mais as evidências mostrem o quanto há resistências ao

---

<sup>67</sup> Tratarei desses projetos de lei mais detalhadamente no capítulo 3.



consentimento desse tipo de luto luto na sociedade em geral, é possível perceber aberturas em contextos mais específicos, como o que esta pesquisa acompanhou.

Para esta reflexão, me apoio em Elias (1994a; 1994b), para quem é necessário que façamos análises de tempo longo, que vinculam história, sociologia e psicologia, e considerando que as mudanças não são lineares nem constantes: obviamente, por se tratar de uma transformação profunda mas também relativamente recente, ainda há pontos em que essa transformação encontra resistências, bastante apoiadas em uma visão ligada ao mundo rural, que até pouquíssimo tempo era dominante na realidade e no imaginário nacional, e que faz com que tenhamos essa modernidade que chega sempre depois, esse “desencontro de tempos sociais”, onde se tem a preocupação de *parecer* moderno, mais do que *ser* moderno, como diz Martins (2000).

Sem querer problematizar a questão da modernidade brasileira em si – o que tranquilamente necessitaria uma segunda tese -, recorro a essas reflexões para pensarmos que, enquanto um país como a França já construía seus cemitérios de animais ao fim do século XIX<sup>68</sup>, a título de exemplo me reporto à minha avó, que até a década de 1980, no interior de Santa Catarina, sacrificava seus cachorros - ela mesma – quando os remédios comprados na agropecuária já não eram mais eficientes para acabar com a *bicheira*. No entanto, hoje seu cachorro entra em casa, vai ao pet shop e ao veterinário e come ração industrializada. O que quero trazer aqui é que, mais do que a necessidade de definirmos qual seria a postura *ideal* de uma sociedade diante da morte dos pets e do decorrente luto, é importante pensarmos as rápidas mudanças que ocorreram em relação a esses fenômenos, profundamente interdependentes das questões de mercado e dos espaços políticos, como veremos no capítulo a seguir.

---

<sup>68</sup> *Arte, vida e alegria no cemitério para animais*, Disponível em: <<https://www.anda.jor.br/2016/01/arte-vida-alegria-cemiterios-animais/>>. Acesso em 21 ago. 2017. A matéria traz também informações a respeito do primeiro cemitério brasileiro de animais que se tem notícia, um cemitério particular de gatos em Blumenau – SC, que posteriormente foi doado à Prefeitura da cidade.

### **3 A RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO DO PRIVADO AO PÚBLICO: INTERDEPENDÊNCIAS ENTRE AFETO, MERCADO E POLÍTICA**

O animal de estimação, dentro das famílias multiespécies, é cada vez mais um híbrido entre membro da família, objeto de consumo, e, inclusive, um consumidor com certo direito de escolha. Tudo isso demonstra estar profundamente ligado às diversas transformações em curso na sociedade brasileira, tais como alterações no padrão demográfico, verticalização das moradias, acesso a bens de consumo, que demonstram ter relação direta com as mudanças na maneira com que as famílias lidam com seus animais de estimação (PESSANHA & PORTILHO, 2008, p. 24). Também por isso, passa a ser, cada vez mais, alvo de interesses políticos e econômicos.

Neste capítulo, irei apresentar algumas reflexões acerca das implicações desse novo status do animal de estimação nas relações econômicas, e de como alguns setores têm se especializado cada vez mais em atender essa demanda, principalmente na área da saúde e alimentação animal. Mais do que isso, proponho que pensemos quanto dessa demanda é criada pelo próprio mercado. Para isso, também apresento uma análise do material publicitário que é veiculado para profissionais da área pet e veterinária e para responsáveis por animais, buscando identificar quais os discursos presentes ali. Logo após isso, desenvolvo uma breve reflexão a respeito dos aspectos materiais e simbólicos que fazem com que a noção de classe seja pertinente neste debate. Além disso, me proponho a observar, no cenário político brasileiro, a mobilização ascendente em defesa dos direitos dos animais que vêm ocorrendo, e como ela é incorporada ao discurso político mais tradicional. Assim como no capítulo anterior, vai-se reforçando as constantes controvérsias presentes na relação entre animais não-humanos e humanos.

#### **3.1 OS PETS NO MERCADO E NA POLÍTICA: A PESQUISA DE CAMPO E AS ANÁLISES DE DADOS**

A difusão dos animais domésticos entre as classes médias urbanas no início do período moderno é, dessa maneira, um processo de grande envergadura social, psicológica e, inclusive, comercial (K. THOMAS, 2010, p. 169).

Neste capítulo, as principais contribuições empíricas são advindas da observação feita em duas edições da Pet South America, uma de caráter mais exploratório, em 2013<sup>69</sup>, e outra após a qualificação do projeto de tese, em 2015. Ali, pude realizar observação e entrevistas e, a partir disso, promover uma análise comparativa com os dados obtidos nas duas edições.

O evento comercial Pet South America é uma feira internacional de produtos e serviços para a linha pet e veterinária realizada anualmente em São Paulo – SP, com mais de duzentos expositores e que recebe em média vinte mil visitantes a cada edição. Segundo o site oficial do evento,

É a principal plataforma de negócios e atualização profissional da América Latina. A feira apresenta as principais inovações para o segmento pet nas áreas de Higiene e Beleza, Saúde, Nutrição, Máquinas, Equipamentos, Acessórios e Serviços. O evento promove conteúdo qualificado voltado ao desenvolvimento e atualização para que os profissionais de mercado se conectem e compartilhem conhecimento e experiência (Pet South America, 2017<sup>70</sup>).

A visitação não é aberta para o público em geral. Por ser uma feira de negócios, ela é restrita a “um público qualificado de profissionais e empreendedores, como médicos-veterinários, lojistas, distribuidores, groomers<sup>71</sup>, adestradores, criadores, varejistas e atacadistas” (Pet South America, 2017).

---

<sup>69</sup> A pesquisa exploratória de 2013 contou com o apoio financeiro do Instituto Brasil Plural (IBP).

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://www.petsa.com.br/pt>>. Acesso em 25 jul. 2017.

<sup>71</sup> De acordo com o site da Ibase - empresa de produtos animais - “o nome [groomer] tem origem do verbo inglês ‘to groom’ que significa preparar, enfeitar. O *Groomer* é o esteticista responsável pela beleza e higiene de cães e gatos de estimação. Há diferentes especializações determinadas por raça e pelagem. Isso permite ao profissional entender sua estética, selecionando os melhores cortes de acordo com o pelo e a estrutura física do animal. Além de um trabalho de embelezamento, o *groomer* ajuda a garantir a saúde de nossos pets”. A empresa mantém o projeto “Elite de *groomers* Ibase” que reúne profissionais desta área e “leva o grupo a diversas regiões do país, ministrando palestras, treinamentos e workshops, mostrando o uso correto dos produtos da Linha Estética Pet e os seus

Para poder entrar na feira, fui representando a *pet shop* de um familiar, e dentre as opções disponíveis no site, me descrevi como “pesquisadora”. A experiência de participar deste evento foi transformadora para a minha relação com o objeto de pesquisa. Eu ainda não havia me dado conta, até então, da dimensão que esse mercado obteve nos últimos anos. Ao reler o diário de campo da primeira edição observada (2013), me deparo com o espanto que senti quando percebi a importância dos groomers ali, bem como com a existência da UniPet – Universidade Pet Shop<sup>72</sup>:

O universo *groomer* é muito amplo, cheio de competições, celebridades, e muita inovação. Havia uma *groomer* vestida de fada (ou princesa?). Parece que a ideia de moda e estilo, e a figura de *hair stylist* humano são transferidas para os animais através dessa figura do *groomer* – que não é um simples tosador, e geralmente não aceita bem essa comparação [...] Importante - Descobri a existência de uma Unipet, “universidade” que ensina as mais variadas profissões ligadas aos pets: banho e tosa, adestramento, auxiliar veterinário, *groomer*, *dog walker*, etc. (Diário de campo, 30/10/13).

Nesse evento, foi possível observar a ampliação e a complexificação de produtos e serviços destinados aos animais de estimação. Com o olhar atento especialmente para as ofertas ligadas aos cuidados nos processos de adoecimento, envelhecimento e morte de animais de estimação, pude observar algumas que se destacam, por exemplo, florais de *bach* para cães e gatos – para tratamento de depressão, hiperatividade, latido excessivo, adaptação à chegada de um bebê na família, etc. - (figura 5), roupas específicas para animais com deficiências físicas (figura 6), suplementos nutricionais de aminoácidos (figura 7) ou urnas funerárias para animais de estimação de vários portes (figura 8).

---

benefícios” Disponível em: <<http://www.ibasa.com.br/groomers>>. Acesso em 25 jul. 2017.

<sup>72</sup> De acordo com o site oficial, a Unipet é a maior rede de escolas de banho e tosa do Brasil. Conta com 16 unidades espalhadas pelo país, disponível em: <<http://www.redeunipet.com.br>>. Acesso em 02 set. 2017.

Figuras 5 e 6



Figuras 7 e 8



A análise documental e imagética de materiais publicitários obtidos na feira, em clínicas e em hospitais veterinários, seguiu a metodologia da sociologia da fotografia e da imagem proposta por Martins (2013). Para este autor,

em particular na sociologia, a imagem, sobretudo a fotografia, por ser flagrante, revelou as insuficiências da palavra como documento da consciência social e como matéria-prima do conhecimento. Mas, nessa dialética, revelou suas insuficiências. É nos resíduos sociológicos desse peneiramento que está a imensa riqueza da informação visual e que estão os desafios da fotografia às ciências sociais. Tomar a imagem fotográfica como documento social em termos absolutos envolve as mesmas dificuldades que há quando se toma a palavra falada, o depoimento, a entrevista, em termos absolutos, como referência sociológica, que são as dificuldades de sua insuficiência e de suas limitações (MARTINS, 2013, p. 11).

Já Bohnsack (2007) aponta que a pesquisa sociológica qualitativa ainda não conseguiu reconhecer a devida importância à imagem enquanto fonte, focada que está na textualização. Seguindo as contribuições de autores como Barthes, Foucault, Panofsky e Imdahl, o autor propõe uma ampliação do uso do que vem sendo chamado de “método documental de interpretação”, que tem origem na Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim.

Em defesa de uma compreensão através das imagens, Bohnsack lembra que

na diferenciação entre a compreensão *através* da imagem e a compreensão *sobre* a imagem estão implícitas posições sobre nossas interpretações e ações cotidianas, que se estendem às teorias da ação, do conhecimento, da percepção e dos signos. O fato de compreendermos o cotidiano *através* de imagens significa que nosso mundo, nossa realidade social não é apenas representada de forma imagética, mas também constituída ou produzida dessa forma (BOHNSACK, 2007, p. 288-9, grifos do autor).

Para acompanhar e analisar as questões ligadas à relação entre o cenário político brasileiro e os direitos animais, a técnica de pesquisas foi o uso de dados secundários, obtidos principalmente a partir da Internet. As consultas deram-se nos portais oficiais de governo, sites de notícia e redes sociais, sob a proposta metodológica de Flick (2009).

### 3.2 O MERCADO PET E AS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E MEDICAMENTOS

Já a indústria farmacêutica, esta é incansável: agora chegou a vez de medicalizar o que parece dor nos animais (VLAHOS, 2008, p. 450).

De acordo com o IBGE, em 2013, o Brasil apresentava a quarta maior população de animais de estimação do mundo: 132,4 milhões, sendo 90,1 milhões de cães e gatos<sup>73</sup>. A partir de um levantamento anual apresentado pela ABINPET<sup>74</sup>, é possível observarmos quantitativamente o impacto dos pets na economia nacional. O segmento de produtos e serviços para animais de estimação representa 0,38% do Produto Interno Bruto, o que supera, por exemplo, a venda da linha branca de geladeira e fogão. Em cidades como São Paulo e Curitiba, e no Estado de Minas Gerais, o número de *pet shops* supera o de padaria<sup>75</sup>. O Brasil é o terceiro país em faturamento com o mercado pet, com 5,14% do mercado mundial, atrás apenas dos Estados Unidos e do Reino Unido. Foram R\$ 18,9 bilhões no ano de 2016, um crescimento de 4,9% sobre o ano anterior.

O setor de rações é responsável por grande parte do faturamento (67,3%), mas o crescimento mais significativo nos últimos anos tem sido,

---

<sup>73</sup> Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-tematicas/insumos-agropecuarios/anos-antiores/ibge-populacao-de-animais-de-estimacao-no-brasil-2013-abinpet-79.pdf>>. Acesso em 22 ago. 2017.

<sup>74</sup> “Faturamento 2016 do setor pet aumenta 4,9% e fecha em r\$ 18,9 bilhões, revela ABINPET”, disponível em <<http://abinpet.org.br/site/faturamento-2016-do-setor-pet-aumenta-49-e-fecha-em-r-189-bilhoes-revela-abinpet/>>. Acesso em 22 ago. 2017.

<sup>75</sup> Com 4.000 lojas, pet shops crescem e se igualam a padarias em SP, disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2011/09/09/sao-paulo-tem-tantas-pet-shops-quanto-padarias.htm>>. Acesso em 22 ago. 2017.

segundo a revista Exame, na área de saúde<sup>76</sup> - uma previsão de ampliação de até 13% para 2017, ligada a produtos como medicamentos, rações medicamentosas, equipamentos para clínicas e hospitais, e serviços como plano de saúde, especializações e tratamento médicos que, antes exclusivos da medicina humana, se expandem cada vez mais para a veterinária:

A sofisticação dos tratamentos veterinários tem gerado vagas não só para profissionais de saúde como também para as áreas de apoio (vendas e logística, por exemplo). Na MedMep, empresa especializada em terapia com células-tronco, isso aconteceu depois que, em 2015, a companhia mudou o foco do negócio e *passou a oferecer tratamentos para animais, em vez de humanos*. Como a aplicação leva 15 minutos, não exige anestesia e resolve problemas penosos, como a displasia – que pode impedir os cãesinhos de andar -, a procura pelo serviço tem aumentado, a despeito do alto valor do tratamento, que custa entre 1 000 e 8 000 reais<sup>77</sup> (grifo meu).

O potencial da área da saúde animal vem sendo detectado há anos pelas grandes indústrias farmacêuticas, que apresentam investimentos volumosos em pesquisas de medicamentos animais – e também em marketing. A necessidade de ampliação das estratégias de marketing é um discurso que permeia todo o mercado pet, da formação do médico veterinário ao pet shop. Em um trabalho de conclusão de curso de 2013 do curso de medicina veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a autora defende a importância do marketing em seu ramo profissional. Ao apresentar os diferentes ramos do segmento pet, trata da questão da saúde:

a ampla variedade e similaridade com o mercado farmacêutico humano está intrinsecamente relacionada ao fato do pet estar fortemente inserido no seio familiar, recebendo os mesmos cuidados que os outros membros do grupo. Os grandes

---

<sup>76</sup> “Mercado pet cresce graças a mudanças no comportamento dos donos de animais de estimação”, em <http://exame.abril.com.br/carreira/mercado-pet-cresce-gracas-a-mudancas-no-comportamento-dos-donos-de-animais-de-estimacao/>. Acesso em 22 ago. 2017.

<sup>77</sup> *Idem*, acesso em 22 ago. 2017.



laboratórios humanos têm direcionado uma parcela de seus estudos e pesquisas para o mercado de produtos destinados aos pets, produzindo medicamentos como antibióticos e anti-inflamatórios, com características de uso semelhantes em ambos os mercados, humano e animal. Essa semelhança fica evidente quando encontramos nas prateleiras das pet shops suplementos que, por exemplo, auxiliam o animal a perder peso objetivando o combate à obesidade canina, usando os mesmos princípios ativos que a indústria farmacêutica humana (ELIZEIRE, 2013, p. 42).

Essa extensão dos produtos e serviços tradicionalmente destinados à saúde humana para a animal deve ser encarada de maneira atenta - e crítica, buscando compreender os interesses ligados a tal ação. Ao que tudo indica, mais do que “promover uma vida mais longa e propiciar qualidade de vida ao animal de estimação” (ELIZEIRE, 2013), as indústrias farmacêuticas, ao investir fortemente no setor pet, buscam novas soluções para suas próprias mazelas.

As ações dessas indústrias vêm sendo questionadas por uma série de estudos, há bastante tempo (ILLICH, 1981; BERMUDEZ, 1995; PAYER, 2002). Em Girona, Rovirá y Homedes (2009), enfatiza-se que, partindo da premissa que o objetivo final da pesquisa farmacêutica deveria ser a obtenção de medicamentos que a sociedade necessite e possa pagar, o sistema não tem respondido às necessidades de saúde e muitas vezes comercializam os medicamentos a um preço muito elevado para pacientes e governos. O monopólio das empresas nas áreas de investigação, comercialização e promoção de medicamentos, e a falta de regulação por parte dos governos nacionais e órgãos internacionais também são criticados.

O caso dos medicamentos e sua produção por parte dos conglomerados farmacêuticos faz parte deste monstro fabril e comercial sem sentido que nós, humanos, temos construído para obter mais lucro no menor tempo possível (NOVOA *in* VELAZQUÉZ & CORREA, 2008, s/p., tradução minha).

Philippe Pignarre, ao tratar de *El grande secreto de la industria farmacéutica*, aponta que “esta indústria se mostra, ao mesmo tempo,

arrogante e segura de si, mas sobressaltada pela extinção de prazos que ela não controla, muitas vezes sem bússola diante das promessas das equipes de pesquisa, e por vezes também ingênua e manipulada” (PIGNARRE, 2005, p. 14, tradução minha). Para o autor, as indústrias farmacêuticas estão em crise. “Pode-se dizer que a indústria farmacêutica tradicional está morta” (MAZZONI, 2004 *apud* PIGNARRE, 2005). O que fazer então? De acordo com Pignarre, vem-se utilizando um conjunto de ações (das aceitáveis até as mais discutíveis) para evitar um declive. Com rendimentos decrescentes, as indústrias farmacêuticas abusam de uma série de argumentos para fazer crer aos poderes públicos que é preciso manter os preços altos – e o principal argumento é sempre o de investimento em pesquisa. A expansão dos genéricos, que começou a ser discutida nos anos 1980, contribuiu para a crise no setor, ainda que rapidamente os industriais tenham recorrido a serem, eles mesmos, os fabricantes dos genéricos (como fez a Merck em 1994), ou criando filiais especializadas, ou ainda comprando um laboratório de genéricos já existente.

Além disso, se encontram, entre as diferentes estratégias: “cosmetizar” os medicamentos; aumentar demanda a partir de políticas de prevenção; forçar mudanças de legislação sobre patentes, ou, até mesmo, criar novas doenças, vendendo seus produtos a pessoas que até então seriam consideradas saudáveis (MOYNIHAN & CASSELS, 2006). A longo prazo, o texto de Pignarre aponta que as fusões entre diferentes empresas da área, e os avanços nos estudos sobre Genoma, poderiam salvar a indústria farmacêutica (PIGNARRE, 2005).

Pois o que este autor parece não ter detectado é a incrível capacidade da indústria farmacêutica de expandir seu negócio, enfatizando seu *caráter interespécie*. Dentre as quinze maiores indústrias farmacêuticas do mundo<sup>78</sup>, é possível averiguar investimentos na área de medicamentos veterinários em cinco delas, que compraram divisões de saúde animal de outras três da lista. As empresas que se desfizeram de suas divisões de saúde animal, ao que tudo indica, o fizeram muito menos por interesse comercial na área e muito mais por acordos realizados entre as próprias indústrias – visando que cada uma delas concentre-se em determinadas áreas.

No quadro a seguir (quadro 2), apresento um mapeamento dos produtos, faturamento mundial e negociações envolvendo a área de saúde

---

<sup>78</sup> De acordo com o site da Forbes Brasil (Disponível em: <<http://www.forbes.com.br/listas/2015/07/15-maiores-empresas-farmaceticas-do-mundo>>. Acesso em 10 ago. 2017.

animal destas empresas. Os dados apresentados foram retirados dos sites das próprias empresas ou de portais sobre economia, e enfocam os produtos voltados aos animais de companhia, mas é importante destacar que as empresas também apresentam produtos destinados aos animais de abate e diagnósticos veterinários.

Neste levantamento em específico, não considero as indústrias farmacêuticas exclusivamente focadas na saúde animal – por exemplo as gigantes Boehringer Ingelheim, Idexx e Virbac -, afinal, a questão é justamente enfatizar que as empresas tradicionalmente dedicadas à saúde humana então demonstrando cada vez mais interesse no mercado de saúde animal.

Quadro 2 - As maiores indústrias farmacêuticas do mundo e sua relação com a saúde animal

<b>Indústria</b>	<b>Produtos destinados à Saúde Animal</b>
Johnson & Johnson (Janssen)	Vendeu a divisão de saúde animal da Janssen à Eli Lilly em 2011. Os valores não foram revelados <sup>79</sup> .
Pfizer <sup>80</sup> (Zoetis)	Considera-se líder no mercado de saúde animal. Produz, para cães e gatos, o antibiótico Convenia®, o anti-pulgas e carrapatos Revolution®, e para cães, o tratamento anticâncer Palladia®. Em 2011, o faturamento da divisão de saúde animal foi de US\$2 bilhões, sendo 40% provenientes destes três medicamentos.
Novartis <sup>81</sup> (Novartis Animal Health)	Realizou acordo com outras duas farmacêuticas para centralizar na pesquisa e produção em medicamentos para câncer humano. Antes de vendê-la à Eli Lilly, em 2015, a divisão de saúde animal teve faturamento de US\$1,1 bilhão (2013).

<sup>79</sup>Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/03/eli-lilly-compra-divisao-de-saude-animal-da-janssen-pharmaceutica.html>>. Acesso em 10 ago. 2017.

<sup>80</sup>Disponível em: <<https://animalhealth.pfizer.com/sites/pahweb/Pages/Global.aspx>>. Acesso em 10 ago. 2017.

<sup>81</sup> De acordo com <http://www.valor.com.br/empresas/3841502/novartis-completa-venda-de-divisao-de-saude-animal-eli-lilly>>. Acesso em 10 ago. 2017.

Merck, Sharp & Dohme <sup>82</sup> (MSD Animal Health)	Assim como a Pfizer, também se considera a líder no mercado de saúde animal. Apresenta uma variada linha de produtos para animais de companhia, que variam de um país para outro. No Brasil, dentre antibióticos, antimicrobianos, vacinas, eutanásico e outros, oferece atualmente 25 produtos. Seu faturamento na divisão de animais, em 2012, foi de US\$3,4 bilhões <sup>83</sup> .
Roche Holding	Não investe no setor
Sanofi <sup>84</sup> (Merial)	Merial é a empresa do grupo que é responsável pelo setor de saúde animal. Seus principais produtos para animais de companhia são Frontline® e NexGard® (anti-pulgas e carrapatos) e Heartgard® para prevenir problemas cardíacos em cães. Faturamento no ano de 2012: US\$2,8 bilhões <sup>85</sup> .
Bayer (Bayer Animal Health)	Apresenta mais de trinta produtos para cães e gatos, distribuídos nas seguintes categorias: Ambiente, antibióticos, antipulgas, carrapaticidas, nutrição, sarnicidas, vermícidias. Mantém um portal online específico para proprietários de pets, que podem inserir álbuns de fotos dos animais, criar uma “agenda do amigo” (com anotações de vacinas, banhos, etc.) e participar de campanhas de adoção <sup>86</sup> . Faturamento da divisão animal em 2012: US\$1,68 bilhões <sup>87</sup> .
Glaxo Smith Kline	Atualmente não investe no setor de saúde animal. Realizou acordo com outras duas farmacêuticas para centralizar na pesquisa e produção em vacinas

<sup>82</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.msd-saude-animal.com.br/especies/animaisdecompanhia/index.aspx>>. Acesso em 11 ago. 2017.

<sup>83</sup> Conforme informativo setorial do BNDES. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/setorial/Informe\\_27.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/setorial/Informe_27.pdf)>. Acesso em 10 ago. 2017.

<sup>84</sup> Disponível em: <[http://en.sanofi.com/products/animal\\_health/animal\\_health.aspx](http://en.sanofi.com/products/animal_health/animal_health.aspx)>. Acesso em 11 ago. 2017.

<sup>85</sup> *Idem* nota de rodapé 10.

<sup>86</sup> Endereço do portal: <https://www.bayerpet.com.br>>. Acesso em 11 ago. 2017.

<sup>87</sup> *Idem* nota de rodapé 10.

	humanas, enquanto Eli Lilly investiria em saúde animal.
Amgen	Não investe no setor.
McKesson <sup>88</sup>	Não investe diretamente no setor, ainda que sua linha cirúrgica seja utilizada por médicos veterinários. De qualquer modo, não apresenta dados específicos de faturamento nessa área.
Gilead	Não investe no setor.
Teva (Teva Animal Health)	De acordo com o site VinNews <sup>89</sup> , a divisão de saúde animal da companhia foi encerrada em 2009 após problemas com o controle de qualidade da Food and Drug Administration (FDA) norte-americana. O antigo site (tevaanimalhealth.com) está fora do ar.
Astra Zeneca	Não investe no setor.
Abbott	Vendeu sua divisão de saúde animal à Zoetis/Pfizer em 2015, por US\$225 milhões <sup>90</sup> .
Eli Lilly (Elanco) <sup>91</sup>	Inseriu-se no mercado de saúde animal com um antibiótico, em 1953. Ainda que seus produtos estão mais voltados para animais de abate, a empresa divulgou que pretende ampliar a oferta no setor pet. Dentre os investimentos na área de saúde animal, estão a compra destas divisões da Johnson & Johnson em 2011 e da Novartis em 2014. Para animais de companhia, a marca Elanco oferece cinco produtos nos EUA, e no Brasil, um único produto, o antipulgas mastigável, Comfortis <sup>TM</sup> , apresentado na Pet South America de 2012 <sup>92</sup> .

De fato, nos últimos vinte anos, a prática de prescrever, para animais, medicamentos desenvolvidos para humanos, cresceu

<sup>88</sup>Disponível em: <<http://www.mckesson.com/>>. Acesso em 11 ago. 2017.

<sup>89</sup>Disponível em: <http://news.vin.com/VINNews.aspx?articleId=13539>>. Acesso em 11 ago. 2017.

<sup>90</sup>Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com/Noticias/Economia-e-Negocios/noticia/2015/02/zoetis-finaliza-compra-de-divisao-de-saude-animal-da-abbott.html>>. Acesso em 11 ago. 2017.

<sup>91</sup>Disponível em: <<http://www.elanco.com.br>>. Acesso em 11 ago. 2017.

<sup>92</sup>Disponível em: <<http://cachorroboom.blogspot.com.es/2012/10/chega-ao-brasil-divisao-da-elanco-saude.html>>

substancialmente. Nesse sentido, as empresas iniciaram experimentação com uma estratégia mais direta: vender drogas desenvolvidas especialmente para animais de estimação – ainda que contenham exatamente as mesmas substâncias dos produtos destinados aos humanos –, inclusive de modificação comportamental e de estilo de vida, muitas vezes, sob demanda dos próprios responsáveis pelos animais. Para a médica veterinária entrevistada por Vlahos (2008), que trabalha no Centro de Medicina Veterinária do F.D.A., “à medida que as pessoas estão vendo drogas mais sofisticadas e complexas para si mesmas, elas querem a mesma qualidade para os seus animais de estimação” (*op. cit.*, p. 453):

A categoria que mais rápido cresce é o cuidado com a saúde, com tratamentos anteriormente reservados às pessoas – tratamentos de canal, quimioterapia, lipoaspiração, comprimidos para o humor – estão sendo administrados a animais de estimação. (VLAHOS, 2008, p. 453)

A própria visão de saúde (e doença) do animal de estimação que vem se estabelecendo nas sociedades contemporâneas demonstra estar ligada a essa nova configuração social de afeto, e já há indícios suficientes na literatura e nas pesquisas empíricas para nos fazer afirmar que a medicalização da vida, que ocorre em nossa espécie humana, prolonga-se também para as espécies dos animais estimados.

A busca pelo controle do comportamento do animal é, de fato, um dos impulsionadores da medicalização. Segata (2012) mostra que a medicalização do animal – e do seu comportamento – faz parte das negociações em torno da humanidade dos pets:

latir, rosnar, urinar, mostrar as garras foram algumas das vantagens evolucionárias que permitiram que cães e gatos garantissem a sua alimentação ou protegessem o seu território e a sua prole. Mas isso não combina com a decoração da sala de estar de nenhum apartamento, o que faz com que os animais que se comportam dessa forma sejam diagnosticados como “doentes mentais” – agressivos, ansiosos ou depressivos – e medicados com psicotrópicos (...). Igualmente, as suas habilidades de captura de outros animais, devorados em banhos de sangue, foram substituídas pelas tigelas de ração industrializada, com o balanço certo de componentes que fazem

produzir fezes sem odor e de consistência apropriada para não sujar o chão. E nem faz muito tempo que cães e gatos de estimação morriam de velhos. Hoje, eles são obesos, sofrem com o colesterol, o diabetes, a pressão alta, os problemas renais e, mais recentemente, com a ansiedade e a depressão. (SEGATA, 2012, p. 177)

Martinez Hernáez (2006) desenvolve uma crítica daquilo que ele considera uma mercantilização dos estados de ânimo: a biomedicina e a indústria psicofarmacêutica criam uma estrutura significativa capaz de ressignificar diferentes males locais e significar outros novos (criando novas doenças e, conseqüentemente, novas necessidades), colocando os estados de ânimo para trabalhar em benefício de interesses de consumo. A partir dessa perspectiva, o consumidor de medicamentos é mercadoria. Seu corpo é mercadoria, é objeto de interesse de mercado. Estendendo essa lógica ao tema desta tese, percebe-se que o corpo do animal de estimação tem sofrido a mesma mercantilização. Ao prolongarmos aos animais certos aspectos da humanidade, certamente lhes garantimos o papel de consumidor-mercadoria:

O cidadão da urbe global aparece ligado à relação consumidor-mercadoria de uma forma diferente àquela estabelecida no passado, por esse vínculo ser agora vertiginoso e ao mesmo tempo onipresente. Essa relação social, que é, mais que tudo, um laço político, econômico e cultural, constrói uma subjetividade que tende a ameaçar os arranjos sociais e representá-los numa linguagem naturalizada, que apela ao corpo mais que ao discurso (MARTÍNEZ HERNÁEZ, 2009, p. 224, tradução minha).

Como isso ocorre de maneira tão intensa? Algumas das respostas parecem estar nas estratégias maciças de divulgação e publicidade das indústrias farmacêuticas, que, em geral (seja em relação aos medicamentos para humanos, seja para animais), apresentam duas frentes de ações: uma voltada para médicos veterinários, atuantes ou em formação, e outra que enfoca diretamente o cliente, no caso, o responsável por animal de estimação. No caso da abordagem com os profissionais, realizam-se campanhas publicitárias maciças em publicações da medicina veterinária, que permitiriam um controle sobre os assuntos publicados, bem como patrocínio de eventos da área médica em questão, da mesma

maneira como Girona, Rovirá y Homedes (2009) demonstram que ocorre na medicina humana.

Tal prática enquadra-se num entendimento legal, mas vem sendo criticada por muitos autores, que afirmam que o propagandista de laboratório, ao influenciar os hábitos de prescrição dos médicos, dirige-os prioritariamente à satisfação dos interesses das empresas, em detrimento daqueles dos consumidores (BARROS, 1983), e que o aumento, em frequência e intensidade, da relação entre indústria farmacêutica e médicos, leva a situações que podem interferir na graduação, na educação continuada, nas publicações científicas e na própria prática médica, comprometendo a independência do profissional e colocando em risco o prestígio da profissão (MARQUES FILHO, 2010).

As indústrias farmacêuticas estão presentes na maioria dos eventos de medicina veterinária no Brasil e no mundo, como expositoras e patrocinadoras – neste caso, algumas vezes entram na programação oficial do evento com palestras em que apresentam os medicamentos. Em alguns eventos, são representadas pelo Sindicato Nacional da Indústria de produtos para Saúde Animal, como é o caso da feira Pet South America. Em outros, atuam com a marca fantasia. O 41º World Animal Veterinary Association Congress, realizado na Colômbia, em setembro de 2016, contou com o patrocínio das empresas Zoetis, Elanco, Bayer, MSD e Merial. O 10º Southern European Veterinary Conference, na Espanha, em outubro de 2016, foi patrocinado por Zoetis, Merial, Bayer e Ipexx. No Brasil, o maior patrocinador é MSD, mas Elanco, Zoetis, Bayer e Virbac também estão presentes em vários eventos. Sobre essa última empresa, eu havia registrado no diário de campo da pesquisa no hospital, em janeiro de 2015, que “nos dias seguintes, reparo que a marca Virbac está presente em várias situações, nos cartazes, em alguns jalecos dos veterinários, em folhetos explicativos, etc.”.

Para Pessanha e Carvalho (2015), as empresas globais do setor buscam novos mercados através do processo de humanização dos animais, sendo esta uma ação orientada também para países com economias em crescimento.

O objetivo seria induzir mudanças de atitudes do consumidor no sentido de acentuar o papel dos animais como ‘companheiros leais’ e ‘membros da família’. As atitudes dos consumidores em relação a cães e gatos seriam moldadas por campanhas educativas e de sensibilização, bem como por



atividades de *marketing* integrado, que podem incluir feiras, criação de clubes, promoção de eventos “esportivos”, co-patrocínio de campanhas de vacinação gratuita e lançamento de publicações, entre outros (PESSANHA & CARVALHO, 2015, p. 192).

Mas não são somente as grandes indústrias farmacêuticas que buscam estratégias para persuadir os profissionais. Segundo os relatos das veterinárias entrevistadas, na cidade de Curitiba algumas farmácias de manipulação oferecem 30% de comissão por receita. Assim, alguns profissionais estariam receitando a manipulação de todo e qualquer medicamento, inclusive daqueles cuja a fórmula industrializada seria mais barata e facilmente encontrável, como analgésicos, por exemplo.

Uma outra vertente do marketing ligado ao mercado pet está voltada diretamente para o responsável pelo animal de estimação – e nem sempre é fácil definir quais publicidades são destinadas para qual público (o profissional da área ou o responsável pelo animal). Mas há alguns apontamentos nesse sentido, pois os humanos que têm pets vêm sendo cada vez mais bombardeados com campanhas que, em geral, relembram suas responsabilidades e associam afeto, cuidado e consumo.

Assim, é perceptível que a publicidade e a vigilância biopolítica, de certa forma, andam juntas. Essa vigilância biopolítica das relações interespecíficas, de caráter intervencionista, regulador e moralizante (Lewgoy, Sordi e Pinto, 2015), fica evidente no discurso da responsabilização que está afixado a uma série de produtos e serviços, que será discutido mais adiante (item 3.3). No entanto, ainda que se projete principalmente sobre a esfera privada, ou seja, sobre a família, há indícios de que a reivindicação dessa vigilância biopolítica é recíproca: afinal, o *petlover* é um agente social; ele não apenas é influenciado pelos discursos das campanhas publicitárias, mas as reelabora e, muitas vezes, reproduz.

Nas entrevistas, nas conversas informais e na análise das redes sociais, é possível notar o rigor com o qual as famílias buscam informações a respeito de seus membros animais, quer seja através dos recursos tecnológicos de captação de som e imagem (pet shops, clínicas, hotéis e creches com videomonitoramento<sup>93</sup>) ou de uma exigência de

---

<sup>93</sup> No blog *Dicas Peludas*, um dos aspectos para escolher bem um pet shop é: “Se a sala de banho tiver uma parede de vidro espelhado, ou janelinha para que você possa ver seu animal, melhor. Alguns Pets colocam câmera na sala de banho e você pode acompanhar na TV na sala de espera”. Disponível em:

maior esclarecimento e transparência nos processos médicos e/ou de destinação do corpo após o óbito. As diferentes vigilâncias parecem estar todas calcadas num pressuposto de desconfiança das ações humanas diante da incapacidade de autodefesa animal.

Aqui, parece oportuno trazer o relato da estudante que cuidava dos cachorros de seus patrões quando estes viajavam. Essa informante que, aliás, nessas situações era chamada de *pet sitter* pela patroa, sem saber o significado da expressão. Incomodada com o “apelido”, perguntou o que significava e então eles lhe disseram que se tratava da *baby sitter* dos cães – ela, no entanto, afirmou nunca ter gostado de ser chamada assim:

Eu ficava chateada porque quando eles vinham buscar os cachorros no domingo a [patroa] ficava apalpando eles inteiros, olhando tudo, meio que desconfiada que a gente tivesse machucado ou algo do tipo. E isso me chateava porque eu tinha o meu ali também, poxa, se eu cuidava bem do meu, por que eu iria machucar os dela? (Estudante III, 2016).

A vigilância em relação ao corpo abrange também a alimentação. O discurso da responsabilização atrelado às rações industrializadas foi difundido ao longo do século XX - mas encontrou muitas resistências antes de sua aceitação, que foi finalmente facilitada pela mediação do marketing científico (LEWGOY *in* BEVILACQUA & VELDEN, 2016):

A retórica publicitária de rações é uma das esferas de maior pedomorfização de cães, sendo comuns imagens de cães em situações íntimas, com alegres goldens retrievers – uma das raças prediletas da publicidade – brincando com crianças em verdes jardins de casas de famílias felizes. Nesta ótica, o pet ideal é o filhote de uma raça específica, adquirido em tenra idade, que serve para a felicidade e socialização dos filhos de famílias integradas e funcionais. Não raro a indústria da

---

<<https://dicaspeludas.blogspot.com.br/2012/08/a-importante-escolha-do-petshop.html>>. Acesso em: 24 ago. 2017. No estado do Paraná, uma lei obriga, desde janeiro de 2016, que pet shops gravem os serviços de banho e tosa. Disponível em:  
<<http://tnonline.uol.com.br/noticias/cotidiano/67,360922,29,01,comeca-a-valer-lei-que-obriga-pet-shops-a-filmar-servicos-de-banho-e-tosa-no-parana.shtml>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

ração distribui folhetos sobre a saúde e tipos de rações adequadas às diferentes idades dos animais, sempre sob a supervisão do veterinário – o novo médico de família – que frequentemente vende com exclusividade algumas marcas de rações Premium (LEWGOY *in* BEVILACQUA & VELDEN, 2016, p. 225).

De acordo com Mazon e Moura (2017), no Brasil houve uma reversão no mercado de rações entre as décadas de 1980 e 1990, acompanhando mudanças que ocorriam simultaneamente nos mercados norte-americano e europeu: “O crescimento da importância e do afeto destinado aos animais de estimação, ao mesmo tempo que constitui, é constituído pelo surgimento do mercado de rações” (*op. cit.*, p. 143). Seguindo esse caminho, as responsáveis por animais entrevistadas também demonstraram preocupação com a alimentação do animal:

Não sou de ir no veterinário toda semana, nem quando tinha o plano, mas toda parte de nutrição eu fazia, qual é a melhor ração, a mais adequada, é melhor você dar um bom alimento para o seu cachorro do que ter que começar a levá-lo no veterinário porque está com deficiência de tal vitamina, ou problema nos rins (Responsável pela Sofia, 2015).

No entanto, passada a euforia com a universalização das rações<sup>94</sup>, a alimentação dos pets é hoje um dos temas que apresenta os maiores dilemas entre a comunidade médico-veterinária. Enquanto muitos profissionais defendem as rações industrializadas, especialmente as *Super Premium* e medicamentosas, algumas correntes têm proposto um retorno<sup>95</sup> às comidas naturais, em uma espécie de “reação naturalista de denúncia à indústria da ração, tida como uma caixa-preta capitalista

---

<sup>94</sup> “A indústria da alimentação de pets é um negócio globalizado que rendeu em 2010 um faturamento de 50 bilhões de dólares nas 10 principais companhias do ranking mundial, segundo levantamento do site topfood industries.com, principal voz da indústria da ração para pets” (Lewgoy *in* Bevilacqua e Velden, 2016, p. 230)

<sup>95</sup> A ideia de “retorno” defendida por esses profissionais é bem pontual: uma volta às necessidades instintivas do animal, de comer carne crua, ossos e vegetais frescos. Mas não é, absolutamente, o retorno à prática de alimentar os animais com sobras da refeição humana.

repleta de insegurança alimentar e insensibilidade às reais necessidades dos animais de estimação” (LEWGOY *in* BEVILACQUA & VELDEN, 2016, p. 230) - o que é apontado também no documentário *Pet Fooled*<sup>96</sup>.

De qualquer forma, há uma controvérsia aqui: ao mesmo tempo que questiona os interesses econômicos dos grandes conglomerados da indústria alimentícia, a vertente de alimentos naturais para pets abre um (outro) nicho de mercado bem específico, de produtos (alimentos preparados frescos ou congelados, ossos carnudos crus<sup>97</sup>, venda de utensílios como medidor, moedor de ossos, panelas e freezers) e serviços (livros, cursos online e consultorias, acompanhamento com veterinários especialistas em nutrição). Alguns responsáveis por animais têm optado pelo que chamam de *alimentação gourmet para pets*, e muitas empresas têm se especializado em oferecer esses alimentos prontos, apresentando um cardápio individualizado de acordo com as necessidades nutricionais do animal, pacotes mensais e serviço de entrega para as “marmitas”. Um site sobre a relação humanos-pets descreveu a ideia:

Atualmente, as pessoas buscam cada vez mais levar uma vida saudável, inclusive com mudanças na alimentação, optando pelos alimentos sem conservantes e aditivos. Esta tendência também chegou ao mundo pet, em que a ração deixou de ser a única opção para alimentar os nossos animais de estimação [...]. Os alimentos gourmet para cachorros são preparados com ingredientes frescos devidamente balanceados e fontes naturais de proteínas, carboidratos e gorduras, além de serem enriquecidos com vitaminas e minerais, todos os nutrientes necessários para a manutenção da boa saúde do cãozinho<sup>98</sup>.

A busca crescente por este tipo de serviço – de terceirizar o cuidado com a alimentação especial do animal de estimação - talvez esteja explicada nas palavras de Lewgoy:

---

<sup>96</sup> *Pet Fooled* (documentário). Kohl Harrington (dir.). EUA, 2016, 1h10min.

<sup>97</sup> Segundo o site *Cachorro Verde*, trata-se do ingrediente predominante em uma alimentação natural crua. Disponível em: <<http://www.cachorroverde.com.br/caes/dieta-crua-com-ossos-para-caes/>>. Acesso em 24 ago. 2017.

<sup>98</sup> *Alimentação gourmet para cachorros*, Disponível em: <<https://www.clubeparacachorros.com.br/alimentacao/alimentacao-gourmet-para-cachorros/>>. Acesso em 24 ago. 2017.

Esta conjugação entre hedonismo alimentar e promoção da saúde animal exige um tipo de ascetismo intramundano nem sempre aceito. Embora muitas pessoas comunguem das críticas aos males da ração processada, nem todos estão dispostos a esse esforço conversional, preferindo buscar alternativas verdes ou comprar alimentos crus em novas marcas ou empresas caseiras que surgiram para esse fim (LEWGOY *in* BEVILACQUA & VELDEN, 2016, p. 234).

As empresas ligadas ao mercado pet, sejam elas grandes ou pequenas, com suas várias frentes de ação (redes sociais, campanhas publicitárias, patrocínio de eventos de formação acadêmica, inserção nas pautas políticas através de sindicatos e associações, uso de espaços na mídia convencional, etc.) criam demandas e necessidades. Vinculam produtos e serviços a um ideal de amor e de cuidado. Sendo assim, são uns dos agentes que definem a configuração social do afeto pelos animais de estimação emergente nas sociedades contemporâneas.

### 3.3 AS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DO UNIVERSO PET: REFLEXÕES ACERCA DE IMAGENS E TEXTOS

Mas em todos os mercados valem as mesmas regras. Primeira: o destino final de toda mercadoria colocada à venda é ser consumida por compradores. Segunda: os compradores desejarão obter mercadorias para consumo se, e apenas se, consumi-las for algo que prometa satisfazer seus desejos. Terceira: o preço que o potencial consumidor em busca de satisfação está preparado para pagar pelas mercadorias dependerá da credibilidade dessa promessa e da intensidade desses desejos (BAUMAN, 2008, p. 18).

Após analisar mais de trezentos materiais publicitários impressos de produtos e serviços ligados aos cuidados com animais de estimação e à rotina médico-veterinária, os estandes da feira acompanhada, dezenas de revistas específicas da área e inúmeras propagandas veiculadas na mídia, identificou-se uma recorrência de discursos, organizados em quatro categorias: *Responsabilização*, *Satisfação* (do humano e/ou do

animal), *Distinção e Antropomorfização*, todas num diálogo bastante conexo entre si.

A questão da responsabilização da pessoa que se dispõe a ter um animal de estimação, como já apontado no capítulo anterior, foi onipresente ao longo desta pesquisa: na fala dos profissionais da área, dos vendedores nos estandes da feira, nos materiais publicitários e entre os próprios responsáveis – “porque se é pra você não dar assistência, não cuidar, não tenha um animal” (Responsável pela Sofia, 2015). Os discursos, em geral, enfatizam a responsabilização ligada a conceitos de bem estar, qualidade de vida e cuidados com a saúde. Campanhas publicitárias enfatizavam ideias como:

*“proteger é seu primeiro ato de amor”*  
*“quem é amigo cuida assim”*  
*“qualidade que eles merecem”*  
*“microchipe seu pet”*  
*“quem ama cuida”*  
*“bicho não é lixo”*  
*“fim digno”*  
*“we take care of their health, you take care of their happiness”*  
*“comida de verdade para um amigo de verdade”*  
*“o cuidado que eles merecem”*  
*“cães precisam brincar”*  
*“seu animal mais seguro”*  
*“enriqueça o ambiente do seu cão”*  
*“mime seu pet”*  
*“dê a ele essa chance”*

Chama a atenção, nesses enunciados, o caráter impositivo, o uso do modo verbal imperativo, a vinculação de amor/amizade à ação proposta ali. Talvez cada um deles em um folder, isoladamente, não soe como uma ordem. No entanto, quando sistematizados e analisados no conjunto das publicações, criam juntos uma espécie de modelo a ser seguido – e que abre brechas para questionar quem não o siga. Quando se observam as imagens, algumas publicidades se valem de estratégias mais diretas (como a figura 9) de vincular o produto ao cuidado (não só com o animal, mas também com a saúde das crianças), enquanto outras atribuem responsabilização de uma maneira mais ou menos (figs. 10 e 11) direta.

Figura 9, 10 e 11

PEQUENOS HERÓIS QUE SALVAM NOSSO DIA TAMBÉM PRECISAM DE PROTEÇÃO CONTRA GRANDES VILÕES



**BAYER**

DRONTAL<sup>®</sup> É PROTEÇÃO EFICAZ CONTRA VERMES E GIÁRDIA

**KONG**<sup>®</sup>

Brinquedos Inteligentes



*Cães precisam brincar.*

CONTRA A GRIPE CANINA,  
A DECISÃO É SUA.  
A PROTEÇÃO É NOSSA.



Injetável ou intranasal. Oriente sobre a doença e a importância da vacinação.

**BronchiGuard<sup>®</sup> Bronchi-Shield III**

Uma das partes mais importantes da responsabilização do humano em relação ao animal é a do controle sobre o corpo, e isso pode ser feito de forma cada vez mais otimizada. Na Internet, há vários sites e

aplicativos para dispositivos móveis disponíveis para este fim. Também na feira, dois expositores traziam soluções para *gerenciar* a vida do animal: uma editora trazia o Diário do Meu Pet, “um documento completo para seu animal de estimação, caderneta de vacinas com atestados de saúde [...] e banho e tosa”<sup>99</sup> e uma empresa de software apresentava o Pet Book Life,

a forma mais eficiente de atender Clientes do Mundo Pet! Um app para manter um registro completo da vida dos Pets, além de lembrar dos futuros compromissos. Esta é a mais completa ferramenta para gerenciar a vida dos animais de estimação, conectando o usuário diretamente com os profissionais pets<sup>100</sup>.

Aliado ao discurso da responsabilização apresenta-se, de forma bastante variada, a ideia de satisfação, essa característica tão intrínseca ao consumo. Nos materiais analisados, ela surge sempre vinculada à noção de felicidade, assim como Bauman já havia mostrado:

O valor mais característico da sociedade de consumidores, na verdade seu valor supremo, em relação ao qual todos os outros são instados a justificar seu mérito, é uma vida feliz. A sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a prometer felicidade na *vida terrena, aqui e agora* e a cada “agora” sucessivo. Em suma, uma felicidade instantânea e perpétua (BAUMAN, 2008, p. 60).

A felicidade através da satisfação do consumo na relação entre humanos e seus pets é algo no mínimo confuso, visto que essa satisfação às vezes é do humano, às vezes do animal, e às vezes aparece mesclada na relação. As informações obtidas no campo corroboraram com o que Pessanha e Carvalho (2015) apontaram, ao analisarem as campanhas de marketing voltadas aos responsáveis por animais de estimação. Os autores identificaram uma antropomorfização afetiva que se dá no ato de consumo, e que envolve os humanos e os animais de estimação. Na relação cada vez mais complexa entre humanos e seus pets, há espaço para introduzir novos hábitos e necessidades de consumo:

---

<sup>99</sup> Pet South America. Catálogo oficial, 2015, p. 34.

<sup>100</sup> *Idem*, p. 66.



As empresas de bens e serviços para animais de estimação, mesmo cientes da distinção animais e humanos, produzem campanhas de *marketing* onde estas duas categorias se confundem, tendo em vista fortalecer a motivação para a compra de seus produtos por parte dos potenciais consumidores. (PESSANHA & CARVALHO, 2015, p. 189)

Quando essas categorias se confundem, já não se sabe mais quem se satisfaz. Mas talvez isso não seja o mais importante, desde que esteja garantida a satisfação em si. E ela pode vir através de cerveja, brigadeiro e coxinha, por exemplo (figuras 12 e 13); ou de outros petiscos que dão prazer aos cães – a imagem de animais lambendo os lábios (fig. 14) ou de olhos arregalados (fig. 15) é vinculada a quase todos as publicidades desse tipo de produto. A satisfação em oferecer ao animal querido comidas diferentes do dia-a-dia, ou alimentos que imitem os de humanos – sushi, panetone, sorvete, ... – é profundamente presente na relação interespecífica. No hospital veterinário, ouvi relatos de idosos que davam alimentos açucarados ou hipercalóricos escondido aos cachorros, tal como fariam com seus netos humanos.

Figuras 12 e 13.





Figuras 14 e 15



Algumas satisfações, no entanto, são exclusivamente humanas, tais como a maioria das roupas ou fantasias, joias e bijuterias, produtos de beleza e procedimentos estéticos. Isso torna-se explícito em muitas

propagandas, em que, ao invés de se afirmar o quanto o produto faz bem ao animal, enfatizam justamente o fato de que *não faz mal*, como a linha de bijuterias adesivas “de fácil aplicação, não repuxa a pele, não estressa o animal, não mancha e não deixa resíduo no pelo”<sup>101</sup>.

Ao reunirmos os termos citados nos diferentes materiais publicitários em um quadro conceitual, é perceptível que algumas ideias se agrupam em torno de questões como bem-estar, personalidade ou inovação.

Quadro 3 - Quadro conceitual de termos presentes nos materiais publicitários de produtos e serviços pet.

<i>Bem-estar</i>	<i>Personalidade</i>	<i>Inovação</i>
<i>Felicidade</i>	<i>Beleza</i>	<i>Modernidade</i>
<i>Saúde</i>	<i>Exigente</i>	<i>Moderno</i>
<i>Higiene</i>	<i>Sofisticação</i>	<i>Contemporâneo</i>
<i>Conforto</i>	<i>Luxo</i>	<i>Tecnologia</i>
<i>Prazer</i>	<i>Estilo</i>	<i>Excelência</i>
<i>Amizade</i>	<i>Exclusivo</i>	<i>Inteligência</i>
<i>Cuidado</i>	<i>Diferenciado</i>	<i>Qualidade</i>
<i>Proteção</i>	<i>Único</i>	
	<i>Moda</i>	

A questão da *modernidade* - vinculada aos outros conceitos da última coluna do quadro 3 - aparece com muita frequência. Do nome da empresa que fabrica arranhadores, *Gato Moderno* (fig. 15), ao catálogo de guias (fig. 16), passando pela descrição de inúmeros outros produtos e procedimentos no catálogo oficial da feira.

Essa ânsia popular por ser moderno não é novidade, e aqui podemos recorrer a Latour para compreender a questão:

Através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. Quando as palavras “moderno”, “modernização” e “modernidade” aparecem, definimos, por contraste, um passado arcaico e estável. Além disso, a palavra encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, em uma briga, onde há ganhadores e perdedores, os

<sup>101</sup> Pet South America. Catálogo Oficial 2015, p. 76.

Antigos e os Modernos. “Moderno”, portanto, é duas vezes assimétrico: assinala uma ruptura na passagem regular do tempo; assinala um combate no qual há vencedores e vencidos (LATOURE, 2013, p. 15).

Figuras 16 e 17



É provavelmente a partir da noção de moderno apontada acima que foram se estabelecendo as marcas e propagandas que vinculam modernidade e animais de estimação. O irônico aqui é que tal situação dialoga com aquilo que exatamente constitui a modernidade: para Latour, a palavra “moderno” designa dois conjuntos de práticas bem diferentes entre si, e que devem permanecer distintas para que sejam eficazes – mas recentemente deixaram de sê-lo:

O primeiro conjunto de práticas cria, por “tradução”, misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por “purificação”, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro. Sem o primeiro conjunto, as práticas de purificação seriam vazias ou supérfluas. Sem o segundo, o trabalho de tradução seria freado,

limitado ou mesmo interditado (LATOURE, 2013, p. 16).

A partir disso, é possível pensarmos que o ato de estarmos deliberadamente nomeando os pets como indivíduos modernos seja exemplar de uma aproximação entre as práticas de tradução e purificação, justamente aquilo que Latour afirma que não deve ocorrer dentro de uma noção de modernidade. A modernidade dos pets seria (mais uma) evidência do paradoxo que o autor apresenta: “quanto mais nos proibimos de pensar os híbridos, mais seu cruzamento se torna possível; este é o paradoxo dos modernos que esta situação excepcional nos permite enfim captar” (*op. cit.*, p. 16).

A ênfase naquilo que é moderno e inovador demonstra-se em muito alinhada à busca por distinção – no sentido proposto por Bourdieu – que observo como uma terceira categoria presente nas campanhas publicitárias, relacionadas aos conceitos apresentados anteriormente na segunda coluna do quadro 3. Para o autor, no consumo distintivo

o que está em jogo é precisamente a “personalidade”, ou seja, a *qualidade* da pessoa, que se afirma na capacidade de apropriar-se de um objeto de qualidade. Os objetos dotados do mais elevado poder distintivo são aqueles que dão melhor testemunho da qualidade da apropriação, portanto, da qualidade do proprietário (BOURDIEU, 2013, p. 263).

O pet, quando inserido num universo de consumo que valoriza a *moda*, o *estilo* e o *luxo* a partir de produtos *exclusivos*, *únicos* e *diferenciados*, para um público *exigente* e *sofisticado* – todos estes termos usados em campanhas publicitárias - acaba servindo como (mais uma) ferramenta no complexo jogo da distinção social. A partir dele, é possível acessar certos códigos da vida em sociedade que dizem qual é o lugar do indivíduo (humano): a raça do animal, a caminha, as festas de “auniversário”, a ração, etc.

As empresas do ramo, por sua vez, exploram e incentivam essa possibilidade do pet como símbolo da distinção social. Os materiais publicitários com frequência apresentam e sugerem uma suave ambiguidade, uma espécie de dúvida se o estilo e exigência de que falam é do animal ou do humano (figuras 18 a 21).

Figuras 18 a 21.

**دبي Pet**  
Autêntico e exclusivo

A Dubai Pet apresenta ao mercado linhas exclusivas de produtos para pets. São móveis e acessórios, numa coleção conceitual, com produtos diferenciados que vão do clássico ao moderno, com qualidade e acabamento perfeito. Com os 20 anos de experiência neste segmento, Charley Ferreira Lopes, busca exclusividade em produtos hi-end, dirigidos ao mercado de luxo.

**Reclináveis Dubai PET**  
Módulos reclináveis em diferentes cores  
• Cód. 001 - Preto, Branco e Madeira  
• Cód. 002 - Preto, Branco e Madeira  
• Cód. 003 - Preto, Branco e Madeira

**Dubai Dubai PET reclinável**  
Módulo reclinável em diferentes cores  
• Cód. 004 - Preto, Branco e Madeira  
• Cód. 005 - Preto, Branco e Madeira  
• Cód. 006 - Preto, Branco e Madeira

**Arquena reclinável Dubai PET em alumínio**  
• Branco, madeira e vidro  
• Cód. 007 - Preto, Branco e Madeira  
• Cód. 008 - Preto, Branco e Madeira  
• Cód. 009 - Preto, Branco e Madeira

**Tru cama Dubai PET em alumínio com**  
• Branco, madeira e vidro  
• Cód. 010 - Preto, Branco e Madeira  
• Cód. 011 - Preto, Branco e Madeira  
• Cód. 012 - Preto, Branco e Madeira

**Dubai Dubai PET em alumínio com**  
• Branco, madeira e vidro  
• Cód. 013 - Preto, Branco e Madeira  
• Cód. 014 - Preto, Branco e Madeira  
• Cód. 015 - Preto, Branco e Madeira

**Premier Gatos**

MÁXIMA SOFISTICAÇÃO NUTRICIONAL PARA GATOS EXIGENTES

OS PETS NUNCA TIVERAM TANTO **ESTILO!**

**RRSTRASS**  
Diferença, valoriza, inspira.

[www.rrstrass.com.br](http://www.rrstrass.com.br)

MÓVEIS DIFERENCIADOS, PARA PETS DIFERENCIADOS.

**PETMOBILI**

11 3034 3443 - 11 3034 3444 (11)  
11 3034 3445 - 11 3034 3446 (11)  
[WWW.PETMOBILI.IND.BR](http://WWW.PETMOBILI.IND.BR)

Facebook icon, Instagram icon

De fato, a ênfase do marketing no mercado pet é justamente naquilo que diferencia o produto/serviço em questão, nas suas características exclusivas e na qualidade, não necessariamente nos benefícios econômicos daquilo que é propagandeado. Dentre todos os materiais impressos analisados, poucos falavam em “relação custo/benefício” – apenas aqueles voltados para médicos veterinários ou lojistas – e somente um folder voltado para responsáveis por animais destaca o “preço acessível” do produto. Economizar não parece ser uma prioridade a ser incentivada na relação com um animal de estimação. Já outras características, como a antropomorfização dos animais, é cada vez mais reforçada nas campanhas. Cachorros vestidos como gente (fig. 22), ou balões de diálogo juntos aos corpos dos animais nas imagens (figuras 23 e 24) – dando voz aos animais para que expressem suas vontades e gratidões – são comuns. Sendo assim, é perceptível que o discurso em defesa da antropomorfização enfatiza a aproximação entre o humano e o animal, suas ligações mais íntimas, aquelas que tornam o afeto possível – afinal, já não se tratam mais de animais selvagens, mas de amigos ou filhos, próximos a nós.

Figuras 22, 23 e 24





A antropomorfização exige, por outro lado, que este animal esteja limpo, bem como o espaço que ele ocupa. O discurso em defesa da higiene, na relação interespecífica, vem sempre acompanhado das noções de cuidado, qualidade de vida e bem estar (conforme apontado no quadro 3). A higiene e o asseio são alguns dos conceitos mais caros à civilidade, como nos mostra Elias (1994a, p. 72); no entanto, o autor aponta que, paradoxalmente, é muito difícil falar sobre isso: “O maior ou menor desconforto que sentimos com essas pessoas que discutem ou mencionam suas funções corporais mais abertamente, que ocultam ou restringem essas funções menos que nós, é um dos sentimentos dominantes no juízo de valor ‘bárbaro’ ou ‘incivilizado’”.

Aos indivíduos não-humanos agraciados com sua aceitação e inserção num ideal civilizatório, fica a obrigação de seguir o modelo. Como aponta Segata, a humanização dos animais de estimação nos remete à equivalência biológica que existe entre nós e eles:

Cães vestidos como crianças, gatos no colo, chamados de “meu menino”, animais abatidos para o consumo ou dependentes de fluoxetina formam o protótipo de uma imagem controversa, que se traduz tanto em sensibilização como em



reprovação, justiça ou exagero, dever ou heresia. Igualmente, o que vem como reflexão geral é aquilo que cabe na provocação de que a chave que aciona essas medidas se nutre da suposição de uma igualdade moral – a de que *os animais também são gente*. Mas [...] muitas dessas diretivas se valem de uma equivalência biológica – a de que *os humanos também somos animais*, ou seja, a crescente humanização dos animais não se nutre apenas de equivalências culturais (SEGATA, 2012, p. 278).

A importância dada à higiene e limpeza na relação interespecífica fica evidente quando se analisa o mercado: há hoje uma oferta abundante de produtos para higiene tanto do animal (sabonete, shampoo, condicionador, óleo, perfume, hidratante, loção para banho seco, lenço e toalha umedecida, absorvente e fralda descartável, fluido para limpeza de orelhas, loção limpa patas, botas higiênicas, gel e escova dental, ...) quanto da casa, carro ou outro espaço em que o animal circule (tapete, areia ou granulado higiênico para defecação, educador sanitário, rolo adesivo, capa anti-pelo, desinfetante, pó para remoção de dejetos, neutralizador de odores, e outros). O nome deste último produto é exemplar de um dos objetivos principais de todo esse aparato de limpeza: *neutralizar odores*, retirar do pet suas características, distanciá-lo da animalidade dos maus cheiros e perfumá-lo com uma fragrância de cheirinho de bebê. A preocupação de neutralizar odores é presente tanto no ambiente residencial quanto no hospitalar, e a propaganda de alguns produtos concentra-se nas clínicas e hospitais como público-alvo. (fig. 25)

Figura 25



Além de manter a casa livre dos odores e resíduos do animal, é importante que os seus pertences combinem com a decoração da casa. Ainda que em princípio pareça algo banal, praticamente todos os materiais publicitários de camas e móveis para pets trazem essa consideração:

Trabalhamos para que nossos produtos desempenhem um papel fundamental nos melhores momentos de convivência e amizade entre você e seu melhor amigo, *integrados a decoração do seu lar* (Catálogo Oficial Pet South America, 2015, p. 62, grifo meu)

Mobiliário pet *integrado à decoração da sua residência*, aparador, mesa de centro, estante, criado-mudo, apoio de cama, todos adaptados ao seu pet (Catálogo Oficial Pet South America, 2015, p. 70, grifo meu).

Apresenta uma nova proposta de produtos, aliando funcionalidade e arte. A proposta é *inserir os produtos do animalzinho à decoração da casa*, com muita classe, diversão e bom gosto (Catálogo Oficial Pet South America, 2015, p. 75, grifo meu).

Todos esses elementos apontam para uma complexa ligação entre consumo e afeto. Algo que não é exclusivo das relações interespecíficas (BAUMAN, 2004; 2008), e sim um fenômeno agudizado em nosso tempo, que se prolonga para além das relações de afeto entre humanos e se expande para aquilo que se sente por animais de estimação. Hoje, o afeto pode ser comprovado pela fatura do cartão de crédito.

Mas mais do que isso, há algo nessa associação entre afeto e consumo que está no discurso, nas imposições que o mercado e o discurso competente médico-veterinário colocam ao indivíduo responsável pelo animal de estimação, que remete à uma configuração social de afeto: uma espécie de modelo emergente de como amar e cuidar do animal. Dessa forma, não há como desconsiderar o fato de que a relação entre humanos e animais de estimação é sim, hoje, profundamente marcada por uma humanização que atinge o segundo e um profundo consumismo que envolve a ambos.

Talvez, aos pesquisadores que ainda tenham dificuldades de avistar essa correlação, a questão esteja muito mais na aproximação afetiva com o objeto do que na falta de evidência empírica. Não que isso

seja algo essencialmente negativo, mas faz pensar em nossa relação com o tema: o quanto estamos (ou não), cada um de nós, pesquisadores, imersos em relações familiares multiespecíficas, e o quanto isso está impresso em nossos textos<sup>102</sup>?

Ao pensar nisso, me remeto à tese de Lima (2016), que propôs o conceito de sensibilidade de empatia interespecie, num intento de oferecer mais complexidade teórica às ideias atualmente vigentes na sociologia e na antropologia, ligadas à antropomorfização dos animais<sup>103</sup>, que, para a autora, são simplistas e desconsideram a sensibilidade de compreender o animal enquanto membro da família como algo legítimo.

Certamente essas relações envolvem representações sociais e uma boa dose de fantasias e de consumismo, mas as relações entre humanos também possuem esses elementos e nem por isso as ciências sociais pretendem reduzir a simbolismos e fantasias o que se passa entre indivíduos humanos (LIMA, 2016, p. 17).

Apesar de considerar o conceito proposto pela autora altamente relevante, e de encontrar muitas afinidades com o seu caminho teórico, especialmente nos usos de Bauman e Elias, compartilhando parcialmente de muitos dos seus apontamentos, vejo problemas em sua crítica: me parece que a dificuldade da autora em aceitar as reflexões acerca do consumismo e fetiche mercadológico que envolvem as relações interespecíficas, que a afirmação de que os pesquisadores vêm utilizando apenas a noção de antropomorfização para explicar quaisquer características dessas relações e que as ciências sociais as reduzem a simbolismo e fantasias são um pouco problemáticas. Por mais que a ideia de uma sensibilidade interespecie relacionada ao processo civilizador se encaixe adequadamente para responder várias das relações entre humanos e cães e gatos – especialmente o fenômeno dos defensores e ativistas dos direitos animais, campo de análise da autora -, não se demonstra viável pensarmos todas essas relações a partir da chave da sensibilidade e da

---

<sup>102</sup> A minha própria relação com o objeto – e as dificuldades e possíveis críticas e contradições envolvidas aí - está descrita na introdução deste trabalho, mas continuamente exposta em outros trechos.

<sup>103</sup> De acordo com Lima (2016), essa perspectiva estaria presente em autores como DIGARD, 1998 E 2004; DESCOLA, 1998; PASTORI, 2012; PESSANHA & PORTILHO, 2008; SERPELL, 2003 e outros.

empatia; há aí também distinção, desencaixes e ambivalências que vão muito além de uma nova sensibilidade.

### 3.4 AS RELAÇÕES INTERESPECÍFICAS E A NOÇÃO DE CLASSE: UMA REFLEXÃO INEVITÁVEL

Na prática, era quase impossível pensar nos animais sem se cair no conflito de percepções que derivava da divisão de classes (THOMAS, 2010, p. 261).

Trazer a discussão da noção de classe, vinculada à das relações interespecíficas, foi uma decisão posterior ao projeto de pesquisa, advinda da pura necessidade demonstrada pelo campo empírico. Não há como adentrar agora na vasta produção acerca deste conceito na sociologia; por ora, parece suficiente afirmar que estou partindo de uma noção de classe que se distancia da concepção do marxismo tradicional – focada na exploração da mais-valia – e que se aproxima de vertentes que consideram classe a partir da chave da dominação no seu sentido mais amplo. De todo modo, a ideia de classe precisa ser comentada neste trabalho, pois como afirma Miliband,

A análise de classes só poderia tornar-se irrelevante com o advento de uma sociedade sem classes. Há um longo caminho a percorrer antes que isso se torne realidade. Mas é provável que ela se concretize menos lentamente se um número maior de pessoas, em especial na população subordinada, vier a ter uma visão acurada da realidade social e dos conflitos que estão no centro dessa realidade. A análise de classes, melhor do que qualquer outro modo de análise, torna essa compreensão possível (MILIBAND *in* GIDDENS & TURNER, 1999, p. 501).

Essa discussão, aqui, tem duas razões de ser: uma simbólica, e outra material. Simbolicamente temos, de acordo com Thomas (2010), que a forma como os animais em geral foram tratados ao longo do tempo pelos seres humanos, tem uma profunda relação com a forma como a humanidade lidou com os *indesejáveis* de sua própria espécie: os loucos, as mulheres históricas, as crianças mimadas. Ainda segundo o autor, a

partir dos séculos XVII e XVIII, muitas das pressões da classe média inglesa para acabar com os esportes que usavam animais (arremessos de paus em galos ou açulamentos de touros e rinhas) “provinha de um anseio por disciplinar a nova classe trabalhadora segundo padrões mais elevados de ordem pública e hábitos mais industriosos” (*op. cit.*, p. 263), numa espécie de campanha da classe média a fim de civilizar as camadas inferiores. Além disso, regras de etiqueta que comparam as formas de lidar com os animais e com os servos/trabalhadores são citadas por Elias (1994a) e também por Thomas (2010, p. 269): “os animais eram como os empregados: respondiam melhor a um tratamento razoável”.

Por trás da evidente distinção de classes havia uma fronteira muito nítida entre as sensibilidades. A delicadeza com os animais era um luxo que nem todos tinham condições de praticar. Tal como as classes trabalhadoras do início do século XIX, dependendo do trabalho de seus filhos, relutavam em adotar o ideal (de classe média) de isolar e proteger do mundo as crianças em crescimento, a maioria dos trabalhadores continuava a considerar os animais de uma perspectiva funcional, em que não entrava sentimento (THOMAS, 2010, p. 265).

Tal consideração já nos traz às reflexões sobre os aspectos materiais que envolvem o afeto por animais de estimação. Conforme fui adentrando no universo pet, observando as relações entre veterinários e responsáveis, mapeando os produtos e serviços existentes, algumas dúvidas iam aumentando: e quem não pode pagar por tudo isso, como cuida do seu animal? Uma pessoa que não tem condições financeiras de arcar com este *pet lifestyle*, ainda assim terá o aval da sociedade para ser responsável por um animal?

Uma das situações que me fez pensar nisso foi em uma ida ao mercado (já que, quando se faz uma tese, ela nos acompanha em todos os lugares que vamos, em todas as conversas que temos): ao entrar no estabelecimento, vi um anúncio exclusivo com as promoções do setor pet (que, aliás, ocupa um corredor inteiro no interior da referida loja). Eram 24 produtos oferecidos, principalmente rações e *snacks*, mas também tapetes higiênicos, em uma folha tamanho A3 frente e verso (fig. 26). O destaque se dá para a frase centralizada no alto do anúncio: “*vale a pena investir em quem a gente ama*”. A partir disso, é possível pensar que, se o contexto social em vivemos afirma que vale a pena investir em que a

gente ama, podem haver consequências para quem não quer ou não pode investir tal qual proposto.

No grupo focal realizado com mulheres que haviam trabalhado como empregadas em casas com animais ou como *pet sitters*, o sentimento, em geral, era de um certo incômodo com a possibilidade de terem seu papel como tutoras questionado, visto que todas elas também tiveram ou têm animais de estimação. A fala de uma delas foi muito clara a este respeito:

Pobre também pode ter bicho, né? Complica, porque nem sempre dá pra levar ao veterinário, então a gente reza pra não ficar doente, que nem com os filhos [risos], mas de resto é tudo igual, ração, tudo. Só que ultimamente tem tanta coisa pra bicho que a gente fica até meio assim, parece que se não comprar é porque a gente não gosta deles (Estudante III, grupo focal, 2016).

Figura 26



De qualquer forma, seria uma ingenuidade acreditar que apenas a camada com maior poder aquisitivo é quem mantém o mercado de animais de estimação aquecido. Pelo contrário. Segundo uma estimativa do IBOPE<sup>104</sup>, em 2013 as classes B e C foram responsáveis por mais de 70% do consumo neste ramo no país. Importante destacar também que os relatos obtidos das veterinárias enfatizam que não há necessariamente uma ligação direta entre ter dinheiro e cuidar bem do animal: muitas pessoas gastam quantias que ultrapassam em muito o seu orçamento, e outras que têm muito dinheiro optam por não avançar em certos procedimentos sugeridos pelos médicos.

Além disso, cada vez mais, para esse público consumidor específico - o das classes populares - como já havia demonstrado Bourdieu (2013), há um conjunto de substitutos dos artigos consumidos pelas classes dominantes. No caso do mercado pet, são rações com preços mais acessíveis, bijuterias como substitutos das joias, acessórios e brinquedos de polímeros de qualidade inferior, etc.

Tratar de classe aqui, então, é fundamental para enfatizar que nem só de costumes e cultura vivem as relações entre humanos e não-humanos, mas que há uma imbricada interdependência entre os aspectos culturais, psicológicos, históricos, sociais, políticos e econômicos que regem essas interações.

Muitas das desigualdades de classe existentes em nossa sociedade se refletem nas relações interespecíficas, e alguns exemplos estão ligados à legislação referente aos direitos animais, como o aumento significativo de leis municipais proibindo o uso de animais para transporte de carga nas cidades (o que afeta, obviamente, as camadas mais fragilizadas economicamente, de carroceiros e catadores de materiais recicláveis), ao mesmo tempo em que grupos de direitos animais enfrentam imensa resistência ao tentar banir vaquejadas e rodeios<sup>105</sup>, sob argumentos ligados às questões de tradição e cultura, enquanto os empresários do setor faturam milhões com esses eventos.

---

<sup>104</sup> Estimativa do Pyxis Consumo, ferramenta de dimensionamento de mercado do Ibope Inteligência. Disponível em: <[www.economiasc.com.br](http://www.economiasc.com.br)>. Acesso em: 11 jan. 2014.

<sup>105</sup> *Senado aprova PEC que derruba decisão do STF proibindo vaquejadas e rodeios*, Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/senado-aprova-pec-que-derruba-decisao-do-stf-proibindo-vaquejadas-rodeios-20927122>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

### 3.5 DIREITOS ANIMAIS E OS USOS POLÍTICOS DO AFETO

Há uma profunda disparidade entre o que dizemos acreditar sobre os animais e como, de fato, os tratamos. (FRANCIONE, 2013, p. 21)

Para Thomas (2010, p. 203), a principal crueldade contra os animais, no início do período moderno, era a indiferença: a dor dos animais, assim como a dos humanos fora do próprio círculo social, era um assunto de interesse menor. Como visto anteriormente, de acordo com o autor, muitas ações ligadas à defesa dos animais nos séculos XVII e XVIII na Europa tinham como objetivo disciplinar a civilizar a nova classe trabalhadora inglesa.

Seria a partir da questão formulada no século XIX pelo advogado e filósofo inglês Jeremy Benthan – “os animais podem sofrer?” – que os direitos animais teriam sido então mais seriamente discutidos. De acordo com Derrida,

todo mundo sabe que terríveis e insuportáveis quadros uma pintura realista poderia fazer da violência industrial, mecânica, química, hormonal, genética, à qual o homem submete há dois séculos a vida animal. E o que se tornaram a produção, a criação, o transporte e o abate desses animais (DERRIDA, 2011, p. 53)

Para Derrida, a pergunta de Benthan muda o estatuto da relação filosófica entre humanos e animais, e nos obriga a pensar em nossas responsabilidades e obrigações. Já Francione (2013), a partir da perspectiva abolicionista, lembra que Benthan, ainda que tenha explicitado a senciência dos animais como prova do seu status moral, jamais questionou o status dos animais como *propriedade* dos humanos. Sendo assim, mesmo que passassem a receber tratamento humanitário, os animais não deixavam de ser considerados *coisas*.

Calcado nesta polêmica desde o seu princípio, o movimento pelos direitos animais, de maneira institucionalizada, existe desde o início do século XIX, preocupado então com o tratamento destinado aos cavalos utilizados para trabalho e os cães de rua na Inglaterra, ou com cães roubados para vivissecção nos Estados Unidos. Com o tempo, pequenos grupos se preocupavam com os interesses dos animais em geral – não só



dos cães ou cavalos. Na década de 1970 ativistas já defendiam uma completa abolição da exploração animal. Entre 1970 e 1980, muitas organizações que hoje são referências surgiram e algumas obras expoentes do assunto foram publicadas. No Brasil, a discussão passa a ocorrer posteriormente, e é na década de 2000 que toma uma dimensão de fato relevante no cenário político (e econômico) do país. Calcula-se que existam atualmente 27 organizações animalistas abolicionistas presentes em mais de cinquenta cidades brasileiras (SOUZA, 2016).

Como esse debate ocorre hoje no cenário político convencional brasileiro? Buscando encontrar caminhos para responder a essa indagação mais ampla, foi realizado um levantamento de dados existentes em documentos oficiais, páginas e redes sociais sobre os espaços que estão se abrindo para esta discussão. Para isso, analisei a construção e configuração de quatro espaços: a Câmara Setorial da cadeia produtiva pet no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; a Frente Parlamentar dos Direitos Animais; a “Bancada Pet” no Congresso e o recém-lançado partido-movimento político ANIMAIS, organizado pela Frente de Ações pela Libertação Animal juntamente com ONGs e outros atores.

A Câmara Setorial foi criada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento em novembro de 2012. Segundo o site do Ministério, o fórum reúne representantes do governo e do setor privado para debater assuntos essenciais para o fortalecimento do mercado de animais de estimação, bem como fomentar e implementar políticas públicas para esse segmento. O principal objetivo da criação do foro foi promover o crescimento do setor com geração de renda e emprego. Dentre as ações da Câmara Setorial tem-se como exemplo, em 2013, a construção de um marco regulatório para a produção (criadouros), indústria (produtos veterinários, alimentos e *pet care*) e comércio de animais domésticos. Dentre as ações da Câmara disponibilizadas na mídia encontra-se, por exemplo, que em 2014 o grupo obteve assinatura do ministro da Pesca e Aquicultura, Eduardo Lopes, em uma instrução normativa para simplificar e agilizar a emissão de guias para o transporte de peixes ornamentais, com o objetivo de beneficiar os produtores e lojistas dedicados a esse comércio (BRASIL, 2014). Por *e-mail*, fui informada pela secretaria executiva da Câmara que o fórum não conta com representantes de movimentos pelos direitos animais, somente políticos e empresários do setor.

A Frente Parlamentar em defesa dos animais foi instalada no Congresso Nacional em setembro de 2011. Desde o início, mantém comunicação com os movimentos ambientalistas e entidades que atuam

em defesa dos direitos animais. A Frente foi criada com o apoio de 212 deputados e em 2016 contava com 225 – sendo 47 signatários (fora de exercício). Desde o seu início é presidida por Ricardo Izar, à época filiado ao Partido Verde (PV) e atualmente no Partido Social Democrático (PSD). A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre os maus tratos contra animais está ligada a esta Frente e entregou seu relatório final em fevereiro de 2016<sup>106</sup>. A Frente Parlamentar tem uma página bastante ativa no Facebook, com quase trinta mil curtidas<sup>107</sup>. Atualmente, percebe-se também um crescimento no número de Frentes Parlamentares em defesa dos animais nas casas legislativas estaduais e municipais.

Ligada a esta frente parlamentar há o que informalmente foi instituído como “Bancada Pet”. Apesar de não haver uma listagem oficial, muitos deputados federais, em seus sites e páginas nas redes sociais se intitulam participantes da bancada. No estado de São Paulo, os deputados estaduais também passaram a compor uma bancada que vem sendo tratada pelo mesmo nome<sup>108</sup>. Dentre o material analisado a respeito destes espaços, pode-se afirmar que há uma mescla que aproxima as reivindicações de movimentos pelos direitos animais e de empresários do setor, ligados à Câmara Setorial citada anteriormente. Em algumas matérias, torna-se difícil distinguir quais são as pautas ligadas à defesa do ecossistema, ao setor econômico do agronegócio, à defesa dos direitos animais de maneira geral ou às questões referentes aos pets efetivamente.

O deputado federal [...] integra a Bancada Pet do Congresso Nacional, que busca ajustes nas leis que tratam do uso sustentável da biodiversidade, visando a geração de empregos e renda, evidenciando as ações de conservação de espécies da fauna brasileira<sup>109</sup>.

---

<sup>106</sup> De acordo com o site da Câmara dos Deputados: Disponível em: <[http://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente\\_Parlamentar/440.asp](http://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/440.asp)>. Acesso em: 04 jun. 2016.

<sup>107</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/frenteparlamentar.defesadosanimais/?fref=ts>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

<sup>108</sup> *Bancada Pet: os deputados que defendem a causa animal*, disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/bichos/bancada-pet-os-deputados-que-defendem-a-causa-animal/>>. Acesso em: 04 set. 2017.

<sup>109</sup> *Deputado Colatto tem atuação ativa na Bancada Pet*. Disponível em: <<http://pmdb.org.br/noticias/deputado-colatto-tem-atuacao-ativa-na-bancada-pet/>>. Acesso em 01 set. 2017.

A Bancada Pet esteve reunida com o presidente do IBAMA [...]. Entre os assuntos abordados estão a Instrução Normativa (IN) N° 10/2011 e a criação da Lista PET [...]. A Lista PET é o conjunto de animais da fauna brasileira a serem criados e comercializados com a finalidade de estimação. Foi reforçado também a grande relevância da revisão da IN N° 10/2011, haja vista que há determinações que não podem ser cumpridas e que precisam de forma emergencial ser revistas e ajustadas à praticidade de forma a não dificultar mais ainda os procedimentos por parte dos criadores. O coordenador da Bancada PET, deputado [...], ressaltou que é de extrema impotência (*sic*) que a categoria seja ouvida. “É preciso manter o diálogo com todos os autores envolvidos neste seguimento (*sic*) que além de proteger a fauna brasileira também movimenta uma parcela significativa da economia”<sup>110</sup>

Por mais que existam no hoje, no cenário político brasileiro, vários projetos de lei ligados especificamente aos direitos animais, os objetivos político-eleitorais de estar vinculado à figura dos animais são bastante claros. Diante das novas configurações de famílias multiespécies, a tradicional imagem do político beijando criancinhas é substituída por ele abraçando animais (figura 27).

Já o Partido-Movimento político ANIMAIS ainda se encontra em fase de implantação. A proposta, lançada pela Frente de Ações pela Libertação Animal (FALA) juntamente com outros ativistas, é a de angariar fundos para a criação e registro de um partido-movimento abolicionista. Em menos de um mês de campanha, a proposta obteve quase dezessete mil reais (um valor expressivo, ainda que não tenha obtido o montante esperado, de trinta mil). Segundo a página oficial<sup>111</sup>, o

---

<sup>110</sup> *Bancada Pet reforça agenda do setor com IBAMA*. Disponível em: <<http://www.criadouro-santa-anna.com.br/site/noticia.php?id=91>>. Acesso em 01 set. 2017.

<sup>111</sup> O grupo inicialmente se utilizou de um site de financiamento coletivo: disponível em: <<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/fundacao-oficial-do-partido-movimento-politico-animais>>. Acesso em 04 jun. 2016, e atualmente já tem site próprio, disponível em: <<http://animais.org.br/>>. Acesso em 01 set. 2017.

objetivo do grupo é participar das eleições de 2018 em todo o país, avançando em políticas públicas em defesa de todos os animais.

Figura 27



Há, de fato, um forte apelo deste tema na sociedade contemporânea, que pode estar vinculado às demandas pós-materiais. Uma matéria de 2012 que apresenta e analisa a bancada pet traz a seguinte reflexão:

E os animais? Estes não votam, não falam, não se organizam e ainda tomam pedradas e chutes no traseiro de quem não tem paciência para os seus latidos. Cansada de levar esses degredados filhos para casa, essa parte do eleitorado começa a cobrar medidas do poder público, como abrigos especiais e políticas específicas (para os centros de zoonoses, castração, adoção, campanhas contra maus tratos, etc.). Pode-se questionar a urgência dessa demanda, mas ela existe. Sorte do candidato que captou essa tendência e, deslocado do discurso

tradicional, conseguiu reunir votos à direita e à esquerda<sup>112</sup>.

Entendendo os movimentos pelos direitos animais como pertencentes a um grupo maior vinculado aos movimentos ambientais, podemos relembrar que, para muitos autores (especialmente INGLEHART, 2001), as demandas ambientais refletem mudanças valorativas, pós-materiais. A partir da segunda metade do século XX, nas sociedades pós-industriais, superados os limites estritos da sobrevivência material e econômica, os indivíduos estariam se preocupando cada vez mais com questões relacionadas à sua autoexpressão, gerando uma intervenção cidadã na política (RIBEIRO & BORBA, 2010). Nesse sentido, a preocupação com questões ambientais, éticas, de direitos do consumidor, entre outras, seriam alçadas ao posto de preocupação principal na trajetória de muitos indivíduos.

Esta demanda pós-material mostra-se diretamente ligada ao uso intensivo da Internet. A ampliação da discussão sobre os direitos animais tem sido garantida pelas novas tecnologias de comunicação e informação, vinculada aos novos formatos de ativismos sociais. Os ativistas em defesa dos direitos animais têm utilizado a Internet como meio de disseminar o que consideram uma nova cultura, a de observar a realidade a partir do ponto de vista do animal, como sujeito de direitos. Um exemplo disso é a Agência de Notícias de Direito Animal (ANDA), primeira agência de notícias do mundo dedicada exclusivamente aos assuntos relacionados aos direitos animais (ARANGUIZ, 2013).

A defesa de revisão da legislação ambiental brasileira, conferindo uma mudança no status jurídico dos animais, dando-lhes reconhecimento como sujeitos de direitos despersonalizados, é uma bandeira de políticos, entidades não-governamentais, grupos organizados em redes sociais na internet, e aparece também em trabalhos acadêmicos, como o de Noirtin (2014).

Percebe-se, nos discursos em defesa de criação de políticas públicas e de leis de proteção animal, a apropriação das teorias sobre os direitos animais. Estas teorias estão profundamente ligadas ao ativismo, sendo que, na maioria das vezes, é muito difícil separar as teorias de cunho mais analítico das mais valorativas. Essa característica marca toda a intelectualidade ligada aos direitos animais – que guardam diferenças relevantes entre si – mas a teoria abolicionista, na qual se baseia a maior

---

<sup>112</sup> *Vem aí a bancada do pet*, em <https://www.cartacapital.com.br/politica/vem-ai-a-bancada-do-pet>, acesso em 01/09/2017.

parte dos movimentos, tem em seu autor principal, o filósofo e jurista Gary Francione (2013), um ativista bastante conhecido. Na internet, além de perfil em várias redes sociais, o autor também disponibiliza *podcasts* e demais materiais de divulgação.

Em alguns dos espaços analisados, apresentam-se atuações conjuntas de representantes de movimentos em defesa dos direitos animais, do mercado e do Estado. Esta relação nem sempre é tranquila, visto que os interesses podem ser muito distintos; ainda assim, muitos deles são pautados nas teorias de intelectuais dos direitos animais. A teoria abolicionista, por exemplo, defende o fim de toda e qualquer exploração animal – e é nesta teoria que se baseia a grande maioria dos movimentos e ativismos; já a teoria do bem-estar animal (de SINGER, 1995) defende que os usos que os humanos fazem dos animais devem levar em consideração o bem-estar destes – o que é defendido pelos empresários do setor. E onde entra o Estado? A análise dessa relação com o Estado pode ser realizada, se buscarmos ser otimistas, a partir da proposta de Dowbor (2014, p. 92), entendendo a ocupação do espaço estatal a partir de um olhar para a “reconexão dos ativistas, grupos e organizações com o movimento nas interações não contenciosas com o Estado”.

Uma controvérsia constante nas teorias e ativismos ligados aos animais é a seletividade dos direitos: *quais direitos para quais animais?* A polêmica é abissal e se está longe de chegar a um consenso. Há autores que têm se debruçado sobre essas diferenciações: Joy (2014), em *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas*, afirma que a indústria da carne se utiliza de um complexo sistema de produção de um *não sentir* em seus clientes, a fim de que estes não tenham constrangimentos ou rejeições ao produto<sup>113</sup>.

Pesquisadores dinamarqueses descobriram que as pessoas se sentiam mal comendo carne que lembrasse sua fonte animal, preferindo que a carne

---

<sup>113</sup> Elias (1994) também faz apontamentos deste tipo ao apresentar sua teoria sobre o processo civilizador: “Esta direção é bem clara. A partir de um padrão de sentimentos segundo o qual a vista e trincho de um animal morto à mesa eram coisas realmente agradáveis, ou pelo menos não desagradáveis, o desenvolvimento levou a um outro padrão pelo qual a lembrança de que o prato de carne tem algo a ver com o sacrifício do animal é evitada a todo custo. Em muitos de nossos pratos de carne, a forma do animal é tão disfarçada e alterada pela arte de sua preparação e trincho que quando comemos quase não nos lembramos de sua origem” (ELIAS, 1994, p. 127-8)

fosse servida em pequenos pedaços, não em cortes inteiros. Contudo, mesmo que façamos a conexão consciente entre vacas e bifês, ainda nos sentimos menos perturbados comendo bife do que nos sentiríamos comendo carne de Golden Retriever, já que normalmente, na cultura americana, os cães não se destinam a ser comidos. O fato é que o modo como nos sentimos em relação a um animal e a maneira como o tratamos depende muito menos do tipo de animal que ele é que da percepção que temos dele. (JOY, 2014, p. 20)

Seguindo por esse caminho, Francione (2013) se posiciona de forma clara em relação aos pets: “A indústria pet, ou indústria de ‘animais de estimação’, na realidade não difere da indústria de ‘animais para comida’ ou da indústria de ‘animais para laboratório’”. (*op. cit.*, p. 147). Sua crítica não se restringe à indústria em si, mas ao próprio papel de proprietário de animais:

O fato de alguns de nós darmos um grande valor aos nossos companheiros animais não significa que esses animais tenham deixado de ser propriedade. De fato, é precisamente *porque* os pets são nossa propriedade que podemos valorá-los como algo mais do que mercadorias. [...] Se levássemos os interesses dos animais a sério, não os estaríamos domesticando como pets. [...] Por mais que amemos os cachorros e os gatos, eles continuam sendo nossa propriedade e não conseguimos evitar conceitualizá-los como tal, em qualquer situação hipotética. (FRANCIONE, 2013, 148; 269)

Para Francione, a instituição da propriedade de animais de estimação viola o direito básico dos animais de não serem considerados coisas (*op. cit.*, p. 281). É importante lembrarmos que, tanto Francione quanto Joy e outros citados aqui, podem ser inseridos na categoria de autores-ativistas. Mas neste caso apontado por Francione, ainda que seu posicionamento seja visto como bastante radical por muitos comentaristas, este parece ser um aporte teórico interessante para se refletir sobre as similaridades entre as diferentes economias animais. O

fato é que, assim como a indústria da carne ganha com o esquema do *não sentir*, a indústria dos pets parece ganhar com a universalização do *sentir*.

E muitas vezes essa configuração social de um sentimento específico para um tipo de animal específico é retroalimentada por ações que escancaram as contradições, tais como vender um animal como carne para angariar fundos para a castração de outro animal (figura 28). Ainda que essas práticas venham rareando em função das muitas críticas que sofrem, especialmente pelos movimentos ligados ao veganismo, elas ainda são recorrentes.

Figura 28

The image is a composite of two parts. On the left is a yellow poster with a black border. At the top, it reads "UM ALMOÇO ESPECIAL POR UMA CAUSA NOBRE" in bold black letters. Below the text is a photograph of a small, light-colored kitten sitting. In the bottom right corner of the poster is the logo for "Castrar um Bigodinho". On the right is a screenshot of a Facebook post from the page "Castrar um Bigodinho". The post features the "OUTBACK STEAKHOUSE" logo at the top, followed by three circular images of food: a steak, a burger, and a bowl of fries. The text of the post is in Portuguese and describes a special meal for a noble cause, mentioning a price of R\$60 and a phone number for reservations. It also includes a date range (Sunday to Thursday) and a disclaimer about vegetarian options. At the bottom of the screenshot, there are interaction buttons for "Curtir", "Comentar", and "Compartilhar", along with a comment count of "64" and a text input field for writing a comment.

De fato, ambivalências e controvérsias parecem permear essas relações, e conseqüentemente, o debate sobre os direitos animais. Em seu artigo, Wrye (2009) retoma alguns autores que irão enfatizar o caráter ambivalente das razões que levam os seres humanos a terem animais de estimação: amor verdadeiro vinculado a um desejo de dominação – afinal, tem-se o poder de definir a alimentação, o sono, o modo de vida do animal; preocupações tanto com o bem-estar animal quanto com a qualidade de vida humana adquirida pela companhia do animal; prazer pela companhia que não inviabiliza o uso utilitário do animal (como guarda, caçador, reprodutor, etc.). Aponta também que os animais podem servir ainda como elemento de chantagem em relações humanas – especialmente nos familiares -, ou como objeto de desejo na zoofilia.



Certamente muitos animais de estimação são ativa e imensamente amados. No entanto, nem todos o são. Eles podem ser tratados como bens, como no direito canadense. Podem ser insultados, podem ser usados como brinquedos, ignorados, negligenciados, abusados cruelmente. Animais de estimação parecem existir em um estado estranho, onde podem ser entes queridos, familiares, amigos, descartáveis, companheiros, fontes de apoio, objetos de frustração, pragas, danos ambientais ou vítimas (WRYE, 2009, p.1039, tradução minha).

De qualquer modo, tal controvérsia vai muito além da relação de humanos com animais de estimação, e vem sendo identificada em algumas pesquisas, tais como a de Napoli, que trata da noção de bem-estar animal na produção pecuária:

Ao revelar a preocupação crescente dos órgãos governamentais com relação à produção de carne no Brasil, ela, ainda que traduza uma preocupação com o bem-estar animal, não significa ainda uma preocupação direta com os animais, mas apenas indireta, muito orientada para que a carne não seja ruim (NAPOLI, 2013, p. 53).

O relatório final da CPI que tratou dos maus-tratos a animais demonstra um pouco disso, pois do texto foi retirada a proibição de rodeios, vaquejadas e clubes de laço, bem como as novas propostas de abate humanitário e proibição de abate de jumentos, que havia no texto original. A alegação foi de que as práticas movimentam a economia e estão ligadas às culturas locais<sup>114</sup>.

Por outro lado, em abril de 2015 foi aprovado na Câmara o projeto de lei que prevê detenção de um a três anos para quem matar cães e gatos. Em 2017, foi sancionada a lei 13.426/2017, referente a política de controle de natalidade de cães e gatos<sup>115</sup>. Em algumas cidades brasileiras já se discutem projetos de lei que permitem que servidores municipais

---

<sup>114</sup> *CPI desiste de tentar proibição de rodeios e vaquejadas*, Disponível em: <<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/fundacao-oficial-do-partido-movimento-politico-animais>>. Acesso em 04 jun. 2016.

<sup>115</sup> *Lei cria política de controle de natalidade de cães e gatos*, disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/03/31/lei-cria-politica-de-controle-de-natalidade-de-caes-e-gatos>>. Acesso em 01 set. 2017.

gozem de licença nojo após a morte de seu animal de estimação<sup>116</sup>. Outros projetos de lei ligados aos cães e gatos envolvem atendimento pelo Sistema Único de Saúde, SAMU animal, cemitério público para animais, liberação dos animais como visitantes a pacientes internados em hospitais, etc.

Quando se pensa a forma como os direitos animais vêm sendo incorporados nos espaços políticos convencionais, é necessário atentar às complexas relações que envolvem Movimentos, Mercado e Estado, considerando ainda os intelectuais especialistas na área e o uso da Internet. De fato, ainda há muito a ser feito na sociologia das relações interespecíficas nesse sentido, num diálogo estreito com outras áreas da sociologia e com demais campos disciplinares.

O debate sobre os direitos animais nos espaços políticos convencionais brasileiros é cercado de ambivalências e interesses bastante distintos. A análise desse cenário deve ser feita a partir de um ponto de vista menos normativo ou ativista, e sim buscando compreender, da maneira mais “neutra” possível, as diversas facetas do processo, a fim de apreender razoavelmente bem tanto as questões estruturais quanto também as questões subjetivas e emocionais que envolvem as relações entre humanos e não-humanos.

O que se verifica é que o discurso da defesa do ecossistema e dos direitos animais ronda a grande maioria de espaços decisórios e projetos de lei. No entanto, quando se aprofunda a análise do conteúdo dos projetos, muitos deles estão tratando de garantir os direitos dos empresários do setor, e em nada se aproximam das propostas dos direitos animais.

Tudo isso leva a crer que as controvérsias existentes na relação entre humanos e pets é exemplar, de alguma maneira, não só da configuração como todas as demais espécies são encaradas pelos humanos, como também das controvérsias que envolvem os próprios indivíduos humanos e suas instituições, entre si.

---

<sup>116</sup> Projeto de lei prevê licença a dono após morte de animal de estimação, disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/09/projeto-de-lei-preve-licenca-dono-apos-morte-de-animal-de-estimacao.html>>. Acesso em 01 set. 2017.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões (e provocações) trazidas ao longo desta tese não devem ser encaradas como críticas aos apaixonados por pets, tampouco como um julgamento raso diante da complexidade que envolve o afeto dos seres humanos por seus animais de estimação – isso seria exatamente o contrário de uma proposta decente de pesquisa sociológica. A questão que me dispus a pensar não é tanto o afeto *em si*, mas todos os aspectos de cuidados e consumo, de tecnologias, de política e economia que o cercam - e que, de certa forma, o (re)definem. Relembro aqui um dos fundamentos da sociologia, aquele correntemente enfatizado por Wright Mills (1972), o de que biografia e história caminham juntas na imaginação sociológica:

Pois essa imaginação é a capacidade de passar de uma perspectiva a outra – da política para a psicológica; do exame de uma única família para a análise comparativa dos orçamentos nacionais do mundo; da escola teológica para a estrutura militar; de considerações de uma indústria petrolífera para estudos da poesia contemporânea. É a capacidade de ir das mais impessoais e remotas transformações para as características mais íntimas do ser humano – e ver as relações entre as duas (WRIGHT MILLS, 1972, p. 13-14).

Essa profunda interdependência entre indivíduo e sociedade é a chave para a compreensão dos fenômenos sociais, como já nos mostraram os sociólogos consagrados. Afinal, “rica ou ousada que seja a imaginação de um indivíduo, ele nunca pode afastar-se muito do padrão contemporâneo de pensamento e discurso (ELIAS, 1994b, p. 79).

Foi nesse sentido que toda esta pesquisa se realizou: relacionando, o tempo todo, as biografias desses humanos e seus animais com as perspectivas mais amplas (e talvez aparentemente distantes) dos investimentos da indústria farmacêutica e de rações, da carreira médico-veterinária e da expansão do mercado de crematórios e cemitérios, dos deputados e vereadores defensores dos direitos animais e dos planos de saúde para cães e gatos. Diante disso, o afeto pelos animais vai sendo redesenhado, ganhando novos traços de *como* amar, o que,

definitivamente, passa longe de ser uma decisão exclusivamente individual.

A presença do pet na dinâmica familiar responde aos imaginários de felicidade e completude, às invocações morais que circundam o universo *pet friendly* – e que dicotomicamente faz amargar que não se enquadra ali. O consumo presente nestas relações interespecíficas não destoa do seu significado geral: o consumo como gerador de sentido, provedor de satisfações e distinções. Seguindo essa tendência, o próprio campo político passa a se apropriar dessas pautas, profundamente embasado na teorias dos ativistas e dos movimentos pelos direitos dos animais. E *pet* passa a ser pet, termo comum, usado na mesa do jantar, no balcão da loja, nas bancadas das casas legislativas.

Então afinal, onde se insere o animal, efetivamente, em toda esta discussão?

O pet, no cenário pesquisado das sociedades urbanas contemporâneas, se apresenta como o centro de um emaranhado de relações. Sua existência é a de um sujeito partícipe/causador de muitos fenômenos sociais, ao mesmo tempo em que se torna objeto destes mesmos fenômenos e relações de poder. Poderíamos pensa-lo a partir das diferentes relações que estabelece (figura 29):

- 1) Relação com o tutor humano, que está ligada aos fatores psicológicos e aos sentimentos (apego, satisfação, prazer, companhia, luto, depressão, etc.);
- 2) Relação com a família multiespécie, que também é psicológica, mas já abrange aspectos sociais, de integração, convivência e coabitação, hábitos de consumo e rotina;
- 3) Relação com o Mercado: encontra-se aqui uma conexão entre o animal que é promovedor do consumo e/ou consumidor e/ou objeto de consumo e empresas ligadas a este setor, cujo discurso de marketing explora as noções de responsabilização, satisfação, distinção e antropomorfização;
- 4) Relação com o Estado, através da formulação de leis ligadas aos direitos animais e regulamentações acerca de produção, comércio e transporte não só de produtos e serviços quanto dos próprios animais.

Figura 29



Todas estas relações sociais estão profundamente interligadas, tendo o animal como sujeito e objeto, e mudam continuamente. A rapidez com que as relações interespecíficas sofrem transformações faz com que as afirmações feitas a respeito deste objeto de pesquisa devam ser muito cuidadosas – atentando para não cair, por outro lado, em um relativismo excessivo.

Uma espécie de pêndulo entre a animalidade e humanidade envolve essas relações, impulsionado pelos diferentes interesses de indivíduos e instituições envolvidas, e atinge não só o processo de luto, mas também os cuidados no adoecimento e no envelhecimento do animal, que, vinculados às políticas de vigilância biopolítica, são explorados nas esferas do Estado e do Mercado. Em meio a essas idas e vindas do pêndulo, está o animal, que de propriedade vai passando a sujeito de direitos, da casinha no quintal pula para a cama dos humanos, deixa os restos do almoço da família e avança para a ração *super premium*. No entanto, diante dos aparentes confortos e regalias, também é cada vez mais vigiado, controlado, burocratizado, civilizado. Se quisermos utilizar aqui a clássica alegoria weberiana, poderíamos dizer que, ao humanizarmos os pets e darmos a eles o privilégio de serem modernos

como nós, lhes abrimos, para que entrem e nos acompanhem, as portas de *Stahlhartes Gehäuse*<sup>117</sup>. Mas as fechamos em seguida.

---

<sup>117</sup> A expressão de Weber passou a ser conhecida no Brasil como “gaiola de aço” (segundo a inexata tradução popularizada por Talcott Parsons), ou do “habitação duro como aço” (conforme prefere Michael Löwy, mais próximo do original), ou ainda como gaiola de ferro ou jaula de ferro em outras traduções.

**BIBLIOGRAFIA**

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne**. SP: Alaúde, 2012.

ALBERNAZ, Lady Selma. Festa brava portuguesa: pessoas humanas e pessoas animais. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, v. 24, n. 1, 2014.

ALVES, José E. D. **A Família DINC no Brasil : algumas características sócio-demográficas**. Rio de Janeiro : IBGE. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2010.

AGOSTINHO, Janaina Jorge; LÉGA, Elzylene. Aplicações clínicas e éticas da eutanásia em pequenos animais. **Nucleus Animalium**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2009.

ARANGUIZ, D.F. A construção de um espaço de mobilização social na internet e a luta pelos direitos animais: um estudo sobre a ANDA. **Cadernos de Comunicação [online]**, v. 17, n. 2, 2014.

ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades: outras palavras**. Editora 34, 1998.

ARLUKE, Arnold. A sociology of sociological animal studies. **Society and Animals**, Leiden, v. 10, n. 4, p. 369-374, 2002.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente – da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Saraiva de bolso, 2012.

ARMSTRONG, Philip. The postcolonial animal. **Society and Animals**, v. 10, n. 4. Leiden: 2002, p. 413-419.

BARROS, José Augusto C. Estratégias mercadológicas da indústria farmacêutica e o consumo de medicamentos. **Revista de Saúde Pública**, v. 17, n. 5, p. 377-386, 1983.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

BERMUDEZ, Jorge Antonio Zepeda. Indústria farmacêutica, estado e sociedade: crítica da política de medicamentos no Brasil. In: **Saúde em Debate.** Série Phármakon. Hucitec, 1995.

BEVILACQUA, Ciméa. Espécies invasoras e fronteiras nacionais: uma reflexão sobre limites do estado. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, v. 24, n. 1, 2014.

\_\_\_\_\_. e VANDER VELDEN, Felipe (orgs.). **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais.** Curitiba: EdUFPR; São Carlos: EdUFSCAR, 2016.

BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens e o método documentário. In: **Revista Sociologias**, ano 9, n. 18, jun/dez 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção – crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2013.

BOWEN, M. **Family therapy in clinical practice.** New York: Jason Aronson, 1978.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Pet Brasil. Secretaria Executiva. **Agenda estratégica 2015/2017.** Brasília: Mapa/ACS, 2014.

BRYANT, Clifton D. The zoological connection: Animal-related human behavior. **Social Forces**, v. 58, n. 2, p. 399-421, 1979.

BURKE, Peter. **Como cresceu a ideia de cuidado.** Vídeo. São Paulo: CPFL, 2014. Disponível em:



<<https://www.youtube.com/watch?v=kx1FbX0Mtxw>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

CAMPELO DE LIRA, Luciana. “O outro lado do muro”: natureza e cultura na ética animalista e no ativismo vegan. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, v. 24, n. 1, 2014

CAPUCHA, Luís. Festas de touros. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, v. 24, n. 1, 2014.

CARVALHO, Raul R. A urbanização do médico veterinário: uma análise preliminar. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 3, nov/1994: 114-123.

CHAVES, Marianna. Disputa de guarda de animais de companhia em sede de divórcio e dissolução de união estável: reconhecimento da família multiespécie? **Direito UNIFACS – Debate Virtual**, n. 187, 2016.

CHUR-HANSEN, Anna. Cremation service suppon the death of a companion animal: views of service providers and serviceusers. **Society & Animals**, Leiden, v. 19, n. 3, p. 248-260, 2011.

COHEN, Karin. **Cuidados Paliativos em Pequenos Animais: Uma Visão Humanista no Fim da Vida** [Trabalho de Conclusão de Curso de Medicina Veterinária]. Brasília: UnB, 2014.

COSTA, Edmara Chaves. **Animais de estimação: uma abordagem psico-sociológica da concepção dos idosos**. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2006.

CROKE, Vicky. **The modernark. The story of zoos: past, present and future**. New York: Scribner, 1997.

DALL’AGNOL, Luciana de s. **Humanos e não-humanos: o aprendizado de novas sensibilidades e responsabilidades em nossas relações de estimação** (dissertação de mestrado – educação). Porto Alegre: PUC-RS, 2016.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Graal, 2011.

DeMELLO, Margo. **Human-Animal Studies – Exploring the Animal-Human bond through a sociological lens**. NY: Lantern, 2010.

DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Mana**, v. 4, n. 1, p. 23-45, 1998.

\_\_\_\_\_. La antropología y la cuestión de la naturaleza. In: CRONON, W. *et al.* **Repensando la naturaleza: encuentros y desencuentros disciplinarios en torno a lo ambiental**. Bogotá: Univ. Nacional de Colombia, 2002.

DICKENS, Peter. The Labor Process: How the Underdog is Kept Under. **Society & Animals**. Vol 11, n.1, Leiden: 2003, p. 69-72.

DICKINSON, George E.; ROOF, Paul D.; ROOF, Karin W. End-of-life issues in United States veterinary medicine schools. **Society & Animals**, Leiden, v. 18, n. 2, p. 152-162, 2010.

DIGARD, Jean-Pierre. **Les français et leurs animaux – ethnologie d'un phénomène de société**. Paris: Fayard, 1999.

\_\_\_\_\_. A biodiversidade doméstica. Uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 205-223, 2012.

DOWBOR, M. Ocupando o Estado: análise da atuação do Movimento Sanitário nas décadas de 1970 e 1980. In: CARLOS, E.; OLIVEIRA, O.P; ROMÃO, W.M. (orgs.) **Sociedade civil e políticas públicas. Atores e instituições no Brasil contemporâneo**. Chapecó: Argus, 2014, p. 83-122.

DRISCOLL, Carlos e MACDONALD, David. “Top dogs: Wolf domestication and wealth.” In: **Journal of biology**. [online]. Vol. 9, n. 10, 2010.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador – volume I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

\_\_\_\_\_. **Introdução à sociologia**. Lisboa: edições 70, 1998.

\_\_\_\_\_. **Teoría del símbolo: un ensayo de antropología cultural**. Barcelona: Península, 2000.

\_\_\_\_\_. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIZEIRE, Mariane Brascher. **Expansão do mercado pet e a importância do marketing na medicina veterinária**. (Trabalho de Conclusão apresentado no curso de Medicina Veterinária). Porto Alegre: UFRGS, 2013.

ERIKSON, Philippe. Animais demais... os xerimbabos no espaço doméstico matis (Amazonas). **Anuário Antropológico**, n. II, p. 15-32, 2012.

FARACO, Ceres Berger. Interação humano-animal. **Ciência veterinária nos trópicos**, v. 11, p. 31-35, 2008.

FARACO, Ceres Berger; SEMINOTTI, Nedio. Sistema social humano-cão a partir da autopoiese em Maturana. **Psico**, v. 41, n. 3, p. 4, 2010.

FELIPE, Sônia T. “Fundamentação ética dos direitos animais. O legado de Humphry Primatt. **Revista brasileira de Direito Animal [online]**, v 1., n. 1, 2014.

FILHO, José Marques. A dimensão bioética dos conflitos de interesses na relação entre médico e indústria farmacêutica. **Revista Brasileira de Clínica Médica**, v. 8, n. 2, p. 148-53, 2010.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. ed. 3. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FRANCIONE, Gary. **Introdução aos direitos animais – seu filho ou o cachorro?** Campinas: Unicamp, 2013.

FREITAS, E. P; RAHAL, S.C. e CIANI, R.B. Distúrbios físicos e comportamentais em cães e gatos idosos. **Archives of Veterinary Science**, v. 11, n. 3, p. 26-30, 2006.

GAEDTKE, Kênia M. Relações entre humanos e animais de estimação: pela defesa de um olhar sociológico. *In: Anais do 38º Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) (online)*. Caxambu: ANPOCS, 2014.

\_\_\_\_\_. A medicalização da vida animal: afeto, cuidado e consumo na relação entre humanos e seus animais de estimação. *In: Anais do Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia – ALAS*. San Jose: ALAS, 2015.

\_\_\_\_\_. Reflexões Sobre a Morte e o Luto em Famílias Multiespécies. *In Anais da 11th International Conference on Interdisciplinary Social Sciences*. Londres: Common Ground, 2016a.

\_\_\_\_\_. Os debates sobre direitos animais em espaço políticos brasileiros: ampliação e ambivalências das relações interespecíficas. *In: Anais do XXI Seminário Acadêmico Internacional da Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Catalunha*. Barcelona: 2016b.

\_\_\_\_\_. Cães, gatos, mães e *pet sitters*: a relação entre humanos e animais de estimação e seus contrapontos. *In: Anais da Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia – REACT*. São Paulo: USP, 2017.

GARCIA, Uirá F. O funeral do caçador: caça e perigo na Amazônia. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 33-55, 2012.

GARNER, Robert. Political Science and animal studies. **Society and Animals**. v. 10, n. 4. Leiden: 2002, p. 395-401.

GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan. **Teoria Social Hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

GIRONA, Lourdes; ROVIRÁ, Joan; HOMEDES, Núria (Eds.). **Medicamentos – entre la salud y el mercado**. Barcelona: Icaria/Antrazyt, 2009.

HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue – ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: TADEU, Tomaz (org.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARRIS, Marvin. **Vacas, cerdos, guerras y brujas**. Madrid: Alianza, 2001.

ILLICH, Ivan. **A expropriação da saúde: nêmesis da medicina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

INGLEHART, R. **Modernización y posmodernización: el cambio cultural, económico y político en 43 sociedades**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas/Siglo Veintiuno, 2001.

INGOLD, Tim. **What is an animal?** New York: Routledge, 1994a.

\_\_\_\_\_. **Companion Encyclopedia of Anthropology**. London/NY: Routledge, 1994b.

\_\_\_\_\_. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 10, 1995.

\_\_\_\_\_. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London/NY: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. London/NY: 2011

JOY, Melanie. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas – uma introdução ao carnismo**. São Paulo: Cultrix, 2014.

KOWALSKI, Gary. **Adiós, Toby. Cuandomuere tu mascota**. ed. 2. Barcelona: Plataforma, 2008.

KULICK, Don. “Animais gordos e a dissolução das fronteiras entre as espécies”. In: **Revista Mana [online]**, v. 2, n. 15, 2009.

KRUSE, Corwin R. “Social Animals: animal studies and sociology”. In: **Society&Animals [online]**. Leiden, v.10, n 4, 2002.

LAPLANTINE, François. **Antropologia da doença**. ed. 4. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2010.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

\_\_\_\_\_. **Jamais fomos modernos**. ed. 3. São Paulo: Editora 34, 2013.

LESNAU, Giuliano Gustavo; SANTOS, Franklin Santana. Formação dos acadêmicos de medicina veterinária no processo de morte e morrer. **Bioscience Journal**, v. 29, n. 2, 2013.

LESTEL, Dominique. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: UFSC, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Prólogo. In: **História de la Familia (Tomo I) – mundos lejanos, mundos antiguos**. Madrid: Alianza, 1988.

LEWGOY, Bernardo; SORDI, Caetano. Devorando a carcaça. Contra cozinhas e dietas alternativas na alimentação animal. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 159-175, 2012.

\_\_\_\_\_. O que pode um prion? O caso atípico de Vaca Louca no Brasil e seus desdobramentos. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, v. 24, n. 1, 2014.

LEWGOY, Bernardo; SORDI, Caetano; PINTO, Leandra Oliveira. Domesticando o Humano: para uma antropologia moral da proteção animal. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 17, n. 2, p. 075-100, 2015.

LIMA, João Vicente R. B. C. **Novas Formas Relacionais, Valores Ambientais e Reestruturação do Conjunto da Vida: os indivíduos e seus bichos na cidade de Brasília**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, 2002.

Lima, Clara Cynthia M. **Entre a Estima pelo Animal e o Risco à Saúde: os Saberes e as Experiências dos Proprietários de Cães com Leishmaniose** (Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política). Florianópolis: 2015.

LIMA, Maria Helena C. C. De A. **Animais de estimação e civilidade: a sensibilidade de empatia interespecie nas relações com cães e gatos** (Tese de doutorado – programa de Pós-graduação em sociologia). Recife: UFPE, 2016.

LORENZ, Konrad. **Civilização e pecado – os oito erros capitais do homem**. São Paulo: Círculo do livro, 1973.

MACEDO, Luís Otávio Bau. Modernização da pecuária de corte bovina no Brasil e a importância do crédito rural. *In: Agroanalysis*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 6, p. 35-36, 2005.

MACHADO, Rosa Teresa Moreira; ZYLBERSZTAJN, Decio. Coordenação do sistema da carne bovina no Reino Unido: implicações da rastreabilidade e da tecnologia de informação. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 6, n. 1, 2011.

MANTOVANI, M. “Gestão Dilma é a pior da história para o meio ambiente, diz ambientalista”. **FOLHA DE SÃO PAULO [online]**. 19/01/2014. Entrevista concedida a Ricardo Mendonça.

MARTINEAU, Harriet. “Dogs: Unauthorized, Unclaimed, and Vagabond.” *In: Sociological Origins* 3(1):7–9, 2003.

MARTÍNEZ HERNÁNDEZ, Ángel. Antropología versus psiquiatría: el síntoma y sus interpretaciones. **Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría.**, v. 18, n. 68, p. 645-659, 1998.

\_\_\_\_\_. La mercantilización de los estados de ánimo – el consumo de antidepresivos y las nuevas biopolíticas de las aflicciones. **Política y Sociedad**, 2006, Vol. 43 Núm. 3: 43-56.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. SP: Hucitec, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2013.

MATEUS, Elsa F. **Animais à mesa: zoonoses e estratégias no consumo de carne** (dissertação de mestrado – antropologia social e cultural). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2009.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MAZON, Marcia da Silva; DE MOURA, Wandgleisom Garcia. Cachorros e humanos: mercado de rações pet em perspectiva sociológica. **Civita - Revista de Ciências Sociais**, v. 17, n. 1, p. 138-158, 2017.

MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva: 2001.

MEDITSCH, Renata G. M. **O médico veterinário, as zoonoses e a saúde pública: um estudo com profissionais e clientes de clínicas de pequenos animais em Florianópolis, SC, Brasil**. (Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública). Florianópolis: UFSC, 2006.

MORIN, Edgar. **El hombre y la muerte**. Barcelona: Kairós, 1999.

MORRIS, Desmond. **El mono desnudo**. Barcelona: Orbis, 1985.

MOYNIHAN, Ray; WASMES, Alain. Os vendedores de doenças. **Le Monde Diplomatique (online)**, 2006.



MOURA, W. G. **A construção social do mercado pet food no Brasil: estudo de caso da família Sens**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) Departamento de Sociologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

NAPOLI, R. B. Animais como pessoas? O lugar dos animais na comunidade moral. In: **Princípios Revista de Filosofia**, v. 20, n. 33, p. 47-78, Natal, 2013.

NOVOA, Alejandro A. Prólogo. In: VELÁSQUEZ, Germán e CORREA, Carlos. **El acceso a los medicamentos en el contexto de los acuerdos internacionales de comercio y las nuevas reglas de propiedad intelectual**. Bogota: Antropos, 2008.

OLIVEIRA, Déria de. **O luto pela morte do animal de estimação e o reconhecimento da perda** (tese de doutorado em psicologia clínica). SP: PUC, 2013.

OLIVEIRA, Samantha B. C de. **Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção** (Dissertação de Mestrado – PPGSA/IFCS/UFRJ). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

OSÓRIO, Andréa B. “Alguns aspectos simbólicos acerca do gato”. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 12, n. 1, 2, p. 233-259, 2010.

\_\_\_\_\_. Posse responsável: moral, ciência e educação ambiental em um grupo de protetores de gatos de rua. In: **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v.3, n.2, jul.-dez., p.51-75, 2011.

\_\_\_\_\_. Gatos também amam! Uma análise das perspectivas de protetores de gatos de rua. In: **Anais da 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia (RBA)**. São Paulo, SP, 2012.

\_\_\_\_\_. Compaixão, moral e sofrimento animal entre protetores de gatos de rua. In: **Revista Iluminuras**, v. 17, n. 42 (2016).

PAYER, Lynn. **Disease-Mongers: How doctors, drug companies and insurers are making you feel sick**. New York: John Wiley & Sons, 2002.

PASTOREAU, Michel. **Os animais célebres**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PASTORI, Érica O. **Perto e longe do coração selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul** (Dissertação de Mestrado – PPGAS/UFRGS). Porto Alegre: 2012.

PASTORI, Érica Onzi; DE MATOS, Liziane Gonçalves. Da paixão à “ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, 2016.

PESSANHA, Lavinia e PORTILHO, Fatima. Comportamentos e padrões de consumo familiar em torno dos “*pets*” **IV ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo**. Rio de Janeiro: 2008.

PESSANHA, Lavinia e CARVALHO, Roberto Luís. Famílias, animais de estimação e consumo: um estudo do marketing dirigido aos proprietários de animais de estimação. **Signos do Consumo**, v. 6, n. 2, p. 187-203, 2015.

PIGNARRE, Philippe. **El gran secreto de la industria farmacéutica**. Barcelona: Gedisa, 2005.

POWELL, Christopher e DÉPELTEAU, François (ed.). **Conceptualizing relational sociology**. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

PULZ, Renato Silvano *et al.* A eutanásia no exercício da medicina veterinária: aspectos psicológicos. **Veterinária em Foco**, v. 9, n. 1, 2014.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, LucVan. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. ed. 2. Lisboa: Gradiva, 1998.

RIBEIRO, E.; BORBA, J. Participação e pós-materialismo na América Latina. **Opinião Pública**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 28-64, Junho 2010.

RODRIGUES, José C. **Tabu da morte**. ed. 2. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, Nina T.; FLAIN, Valdirene S.; GEISSLER, Ana Cristina J. O animal de estimação sob a perspectiva da tutela jurisdicional: análise das decisões do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira dos Direitos Animais**, V. 11, N. 22, p. 83 -119, maio a agosto, 2016.

ROMANÍ, Oriol (ed.). **Etnografía, metodologias cualitativas e investigación en salud: un debate abierto**. Tarragona: URV, 2013.

SÁ, Guilherme. Outra espécie de companhia. Intersubjetividade entre primatólogos e primatas. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 77-110, 2012.

SAID, Rosa Valéria Azevedo. **A percepção popular da leishmaniose tegumentar americana**: Estudo sociológico realizado junto a família de baixa renda da localidade de Pau da Fome (Jacarepaguá-RJ). Tese de Doutorado. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública, 1984.

SANDERS, Clinton R. “The Sociology of Nonhuman: Animals and Society”. In: CLIFTON, D. Bryant & DENNIS L. Peck (ed.). **21st Century Sociology: A Reference Handbook** (vol. 2). London: Sage, 2007, p. 2-7.

SANTOS, Pedro. Algumas questões relativas ao encaminhamento de cães e gatos para adoção. In: **R@u- Revista de Antropologia da UFSCar**, vol. 7, número 1, jan/jun 2015.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel; STOECKLI, Pedro. O que é um humano? Variações da noção de domesticação em Tim Ingold. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 227-246, 2012.

SCIOSCIA, Pablo. “Amor canino – Romeu, minha namorada e eu: as dificuldades de uma vida à três”. In: **Revista Piauí**. SP: Abril, maio de 2014.

SCLIAR, Moacyr. *Enigmas da culpa*. São Paulo: Editora Objetiva, 2006.

SEGATA, Jean. **Nós e os outros humanos, os animais de estimação** [tese de doutorado]. Florianópolis: PPGAS/UFSC. 2012.

\_\_\_\_\_. Os cães com depressão e os seus humanos de estimação. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 177-204, 2012b.

\_\_\_\_\_. A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, v. 24, n. 1, 2013.

\_\_\_\_\_. Gatos fidalgos, cálculos renais e as humanidades dos animais de estimação. **Vivência – Revista de Antropologia**, n. 44, 2014, p. 85-104.

\_\_\_\_\_. Quando o animal dura mais que a estimação. **Mana**, v. 22, n. 3, p. 831-856, 2016.

SERPELL, James. *In the company of animals: A study of human-animal relationships*. Cambridge University Press, 2011.

SINGER, P. **Animal liberation**. RandomHouse, 1995.

SOUZA, C. Movimento dos Direitos Animais e seus Quadros para mobilização. **Revistae-Com**, v. 8, n. 2, 2016.

STEIGER, Andreas. “Animales de compañía: alojamiento, reproducción y bienestar”. In: VÁRIOS AUTORES. **Bienestar animal**. Zaragoza: Acribia, 2007.

STRIVAY, Lucienne; MOUGENOT, Catherine. Nada dá certo. Pequenos quadros controversos de geopolítica do coelho. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 135-158, 2012.

SUSSEKIND, Felipe. A onça-pintada e o gado branco. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 111-134, 2012.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. ed. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Monadologia e Sociologia**. SP: Cosac Naify, 2007.

TATIBANA, Lilian S. e COSTA-VAL, Adriane P. “Relação homem – animal de companhia e o papel do médico veterinário”. **Revista veterinária e Zootecnia em Minas**. Ano 28, n. 103, 2009. Belo Horizonte: CRMV.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural – mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VANDER VELDEN, Felipe. ‘A gente chama de qualquer jeito’. Notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia. **Revista Antropológicas**, v. 24, n. 1, 2014.

VIANNA, João. Entre donos de pets, primatólogos, caçadores e xamãs baniwa: algumas comparações acerca do humano e não humano. **Revista de Antropologia da UFSCAR**. São Carlos: UFSCAR, vol.7, n. 1, 2015, 126-149.

VLAHOS, James. “Animais de estimação movidos a drogas”. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 449-469, setembro 2008.

WAIZBORT, Leopoldo (org.) **Dossiê Norbert Elias**. ed. 2. SP: Edusp, 2001.

WEBER, Max. **The Theory of Social and Economic Organization**. New York: Free Press, 1947.

WILLERSLEV, Rane. Percepções da presa. Caça, sedução e metamorfose entre os Yukaghirs da Sibéria. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 57-75, 2012.

WRIGHT MILLS, C. A **imaginação sociológica**. ed. 3. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

WRYE, Jen. “Beyond pets: exploring relational perspectives of petness”. *In*: **Canadian Journal of Sociology/Cahiers canadiens de sociologie (online)**. 34(4), 2009.